



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH-III
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO MULTIDISCIPLINAR EM
EDUCAÇÃO, CULTURA E TERRITÓRIOS SEMIÁRIDOS – PPGESA**

EDVAN FERREIRA CAJUHY

**ACADEMIA DE LETRAS E ARTES DE SENHOR DO BONFIM – ACLASB: UM
ESPAÇO CULTURAL E DE EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR NO SEMIÁRIDO
BRASILEIRO**

**JUAZEIRO
2024**

EDVAN FERREIRA CAJUHY

**ACADEMIA DE LETRAS E ARTES DE SENHOR DO BONFIM – ACLASB: UM
ESPAÇO CULTURAL E DE EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR NO SEMIÁRIDO
BRASILEIRO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA), do Departamento de Ciências Humanas, Campus III, Universidade do Estado da Bahia (UNEB), para obtenção do título de Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos.

Linha de pesquisa: 1 Educação Contextualizada para Convivência com o Semiárido

Orientador: Prof. Dr. Josemar da Silva Martins, Pinzoh.

JUAZEIRO
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
por Regivaldo José da Silva/CRB-5-1169

C139a Cajuhy, Edvan Ferreira

Academia de letras e artes de Senhor do Bonfim – ACLASB: um espaço cultural e de educação não escolar no semiárido brasileiro / Edvan Ferreira Cajuhy, Edvan Ferreira Cajuhy. Juazeiro-BA, 2024.

146 fls.: il.

Orientador(a): Prof. Dr. Josemar da Silva Martins Pinzoh.

Inclui Referências.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas DCH-III. Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA, Campus III. 2024.

1. Práticas educativas. 2. Educação não escolar. 3. Semiárido brasileiro. 4. Cultura no semiárido. 5. Literatura do semiárido. I. Pinzoh, Josemar da Silva Martins. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas – DCH-III. III. Título.


CDD: 370.71

FOLHA DE APROVAÇÃO


“ACADEMIA DE LETRAS E ARTES DE SENHOR DO BONFIM – ACLASB: UM ESPAÇO CULTURAL E DE EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO”

EDVAN FERREIRA CAJUHY


Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA, em 17 de abril de 2024, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 JOSEMAR DA SILVA MARTINS
Data: 23/04/2024 07:18:38-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor Dr. JOSEMAR DA SILVA MARTINS (Orientador)
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Documento assinado digitalmente
 COSME BATISTA DOS SANTOS
Data: 30/04/2024 13:08:07-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor Dr. COSME BATISTA DOS SANTOS (Avaliador Interno)
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Doutorado em Linguística Aplicada
Universidade Estadual de Campinas – Unicamp

Documento assinado digitalmente
 PEDRO PAULO SOUZA RIOS
Data: 17/04/2024 12:33:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor Dr. PEDRO PAULO SOUZA RIOS (Avaliador Externo)
Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS
Doutorado em Educação
Universidade Federal de Sergipe – UFS

Dedico essa dissertação à minha mãe, Joana Maria dos Santos (*in memorian*), pelo amor, carinho e conselhos a mim concedidos em vida, no incentivo da busca constante no caminho da perseverança e do conhecimento.

Aos meus familiares, colegas de curso, confrades e congreiras da ACLASB e a todos os professores que buscam dedicar-se à educação e, através dela, transformar a sociedade.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus-Criador de todas as coisas em suas diversas manifestações e nomes, que, até aqui, me proporcionou força, coragem, perseverança, sabedoria, humildade e serenidade, fazendo com que nunca desista do meu caminho e sonhos. Por Ele ter me concedido todos os elementos necessários para superar todos os desafios, guiando-me até aqui.

Ao Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA, e seus docentes, pela disponibilidade e carinho ao me acolher, proporcionando-me acesso a novos e aprofundados conhecimentos. Provocaram uma reflexão mais aprofundada, ampla e crítica sobre ensino, educação, cultura e territórios semiáridos através dos debates, nos encontros, seminários, sempre procurando contribuir da melhor forma com a nossa formação através dos conhecimentos apresentados no programa.

À diretora do Departamento de Ciências Humanas III, professora Dr^a Edonilce Barros pelo carinho e acolhida a toda turma e comigo o cuidado em estar contribuindo com a logística de instalação da minha pessoa em Juazeiro para experienciar o curso de Mestrado de forma efetiva.

Aos funcionários do programa de mestrado: Cleide, Rafaela, Elenice; ao técnico de informática, Léo; e aos demais funcionários que sempre se colocaram à disposição dos estudantes do PPGESA.

À turma 2022, em especial: Naiara Bamberg, Lindemberg Almeida, Barbara Elisa e Marcos Pirlo e demais colegas do curso e da universidade pela acolhida a mim dispensada, que acompanharam e contribuíram de alguma forma com essa minha caminhada de construção e formação, que, entre compromissos diversos e a correria, ainda conseguimos construir laços de colegismo e amizade, que, com empatia, fomos capazes de ajudar uns aos outros.

Ao poder público municipal de Senhor do Bonfim – BA, através da Secretaria Municipal de Educação – SEMED, que me concedeu licença para dedicação exclusiva ao curso de mestrado.

À Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim – ACLASB, na pessoa do presidente professor Jackson Roberto Santana e demais membros pela acolhida da pesquisa e incentivo, bem como a disponibilidade em atender-me e disponibilizar o seu acervo e documentos.

Aos colaboradores da pesquisa, professores, artistas, membros da ACLASB e público geral.

Aos amigos (as) italianos(as) que me acolheram durante o intercâmbio internacional Brasil/Itália, Intereuriland Smart, principalmente Francesco Zucchini, Luca, Luciano, Ariana, Cristina, Viola, Adele (todos da casa Sorio), Michele Lucchin, nosso arquiteto que ensinou muito, ao Berg e a mim, sobre a arquitetura antiga italiana, aos amigos bengaleses, que, através de suas experiências e diálogos conosco, nos proporcionaram conhecer mais sobre a cultura de Bangladesh e o continente asiático.

Ao professor Dr. Nicola Andrian, pela oportunidade do Intercâmbio Internacional Brasil/Itália que muito contribuiu para a minha formação, a Roberta Lorenzetto, responsável pela Cooperativa Porto Alegre de Rovigo e a Isabella Polloni - Presidente da Associação EnARS de Pádova e aos voluntários e funcionários da Cooperativa Porto Alegre.

Ao meu professor-orientador Dr. Josemar da Silva Martins Pinzoh, que foi sempre um orientador provocativo, apontando o caminho a seguir pautado sempre no diálogo e proporcionando-me reflexões acerca dos conhecimentos apresentados nos meus estudos, as problematizações para a compreensão de uma educação ampla, crítica e contextualizada. Com leveza, mostrou que sempre somos capazes de criar e recriar.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram com a minha formação.

Muito obrigado! Muchas gracias! Grazie mille!

“Há sempre uma cumplicidade nos processos culturais e educativos, um se alimenta do outro e vai contribuindo para formação do homem e da mulher ideal para o contexto social no qual estes vivem e pensam o que deve ser ensinado e aprendido como estratégia fundamental de sustentabilidade e continuidade da vida nos diversos e distintos territórios”

(Edmerson dos Santos Reis; Josemar Martin Pinzoh, 2016, p. 9).

RESUMO

A presente pesquisa é sobre a Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim – ACLASB, um espaço cultural e de educação não escolar, que se apresenta como um estudo de caso qualitativo, com uma abordagem fenomenológica, que teve como coleta de dados a análise documental e entrevistas narrativas. A pesquisa busca responder a seguinte questão problema: “Como se constitui a dimensão educativa no conjunto das ações culturais da ACLASB?”, tendo como objetivo geral: investigar como se constitui a dimensão educativa no conjunto das ações culturais da ACLASB. Para tanto, a pesquisa fundamenta-se em alguns autores como: Zilles (2007); Martini (1998/1999); Husserl (1989), sobre a fenomenologia; Gohn, M. G (2016, 2009 e 2015), educação não formal; Silveira; Córdova (2009), sobre métodos de pesquisa; e outros. Já o conceito de cultura tem como base: Laraia (2001); Guattari, F.; Rolnik, S (2022); o conceito de semiárido fundamenta-se em Martins (2002, 2006); Malvezzi (2007); Gomes (1998) e Albuquerque JR. (2011) e educação contextualizada para a convivência com o semiárido, também: Martins (2002, 2006), Pinzoh (2012); Menezes e Reis (2016); e outros. Assim sendo, o presente trabalho apresenta resultados em relação a investigação, em que se propôs aos aspectos educativos da ACLASB e revelando um espaço cultural, mas também, como um espaço de educação não escolar e educação informal, bem como a interação da ACLASB com a escola.

Palavras-chave: ACLASB; educação não escolar; semiárido brasileiro; cultura; literatura.

RESUMEN

Esta investigación trata sobre la Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim - ACLASB; un espacio cultural y de educación no escolar. Se trata de un estudio de caso cualitativo, con enfoque fenomenológico, que utilizó el análisis documental y entrevistas narrativas para la recogida de datos. La investigación pretende responder a la siguiente pregunta problema: ¿Cómo se constituye la dimensión educativa en el conjunto de las actividades culturales del ACLASB? El objetivo general es investigar cómo se constituye la dimensión educativa en todas las actividades culturales del ACLASB. Para ello, la investigación se basa en algunos autores como: Zilles (2007); Martini (1998/1999); Husserl (1989), sobre fenomenología; Gohn, M. G (2016, 2009 y 2015), sobre educación no formal; Silveira; Córdova (2009), sobre métodos de investigación; y otros. El concepto de cultura se basa em: Laraia (2001); Guattari, F.; Rolnik, S (2022); el concepto de semiárido se basa em: Martins (2002, 2006); Malvezzi (2007); Gomes (1998) y Albuquerque JR. (2011); y la educación contextualizada para la convivencia con el semiárido, También: Martins (2002, 2006), Pinzoh (2012); Menezes y Reis (2016); y otros. Como tal, este trabajo presenta resultados en relación con la investigación que propuso en los aspectos educativos de ACLASB, revelándolo como un espacio cultural, sino también como un espacio para la educación no escolar y la educación informal, así como la interacción entre ACLASB y la escuela.

Palabras clave: ACLASB; educación no escolarizada; semiárido brasileño; cultura; literatura.

SUMÁRIO

1. AO SOM DA LIRA INTRODUTÓRIA.....	11
2. ACORDES E VERSOS METODOLÓGICOS.....	18
2.1 FILIAÇÃO EPISTEMOLÓGICA DA PESQUISA.....	18
2.2 TIPO DE PESQUISA.....	24
2.3 INSTRUMENTOS DE PRODUÇÃO DE DADOS.....	24
2.4 SUJEITOS DA PESQUISA.....	26
2.5 INDICAÇÕES DE ANÁLISE DOS DADOS.....	28
3. CONSONÂNCIAS E DISCREPÂNCIAS (MEMÓRIAS E MEMORÁVEIS) - DA GRÉCIA AO BRASIL: UMA BREVE HISTÓRIA DAS ACADEMIAS.....	31
4. PÁGINAS BONFINENSES.....	41
4.1 CASA DE IMORTAIS: Luzes do Alvorecer.....	43
4.2 CASA DE IMORTAIS – ACLASB.....	56
4.3 AD IMMORTALITATEM.....	69
5. NARRATIVAS “DA TERRA DO SOL”: O SEMIÁRIDO BRASILEIRO.....	76
5.1 O SEMIÁRIDO E SUA CULTURA.....	80
5.2 O SEMIÁRIDO E A LITERATURA: LUGAR DE SUA INVENÇÃO A PARTIR DOS ESCRITORES DA ACLASB.....	83
6. EDUCAÇÃO SEMPRE.....	88
6.1 EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA E LITERATURA DA ACLASB.....	92
6.2 EDUCAÇÃO ESCOLAR, NÃO ESCOLAR E INFORMAL.....	100
7. ACLASB: VISÃO DE TRÊS GLÓRIAS - DOCUMENTOS, ENTREVISTAS NARRATIVAS E TEORIA.....	104
7.1 ACLASB E A FORMAÇÃO: ESPAÇO CULTURAL E DE EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR	115
7.2 ACLASB E ESCOLA - INTERAÇÃO COM A EDUCAÇÃO ESCOLAR.....	124
7.3 ACLASB E O SEU ACERVO.....	128
7.4 CAMINHO: CRÍTICAS E DESAFIOS.....	131
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	135
REFERÊNCIAS.....	138

1. “AO SOM DA LIRA” INTRODUTÓRIA

Amemos, então, a poesia, não deixemos que ela morra, nem mesmo permitamos que ela, em alto nível, diminua os seus admiráveis acordes. Convido, pois, a todos os nossos benévolos leitores a peregrinarem por este mundo orando e sorrindo, cantando e trabalhando, lutando e vencendo ao som da lira (Silva, 1997, p.8).

Ao som da lira é o título da obra poética de Dom Jairo Rui Matos da Silva (1929-2007), publicada em 1997. O autor foi membro da Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim (ACLASB), tornando-se patrono depois da alteração de estatuto em 2011. A obra citada é uma coletânea com setenta e um (71) poemas com diversos temas, principalmente, religiosos, social e hinos comemorativos.

Suas poesias, nesta obra, são todas em estrofes com versos variados, mas, quase todos, com rimas, ritmando a sua recitação, transmitindo musicalidade, tal qual uma lira, sendo, pois, um instrumento de corda muito citado na Bíblia e obras poéticas clássicas, desde os tempos mais remotos. Rocha nos diz que:

Os instrumentos de corda, especialmente a lira, eram os mais importantes e os mais valorizados entre os gregos antigos. [...]. A lira estava associada ao culto de Apolo e, por isso, era muito respeitada. Ela era também o principal instrumento musical usado na educação dos jovens, já que era fácil de manusear e seu timbre inspirava serenidade, nobreza e virilidade (Rocha, 2009, p.154).

Quando o autor apresenta essa definição sobre a lira, além de associá-la ao culto do deus Apolo, ele ressalta que era um instrumento “usado na educação”, o autor também traz a descrição da feitura de uma lira, destacando as descrições relacionadas às cordas.

[...]. As liras, comumente, tinham quatro ou sete cordas, mas liras de três e de cinco cordas também aparecem nas figurações. Mas este era o número de cordas mais habitual na tradição musical grega. A partir do século V a.C. começam a aparecer liras com mais cordas, [...]. O termo ‘lira’ era um nome genérico que, mais do que um único instrumento, designava um grupo de instrumentos, a já mencionada família das liras. O número de cordas da lira certamente permaneceu o mesmo, o tradicional sete, mesmo depois da revolução do século V a.C. (Rocha, 2009, p. 154-155).

Rocha, referindo-se ao “*Hino Homérico a Hermes*” ainda descreve presente na lira uma mesa que servia como caixa de ressonância:

O poema não nos dá outros detalhes sobre a construção da lira, mas sabemos através de outras fontes que as cordas eram presas na parte de baixo do instrumento e passavam por cima de um tipo de ‘mesa’ (magas). Essa mesa tinha como função dar firmeza às cordas e transmitir as vibrações delas para a caixa de ressonância (Rocha, 2009, p. 14).

Esta pequena descrição sobre a lira serve-nos para demonstrar a relação da obra usada como título introdutório deste trabalho de pesquisa e para ilustrar a obra poética de Dom Jairo com a musicalidade, a serenidade e, nesta dissertação, foi usada como metáfora de harmonização do todo dessa tessitura textual com as partes e vice-versa. Essa lira introdutória apresenta sete cordas que se iniciam com a introdução e vão até o capítulo que traz como título: *ACLASB: Visão de Três Glórias - Documentos, Entrevistas Narrativas e Teoria*. Além das sete cordas (capítulos), tem mais uma corda que são as considerações finais.

A ACLASB foi idealizada pelo professor Paulo Batista Machado, juntamente com outras pessoas da comunidade bonfinense, tendo sido fundada em 05 de dezembro de 1991, situada no município de Senhor do Bonfim, no centro-norte da Bahia, no Território de Identidade do Piemonte Norte do Itapicuru, no Semiárido Brasileiro.

Senhor do Bonfim é uma cidade que parece sempre ter sido pujante e efervescente com movimentados acontecimentos artístico-culturais, através dos serviços de alto-falantes da Rádio Cultural de Bonfim ou Sociedade Cultural de Bonfim, entre 1943 e 1945, por ideia de Caio Felix Martins que, posteriormente, tornou-se membro da ACLASB, em 1948, foi fundada a Rádio Dom Henrique, que apresentava uma programação cultural e religiosa boa para a época, principalmente aos domingos, voltadas para as crianças, mais tarde, teve um serviço radiofônico chamado a Voz do Comércio (Freitas, 2018).

Já na década de 1980, foi fundada a Rádio Caraíba, que promoveu a Gincana Estudantil da Primavera, durante muitos anos, sempre no dia do seu aniversário, em 15 de setembro, através de um dos seus locutores/repórteres Francisco Alberto da Silva Rocha (Tito Rocha, membro da ACLASB), que também incentivou os festejos juninos com a realização do Forró Grito, que era uma noite de São João pelas ruas e bairros da cidade. Já na década de 90 do século XX, foi fundada a Rádio Rainha FM.

São vários movimentos artístico-culturais, bem como, surgimento de muitos artistas, músicos, escritores, poetas, artistas plásticos, atores e atrizes em Bonfim. Estamos falando da segunda metade do século XX. Silva (2018) nos revela que na primeira metade do século XX,

a cidade de Senhor do Bonfim também teve uma movimentada cena artístico-cultural que englobava espetáculos teatrais, circenses, musicais e exposições cinematográficas.

Neste contexto, que antecede a ACLASB, revela que ela surgiu como uma continuidade dessa efervescência e produção. Desde a sua idealização e preparação, é como se ela surgisse da necessidade desta continuidade, sendo surpreendente e interessante a sua existência, como nos afirma Rodrigues:

Momento surpreendente, interessante quanto aos preparatórios para fundação da ACLASB, em 5 de dezembro de 1991. Reuniões de criação das cadeiras e seus imortais. [...]. Abriu-se um leque de convite a todos intelectuais, poetas, músicos, artistas plásticos, comunicadores da rádio, atores e atrizes, educadores, pessoas populares que porventura, exercitasse qualquer tipo de arte (Rodrigues, 2022, relato escrito).

Não tendo registros que descrevessem o processo de preparação para a fundação desta academia, o relato acima emerge da escrita do membro fundador como processo de lembranças dos momentos de idealização e preparação para a fundação da ACLASB.

Verossímil à Academia Brasileira de Letras (ABL), que no seu início sem sede própria e se reunia em diversos lugares (Oliveira, 2009), a ACLASB, nos seus 32 anos de existência, perambulou por vários imóveis da cidade, ainda não conquistando sua sede própria. Já funcionou no Centro Cultural Ceciliano de Carvalho, Salão do Fórum Edgard Simões, no antigo Tiro de Guerra, na Sociedade União e Recreio, na Câmara Municipal de Vereadores, nas casas dos seus membros, às vezes, dificultando os trabalhos e perdendo documentos, funcionando, atualmente, num anexo da Biblioteca Municipal Zenáurea Therezinha Campos Dias, na praça Alexandre Góes.

Tais fatos de perambulação da ACLASB, por vários imóveis pela cidade e até mesmo em casa de membros, parece revelar que o poder público municipal, desde a sua fundação, não deu a importância devida à Academia enquanto espaço cultural, que fomenta a cultura, as artes, a literatura e a educação, neste município. Fica explícito um descompromisso nesta situação da falta de imóvel, que nunca lhes foi cedido para sua instalação e permanência definitiva, ficando, ela, perambulando ao bel prazer de governantes que entram e saem do poder, um cedendo algum espaço e outro retirando e vice-versa.

No decorrer dos anos, a Academia desenvolveu muitas atividades no campo de incentivo às artes, em geral, à cultura e à educação, atividades que aparecerão no decorrer dessa tessitura.

Em 2010, ano em que tomei posse na ACLASB como membro efetivo, em 2013 fui eleito presidente para o biênio 2014/2015, depois, reeleito para o biênio 2016/2017 e aclamado a ser presidente para o biênio 2018/2019. Fiquei quatro anos como vice-presidente, ao lado do então presidente professor Jackson Roberto Santana, mas, desde que assumi a presidência, preocupava-me a falta de conhecimento da existência da academia por parte de uma parcela da população do município, inclusive professores, e do desconhecimento, por conseguinte, de suas ações, enquanto fomentadora da cultura, das artes e da literatura. Não era somente uma preocupação, mas também, uma inquietação para conhecer mais sobre o assunto e problematizar tudo isso, numa perspectiva de educação.

Assim sendo, a presente pesquisa surgiu da necessidade de evidenciar a ACLASB enquanto espaço cultural e de educação não escolar, surgindo como desafio para mim e, ao mesmo tempo, como processo formativo.

Desde o processo de redemocratização do Brasil tem sido intenso o debate inerente à educação não escolar, principalmente no campo das ciências humanas e sociais. Para Rios (2020), toda ação, que discorra acerca das questões inerentes ao desenvolvimento humano em diferentes espaços, configura-se enquanto campo do fazer pedagógico não escolar. Nesta perspectiva, ao se referir à educação não escolar, enquanto experiência educativa que ocorre para além dos muros da escola, como por exemplo, os espaços de promoção de cultura, em suas distintas expressões, Carrano nos adverte:

A recusa em compreender a educação apenas enquanto o âmbito das aprendizagens institucionais trouxe o desafio de compreendê-la também como processo social de compartilhamento de significados para além dos espaços instituídos de formação educacional, tais como a escola (Carrano, 2001, p. 15).

Neste sentido, esta pesquisa buscou verificar se a ACLASB, enquanto espaço de promoção de atividades culturais diversas, que acabam incidindo na formação dos sujeitos que entram em contato com tais atividades, se configura também como espaço educativo, compartilhando processos de aprendizagem e significados para além das instituições educacionais.

Nesta pesquisa, portanto, buscou-se investigar esta Academia, enquanto espaço cultural e de educação não escolar, a partir da compreensão do pesquisador através dos documentos analisados (atas, relatórios), entrevistas narrativas, relatos escritos oferecidos pelos

membros da ACLASB, por falta de documentos e registros da preparação que antecedeu a fundação da academia, bem como da literatura pertinente.

Desde a sua fundação, tem desenvolvido diversas atividades artístico-culturais junto à comunidade bonfinense e territorial, tais como, saraus poéticos, solenidades de datas comemorativas, chás poéticos, o “Projeto Poesia do Beco”, o projeto “Academia vai à Escola”, e outros, conforme regimenta seu Estatuto Social, no Artigo 2º, que discorre sobre seus fins: “b) Realizar cursos, congressos, conferências e saraus lítero-artísticos; c) Prestar todo o apoio ao desenvolvimento das artes, das letras e das ciências, neste município”.

Ao desenvolver a dimensão literária, poética e artística, a ACLASB acaba por sinalizar que é possível transformar continuamente a existência, trazendo, ao mesmo tempo, a força e a flexibilização necessárias para a proposição de novos caminhos. Assim, promover a literatura em suas distintas possibilidades pode ser concebido como um modo de conhecer e atribuir sentidos e significados ao mundo, bem como um modo de produzir subjetividades.

A promoção da literatura e das artes correlatas se confirma a partir de sua presença em espaços educacionais ao longo da história brasileira e, especificamente, no caso da ACLASB, no Território de Identidade Piemonte Norte do Itapicuru. Porque de acordo com Grotowski (1992), ao promovermos arte, acabamos realizando o ato estético, que afeta tanto os agentes diretos da ação, quanto os telespectadores, favorecendo a ampliação em torno da nossa concepção de mundo.

Considerando os pressupostos suscitados acima, a presente pesquisa se propôs a responder a seguinte questão problematizadora: “Como se constitui a dimensão educativa no conjunto das ações culturais da ACLASB?”, buscando, assim, alcançar, como objetivo geral: Investigar como se constitui a dimensão educativa no conjunto das ações culturais da ACLASB, e como objetivos específicos: a) Compreender o processo de fundação e atuação da ACLASB, enquanto instituição de fomento à cultura; b) Contextualizar a ACLASB, enquanto espaço cultural no semiárido brasileiro; c) Identificar as contribuições da ACLASB no processo educativo para a comunidade bonfinense; d) Analisar as suas ações, enquanto espaço cultural, através de documentos (atas, relatórios), e entrevistas narrativas.

Desta forma, o presente trabalho se delineia, metodologicamente, numa perspectiva de pesquisa qualitativa, sendo do tipo estudo de caso, tendo como base epistemológica a fenomenologia. Bueno e Almeida (2022, p. 14), dizem que: “A fenomenologia torna-se, nessa perspectiva, um importante referencial, pois, nos possibilita compreender as múltiplas relações,

e, assim, pensar a realidade de modo rigoroso, compreendendo e interpretando seu sentido e significado”.

Considera-se que a pesquisa sobre este espaço cultural, enquanto espaço de educação não escolar, faz-se pertinente para a compreensão do processo de desenvolvimento das artes e da educação não escolar do Semiárido Brasileiro, mais precisamente, no município de Senhor do Bonfim – Bahia.

Nesta perspectiva, o presente trabalho apresenta a seguinte estrutura organizacional e textual, além desta introdução, figurando como o primeiro capítulo. Já o segundo capítulo traz o título *Acordes e versos* metodológicos, dividido por subcapítulos, respectivamente, relacionados com a metodologia da pesquisa, desde a filiação epistemológica até a indicação de análise de dados. Aqui, está descrita a filiação epistemológica da pesquisa; a fenomenologia; tipo de pesquisa; estudo de caso; instrumentos de coleta de dados, através da pesquisa documental; entrevistas narrativas e teóricos pertinentes; e os sujeitos da pesquisa.

O terceiro capítulo apresenta o título *Consonâncias e Discrepâncias (Memórias e Memoráveis)* - da Grécia ao Brasil, uma breve história das Academias. Neste capítulo, é apresentado um passeio das academias desde a Grécia Antiga, lugar de sua origem, perfazendo o caminho pelos lugares por onde elas (as academias) se espelharam, Itália, Espanha, França, até chegar ao Brasil e, por conseguinte, a cidade de Senhor do Bonfim, com ACLASB.

O quarto capítulo chama-se *Páginas Bonfinenses – ACLASB* e apresenta uma tessitura introdutória, contextualizando o espaço da cidade, enquanto lugar de movimentos artístico-culturais, onde, mais tarde, acontece a fundação e instalação da Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim – ACLASB. Arelado a esse capítulo, encontra-se o subcapítulo com o tema: Casa de Imortais: Luzes do Alvorecer, contando o percurso de preparação para a fundação e instalação da ACLASB e os seus primeiros momentos. Logo depois, o subcapítulo com o tema *Casa de Imortais: ACLASB*, dando a continuidade à esta trajetória, apresentando quadro 1 de suas atividades, com destaque para aquelas relacionadas a comemorações e outros, configurando, enquanto aspectos da educação informal e educação não escolar, enredo textual qualitativo de algumas dessas atividades.

O subcapítulo seguinte traz uma discussão reflexiva sobre a imortalidade com o título *Ad Immortalitatem*, lema ostentado no escudo da ACLASB. Esta discussão parte da viagem do pesquisador a um intercâmbio internacional Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Universidade de Pádua, pela Itália, onde aprecia, além da arquitetura daquele país, as

obras de artistas como Michelangelo Buonarroti e o túmulo do poeta Francesco Petrarca, discutindo a imortalidade até chegar em autores da ACLASB.

O quinto capítulo tem como título: Narrativas *Da Terra do Sol*: o Semiárido Brasileiro, traz uma descrição sobre o semiárido, já os subcapítulos: O Semiárido e Sua Cultura, discutem um pouco sobre a cultura neste território, O Sertão Semiárido e a Literatura (lugar de sua invenção), a partir dos escritores membros da ACLASB, são subtemas relacionados, em que há uma discussão sobre a cultura e a literatura do Semiárido Brasileiro.

O capítulo sexto: *Educação Sempre* refere-se ao conceito de educação de forma ampla, fazendo um passeio pela história e alguns exemplos de formas de educação, praticada pela humanidade, por diversos contextos, chegando até as formas mais contemporâneas e as leis que a regulamentam no Brasil. Logo depois, apresenta-se o subcapítulo: Educação Contextualizada e Literatura da ACLASB, trata da literatura produzida pela academia como potenciadora de uma educação contextualizada, segue com o subcapítulo com tema: Educação escolar, educação não escolar e educação informal, com uma discussão sobre estes conceitos.

O sétimo capítulo tem como título: *Uma visão de três glórias* (documentos, entrevistas narrativas e teóricos), este capítulo é o da análise dos dados. O título é uma metáfora para referir-se aos dados encontrados nas entrevistas narrativas e documentos, interpretados à luz de teóricos pertinentes. Além dessa parte introdutória do capítulo, foi apresentado o quadro 3 de atividades da ACLASB, com elementos mais ligados à educação.

Depois, os subcapítulos seguintes que surgiram a partir das entrevistas: A ACLASB e a Formação: Espaço Cultural e de Educação não Escolar, esse trata de responder mais à questão principal da pesquisa, falando do papel formativo no contexto do Semiárido com o recorte espacial para o território de Identidade Piemonte Norte do Itapicuru. O outro subcapítulo é: ACLASB e Escola - Interação com a Educação Escolar, que fala da relação da Academia com a educação escolar. O penúltimo subcapítulo - ACLASB e o seu acervo, foi revelado pelos colaboradores nas entrevistas, o acervo da Academia, enquanto possibilidades de aprendizagens dentro do conceito de educação não escolar e até escolar. E o último subcapítulo: *Caminho - Críticas e Desafios*, neste são apresentadas as críticas e desafios como possibilidades de caminhos a ser trilhado pela ACLASB como reflexão de sua prática.

Por fim, o capítulo das “Considerações Finais” descreve o que se pode dizer sobre a pesquisa, os resultados obtidos e possíveis apontamentos para pesquisas futuras e os impactos da pesquisa para o pesquisador.

2. ACORDES E VERSOS¹ METODOLÓGICOS

Acordes e versos metodológicos, parte do título deste capítulo foi extraído da canção: *Janela do Tempo*, do membro da ACLASB, Daniel Gomes. Este capítulo que vai descrever toda fundamentação da pesquisa. Filiação epistemológica da pesquisa, tipo de pesquisa, instrumentos de produção de dados, sujeitos da pesquisa, indicações de análise dos dados, todos esses elementos que compõem a pesquisa, formando um lastro harmônico e conceitual entre as partes da pesquisa.

2.1 FILIAÇÃO EPISTEMOLÓGICA DA PESQUISA

A presente pesquisa discute a ACLASB enquanto espaço cultural e de educação não escolar do Semiárido Brasileiro, no Território de Identidade Piemonte Norte do Itapicuru, especificamente no município de Senhor do Bonfim, Bahia. Evidenciando nos seus processos de vivências em eventos culturais elementos de educação não escolar.

Sendo que esta pesquisa é do tipo qualitativa, por propor uma abertura mais ampla para questões mais gerais, podendo ser redefinidos no decorrer da investigação, como nos sugere Godoy (1995, p. 21): “Partindo de questões amplas que vão se aclarando no decorrer da investigação, o estudo qualitativo pode, no entanto, ser conduzido através de diferentes caminhos”. Nesta perspectiva, a pesquisa qualitativa apresenta-se como aquela que melhor atende aos objetivos traçados pois, sua preocupação se pauta em buscar explicar os fenômenos, os quais ela busca evidenciar à luz de teorias já existentes. Para Silveira e Córdova,

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria (Silveira; Córdova, 2009, p.31).

Este tipo de pesquisa está preocupada em compreender de forma mais profunda e consistente a realidade de determinados grupos, instituições, organizações, bem como, ampliar as possibilidades de interpretação e explicação mais próximo possível da realidade do objeto

¹ Título da canção de Daniel Gomes dos Santos, no disco *Janela do Tempo* (2014).

investigado. Ainda citando Silveira e Córdova (2009, p. 32), sobre esse tipo de pesquisa: “A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”. A pesquisa qualitativa elenca características próprias para atingir os seus objetivos de forma clara, ampla e que evidencie os fenômenos sociais e suas nuances relacionais.

As características da pesquisa qualitativa são: objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências (Silveira; Córdova, 2009, p. 32).

Nesta perspectiva, a pesquisa qualitativa traz toda essa gama de possibilidades e preocupação em descrever, compreender os fenômenos, orientada pelas teorias, mostra outros caminhos para se fazer ciência de forma mais dinâmica, interacional e relacional, apontando diversos caminhos possíveis, como nos sugere:

Considerando, no entanto, que a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques (Godoy, 1995, p.21).

As pesquisas qualitativas oferecem essas possibilidades de criatividade e imaginação, mesmo sendo tais pesquisas para a produção de conhecimento, ou seja, científica. Porém, na sua obra, *Pesquisa-criação*, em que elabora uma tessitura textual-científica sobre uma forma de fazer ciência com mais criatividade, Pinzoh nos adverte sobre autorizar-se a tal investida.

Se, por acaso, achamos que autorizar-se é apenas o gesto de investir, mesmo que de dentro, contra esta espessa camada de formalidades que constitui os procedimentos de produção do conhecimento, sem antes dominar os instrumentos específicos disso, é importante lembrar que, em qualquer outro domínio – e, provavelmente, na tribo também, embora de modo diferente –, a autorização implica tanto um “estado de insurreição” quanto um “estado de legitimidade”, de todo modo mais ou menos negociados entre os pares implicados (Pinzoh, 2012, p.41).

Para tal criatividade e imaginação de que fala Godoy (1995) citado anteriormente, há de se pensar sobre este processo de autorizar-se problematizado por Pinzoh “autorizar-se é apenas o gesto de investir”, mas, antes há de se ter o domínio dos instrumentos necessários.

Ambos os autores apontam para a possibilidade dessa criatividade na pesquisa qualitativa, chamando a atenção para o cuidado com a formalidade do trabalho científico e sua legitimidade, enquanto produção de conhecimento, mas, para essa criatividade, implica um “estado de insurreição”, em que a legitimidade que se implicam, mas que podem ser “mais ou menos negociado entre as partes”. Ainda assim, pode-se dizer que as pesquisas qualitativas possibilitam essa investida criativa e imaginativa.

Assim sendo, buscou-se, com a presente pesquisa, explicitar de forma criativa e levando em consideração os fenômenos em sua inteireza com os diversos aspectos possíveis com os quais o objeto da pesquisa está relacionado, tentando descrevê-lo, explicá-lo e compreendê-lo em sua complexidade.

A filiação epistemológica desta pesquisa, fundamenta-se numa perspectiva da abordagem fenomenológica. A fenomenologia surge no final do século XIX e início do século XX, que também evidencia o significado do termo fenomenologia:

O termo fenomenologia significa estudo dos fenômenos, daquilo que aparece à consciência, daquilo que é dado, buscando explorá-lo. A própria coisa que se percebe, em que se pensa, de que se fala, tanto sobre o laço que une o fenômeno com o ser de que é fenômeno, como sobre o laço que o une com o Eu para quem é fenômeno (Silva; Lopez; Diniz, 2008, p. 255).

Para além do significado do conceito, a fenomenologia é uma ciência e, principalmente um método de atitude intelectual e filosófico, Husserl (1989, p. 46). “‘Fenomenologia’ – designa uma ciência, uma conexão de disciplinas científicas; mas, ao mesmo tempo e acima de tudo, ‘fenomenologia’ designa um método e atitude intelectual: a atitude intelectual especificamente filosófica, o método especificamente filosófico”. E sendo uma ciência e um método, ambos de cunho filosófico, poder-se-ia dizer que é uma ciência e um método das possibilidades,

É este necessariamente o seu caráter; a fenomenologia quer ser ciência e método, afim de elucidar possibilidades, possibilidades do conhecimento, possibilidades da valoração, e as elucidar a partir do seu fundamento essencial; são possibilidades universalmente em questão e, portanto, as investigações fenomenológicas são investigações universais de essências (Husserl, 1989, p. 79).

Assim sendo, a fenomenologia nos proporciona possibilidades de interpretar a realidade, fazendo-se necessário que o pesquisador realize o exercício da *epoché*. Na fenomenologia, o exercício da *epoché* refere-se à suspensão de qualquer crença e pressupostos,

por parte do pesquisador, bem como, qualquer teoria preexistente colocando-os entre parênteses, deixando o pesquisador suspenso de juízos preestabelecidos.

No mundo perceptível não existe um objeto observável isoladamente. Ao realizar a epoché, o pesquisador se esforça para adotar uma atitude de suspensão do juízo, deixando de lado quaisquer noções pré-concebidas sobre o fenômeno em estudo. Isso possibilita uma investigação imparcial e aberta, permitindo que as experiências e significados atribuídos pelos participantes sejam apreendidos de forma mais autêntica. “A reflexão fenomenológica parte da correlação de cada cogito com seu *cogitatum*, que nunca é um objeto isolado, mas desde logo deve ser concebido como objeto em seu mundo” (Zilles, 2007, p. 217).

Esta relação entre o sujeito e o objeto é relação da consciência com aquilo que é consciente. A fenomenologia ressalta que os objetos da experiência não existem de forma isolada, mas sempre em relação ao contexto em que são percebidos, Husserl diz:

[...]: o ver divisa justamente as coisas, as coisas simplesmente existem e, no intuir verdadeiramente evidente, existem na consciência, e o ver centra-se simplesmente nelas. Ou indo buscar a imagem a outro sentido; é um direto captar, ou tomar, ou apontar para algo que simplesmente é e está aí (Husserl, 1989, p.32).

Dessa forma a compreensão fenomenológica considera que as percepções de um objeto estão intrinsecamente ligadas ao ambiente, à cultura, às experiências pessoais e relações do sujeito com o mundo ao seu redor. A importância de considerar a interação entre a consciência individual e o mundo circundante na análise fenomenológica, reconhece que a percepção e compreensão dos objetos estão sempre contextualizadas, assim diz Husserl (1989, p. 71). “Toda vivência psíquica corresponde, pois, por via da redução fenomenológica, um fenômeno puro, que exhibe sua essência imanente (singularmente tomada) como dado absoluto”.

Nesta perspectiva, se fundamentou esta pesquisa na investigação da dimensão educativa da ACLASB, não como objeto isolado, mas, como um objeto em seu mundo de forma ampla, em que venha desvelar essa dimensão e de que forma ela se dá na realidade, e isso poderá ser analisado, tendo a fenomenologia como base epistemológica, visto que: “É a redução ou operação pela qual a existência efetiva do mundo exterior é ‘colocada entre parênteses’, para que a investigação se ocupe apenas com as operações realizadas pela consciência, sem perguntar se as coisas visadas por ela existem realmente ou não” (Zilles, 2007, p. 219). Ainda sobre a fenomenologia,

Todavia, a tese geral do mundo assume o mundo como presença, e aí implica-se todo o julgamento de existência das coisas. Tudo que vem do mundo natural, pela experiência, e ascende à consciência é afetado por um caráter de “presença”. É nessa “presencialidade”, pode-se dizer, que se funda um “julgamento de existência explícita”, e ambos unificam-se: o julgamento e a “presença”, o “estar-aí” das coisas. Quando realizamos um “julgamento de existência”, ou seja, um julgamento predicativo, transforma-se em um “tema” o que já está na “experiência primitiva” (Martini, 1998, 1999, p. 45).

Nesta perspectiva, a realidade existente existe enquanto presença intuitiva das coisas, mas é da experiência do mundo natural vivenciado que se eleva à consciência e esta é tocada por este caráter de “presença”, ou seja, a intuição da existência das coisas se faz presente através do julgamento de presença, mas, que já está, desde as primeiras experiências.

Bueno e Almeida afirmam que a pesquisa em educação, por exemplo, na perspectiva fenomenológica requer algumas exigências:

Considerando a fenomenologia em suas indicações rigorosas, tal como defendidas por Husserl, uma investigação educacional deve constituir-se como intencional, pautada no método fenomenológico que busca a compreensão da essência e da subjetividade humana, em sua totalidade. Para tanto apresentamos no mínimo, os seguintes momentos, que são, por conseguinte fundantes para ressignificar as pesquisas em educação na perspectiva fenomenológica: redução fenomenológica, redução eidética, intencionalidade e rigor (Bueno; Almeida, 2022, p. 14).

Os momentos elencados por Bueno e Almeida na perspectiva fenomenológica são: a redução fenomenológica, que se refere ao processo de suspensão de pressupostos e preconceitos para se concentrar na experiência em si, sem interpretações prévias. Já a redução eidética envolve a busca pela essência ou estrutura fundamental do fenômeno estudado, buscando compreender suas características universais. A intencionalidade diz respeito à direção da consciência para um objeto, ou seja, a consciência está sempre direcionada a algo. Por fim, o rigor refere-se à busca por uma abordagem sistemática e precisa, garantindo a validade e confiabilidade dos resultados obtidos na pesquisa fenomenológica. Esses são aspectos fundamentais para ressignificar as pesquisas em educação na perspectiva fenomenológica.

Pesquisando a ACLASB, enquanto espaço cultural e de educação não escolar, é desvelar a realidade já existente, elevando-a à consciência da existência presente nas experiências, investigando sua dimensão educativa, bem como, sua atuação no contexto do semiárido brasileiro, refletindo sobre esse espaço, identificando elementos de educação não escolar, pois: “[...] inúmeras experiências de educação não escolar têm sido definidas,

pesquisadas, estudadas e sistematizadas historicamente como educação não formal” (Moura, Zuchetti, 2006, p. 230).

Nesta perspectiva, a abordagem fenomenológica contribuiu com esta pesquisa, oferecendo elementos teóricos-reflexivos para entender a realidade pesquisada, para além da visão empírica, mas, buscou compreender no seu sentido mais transcendente. A fenomenologia é uma abordagem, uma filosofia da pesquisa, uma epistemologia.

[...] ao contrário do que acontece nas ciências empíricas, não deveria situar-se na empiria como a priori último, mas na consciência transcendental. Por isso a filosofia fenomenológica é, em todos os sentidos, a única ciência absolutamente rigorosa, pois fornece a si própria os seus fundamentos e os de todas as outras ciências. (Zilles, 2007, p.219)

Neste sentido, a presente pesquisa filia-se a abordagem fenomenológica, por ela oferecer os fundamentos necessários para a compreensão dos fenômenos estudados. Pois, a fenomenologia, sob o seu guarda-chuva, abriga uma variedade grande das chamadas "pesquisas compreensivas", que são as pesquisas qualitativas. Neste sentido, a fenomenologia contribui para a pesquisa qualitativa, quando propõe que: “[...] O recurso ao mundo da experiência é recurso ao mundo da vida, ou seja, ao mundo no qual sempre já vivemos e que fornece o ponto de partida para todas as conquistas do conhecimento e para toda a determinação científica”. (Zilles, 2007, p. 220).

Tendo como base epistemológica, a fenomenologia, a presente pesquisa se concentrou em compreender as experiências vivenciadas pelos membros da ACLASB e pela comunidade em relação aos elementos educativos presentes no contexto das atividades da ACLASB. Nesta perspectiva, com a fenomenologia buscou-se captar a essência e o significado das vivências das pessoas envolvidas, incluindo membros, pessoas da comunidade, professores e artistas. Para corroborar, com a citação acima, cabe bem para uma pesquisa qualitativa:

A percepção e o percebido, a lembrança e aquilo que se lembra, o “objetivo e a conservação do objetivo” são temas transcendentais. Sem essas dimensões não pode haver arte, ciência ou filosofia. E temos de “vivê-las de forma exemplar, e mesmo numa plena evidência”, [...] (Martini, 1998-1999, p. 47).

Na perspectiva, desta pesquisa sobre ACLASB, enquanto espaço cultural e de educação não escolar a percepção e o percebido, a lembrança e o que é lembrado, o objetivo e a

conservação do mesmo são elementos fundamentais nesse contexto para evidenciar os elementos que se busca, alcançando os objetivos propostos.

2.2 TIPO DE PESQUISA

Sendo, a presente pesquisa de caráter qualitativo, por se tratar de uma pesquisa num espaço cultural, com o objetivo de identificar aspectos educativos em seus processos no campo das artes e da cultura, evidencia-se que esta abordagem é mais apropriada. Em consideração ao objeto e ao caráter qualitativo da pesquisa, optou-se, pelo estudo de caso, pois, além de ter um caráter qualitativo, é situado. Para Godoy (1995, p. 25). “O estudo de caso se caracteriza como um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente. Visa ao exame detalhado de um ambiente, de um simples sujeito ou de uma situação em particular”.

Neste sentido, o estudo de caso aqui, propõe contextualizar a pesquisa, evidenciando estes contextos os quais o objeto da pesquisa está inserido, possibilitando as diversas formas de interpretação da realidade aqui descrita.

Assim sendo, por ser a ACLASB, uma instituição única na sua configuração, portanto com uma particularidade, mas, que apresenta uma multiplicidade de aspectos, requerendo que o pesquisador realizasse um estudo mais aprofundado para se alcançar os objetivos delineados. Para tanto, o pesquisador a partir do seu objeto de pesquisa sentiu necessidade de também recorrer a vários tipos de instrumentos para coleta de dados, tais como: entrevistas narrativas, análises de documentos e outros.

Embora se tenha dado destaque às entrevistas, à observação e à análise documental como principais métodos de coleta de dados no desenvolvimento dos estudos de caso, há outras formas que podem ser associadas a essas, como, por exemplo, grupos de discussão ou focais, memoriais, mapas conceituais, dados estatísticos ou outros. O importante é não perder de vista os pressupostos que orientam o estudo de caso qualitativo (André, 2013, p.100).

Portanto, fica evidente as diversas possibilidades para o desenvolvimento da pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso no sentido da escolha dos instrumentos de coleta de dados para melhor alcançar os objetivos propostos e para melhor descrever os múltiplos aspectos que o objeto apresentar, possibilitando assim interpretações e gerando novos conhecimentos.

2.3 INSTRUMENTOS DE PRODUÇÃO DE DADOS

Para a produção de dados deste trabalho, adotou-se como instrumento documentos para identificar elementos necessários para análise, e, assim, alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa. No caso da ACLASB, enquanto espaço cultural, faz-se importante uma análise nos seus documentos (atas, relatórios, discursos e outros). Porque, para Carvalho (2016, p.05), “A compreensão e a interpretação do documento são de caráter subjetivo, por mais que no documento tenha informações específicas, cabe ao pesquisador ter novos olhares de acordo com o seu objeto de pesquisa”.

Nesta perspectiva, a postura do pesquisador é manter o olhar atento para os documentos encontrados para análise, buscando os elementos necessários para evidenciar os aspectos de relevância para a pesquisa. Ainda, para Carvalho (Idem, p. 04), “A pesquisa documental pode ser considerada um meio, um caminho, uma metodologia que ajudará a entender a realidade material”.

Outro instrumento para a produção de dados fez-se necessária, nesta pesquisa, a entrevista narrativa, em que, através dos colaboradores (sujeitos) da pesquisa, produziu-se elementos para análise e interpretação à luz de teóricos e dos outros documentos aqui analisados. Esse instrumento de produção de dados possibilita uma maior profundidade na questão investigada,

As entrevistas narrativas se caracterizam como ferramentas não estruturadas, visando a profundidade, de aspectos específicos, a partir das quais emergem histórias de vida, tanto do entrevistado como as entrecruzadas no contexto situacional. Esse tipo de entrevista visa encorajar e estimular o sujeito entrevistado (informante) a contar algo sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social (Muylaert; Sarubbi Jr et.al. 2014, p.194).

Corroborando com os autores citados acima, sobre as entrevistas narrativas,

As entrevistas narrativas demarcam um espaço em que o sujeito, ao selecionar aspectos da sua existência e tratá-los oralmente, organiza as ideias e potencializa a reconstrução de sua vivência pessoal e profissional de forma autorreflexiva como suporte para compreensão de sua itinerância, caracterizando-se como excelente perspectiva de formação (Souza, 2011, p. 217).

Nesta perspectiva, o pesquisador terá, através das entrevistas narrativas, possibilidades de extrair elementos importantes que os entrevistados poderão revelar com profundidade, demarcando assim espaço e sujeitos. Esses elementos contribuíram para a análise de

interpretação juntamente com outros documentos, aclarando as questões à luz dos teóricos com profundidade.

2.4 SUJEITOS DA PESQUISA

Assim, buscou-se escutar pessoas que experienciaram vivências nos processos de produção, divulgação e apresentação nos eventos e projetos da ACLASB, a saber: membros da citada academia, artistas que participaram dos eventos e projetos, pessoas da comunidade e professores que, juntamente com seus alunos, experienciaram também estes momentos de execução de algum desses projetos,

Desta forma, o pesquisador definiu que a quantidade de pessoas a participarem das entrevistas narrativas serão dois por segmentos, seguindo os critérios de contribuições para a coleta de dados, a saber: dois (02) artistas membros da ACLASB, sendo o presidente e um membro com mais tempo de Academia, possibilitando um aprofundamento nas questões mais internas deste espaço; dois (02) artistas externos (da comunidade), que participaram de algum evento promovido pela ACLASB. A vivência desses dois artistas externos, por não serem membro da Academia, trará elementos de outro ponto de vista; dois (02) professores, que experienciaram, com seus alunos, de algum evento promovido pela ACLASB, são colaboradores que vivenciaram e proporcionaram aos seus alunos/estudantes uma experiência diferente e duas (02) pessoas do público geral, que vivenciaram algum evento promovido pela Academia, estes são participantes-espectadores. A definição dos colaboradores se deu, primeiramente, pelas experiências vivenciadas pelos os mesmos e sua disponibilização de tempo para essa colaboração.

Nesta perspectiva, as narrativas desses colaboradores ou sujeitos da pesquisa podem revelar muito, pois,

A narrativa, portanto, pode suscitar nos ouvintes diversos estados emocionais, tem a característica de sensibilizar e fazer o ouvinte assimilar as experiências de acordo com as suas próprias, evitando explicações e abrindo-se para diferentes possibilidades de interpretação. Interpretação não no sentido lógico de analisar de fora, como observador neutro, mas interpretação que envolve a experiência do pesquisador e do pesquisado no momento da entrevista e as experiências anteriores de ambos, transcendendo-se assim o papel tradicional destinado a cada um deles (Muylaert; Sarubbi Jr. et.al., 2014, p.194).

Para tanto, o número de oito pessoas (colaboradores), ao todo, mostrou-se suficiente para coleta de dados. Buscando, através das análises documentais e narrativas, a compreensão do objeto aqui pesquisado, assimilando experiências e ampliando possibilidades de interpretação, contextualizando com os processos análogos, percebendo assim as similitudes e diferenças à luz dos teóricos pertinentes.

Ressalta-se que na análise de dados os oito colaboradores nas/das entrevistas narrativas serão nomeados como: Acadêmico 1, Acadêmico 2, Artista Externo 1, Artista Externo 2, Professora 1, Professora 2, Público Geral 1 e Público Geral 2. Faz-se importante apresentar, sucintamente, as características gerais de cada um deles (as), para situar aos leitores do lugar de fala dos (as) mesmos (as).

Acadêmico 1: tem 63 anos; formação em pedagogia e pós-graduado em meio ambiente, especificamente em educação ambiental; profissão de assessor de crédito pelo Instituto Nordeste da Cidadania, o INEC, de Fortaleza [...]; músico; compositor; escritor; poeta e instrumentista, membro da ACLASB desde 1993.

Acadêmico 2: tem 69 anos; professor, licenciado em Educação Física e pós-graduado em Metodologia do Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação; poeta; colunista esportivo; “aventura-se” na música e, esporadicamente, no teatro e cinema; membro da ACLASB desde 2010.

Artista Externo 1: tem 27 anos; com o Ensino Médio completo; produtor musical; professor de artes marciais; cantor e compositor.

Artista Externo 2: tem 31 anos; professor, com mestrado em Artes Cênicas, pelo PPGSC, pela Universidade Federal da Bahia – UFBA; especialista em Metodologia do Ensino de Música, pela Faculdade de Ibra de Minas Gerais; licenciado em Música, pelo IEFS – Sertão Pernambucano; membro do Grupo de Pesquisa e Extensão em Artes Cênicas do Semiárido Brasileiro - GRUPANO da UNEB; membro, também, da comissão científica da jornada de pesquisa em circo negro do Brasil; ator; músico; instrumentista; cordelista e palhaço.

Professora 1: tem 50 anos; professora do município, com formação em pedagogia; licenciatura em letras; tem algumas especializações e é mestranda; apreciadora da música, da literatura e gosta de dançar.

Professora 2: tem 55 anos; professora da rede municipal da rede estadual, desta última, já apresentada; tem formação em pedagogia; licenciatura em Letras, com inglês; como arte, faz crochê.

Público Geral 1: tem 38 anos; formação Ensino Médio completo; empresário da área de produção de audiovisual, com gravações e transmissões de documentários, em programa de TV; é editor de vídeo; apresentador de programa; percusionista e baterista.

Público Geral 2: tem 36 anos de idade; formação superior em Administração; pós-graduando em Gestão Pública; trabalha no Cred Amigo, pertencente ao Banco do Nordeste; é Ogan (cargo de percusionista), no Candomblé.

2.5 INDICAÇÕES DE ANÁLISE DOS DADOS

A pesquisa qualitativa apresenta-se como uma pesquisa que busca a compreensão dos fenômenos da perspectiva mais ampla e complexa, mostrando-nos as possibilidades metodológicas, epistemológicas e procedimentais para se alcançar os objetivos esperados e/ou explicar os fenômenos estudados. A Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim, com foco nos aspectos educativos que constituem as ações culturais, com a abordagem fenomenológica pode oferecer uma compreensão profunda das experiências e significados associados à dimensão educativa presentes nessas ações.

A preocupação da pesquisa qualitativa não é quantificar, mas, compreender os fenômenos através da metodologia e procedimentos claros e seguros, como nos afirma,

A pesquisa qualitativa não se baseia em métodos estatísticos para garantir fidedignidade e validade de dados e resultados, mas é possível a utilização de estratégias metodológicas que asseguram transparência, metodicidade e fidelidade às evidências, garantindo o refinamento dos dados produzidos, bem como credibilidade e confiabilidade durante o planejamento e realização dessa metodologia investigativa (Santos; Ribeiro et al., 2020, p. 656).

Nesta perspectiva, buscou-se compreender os fenômenos, através dos dados coletados nas entrevistas narrativas e documentos. Para isso, também se faz necessário explicitar como se dará a análise dos dados para uma melhor compreensão do fenômeno investigado. Neste sentido, na pesquisa qualitativa, há muitas possibilidades para essa análise, mas, nesta pesquisa, buscou-se fazê-la numa perspectiva fenomenológica.

A toda a vivência psíquica corresponde, pois, por via da redução fenomenológica, um fenômeno puro, que exhibe a sua essência imanente (singularmente tomada) como dado absoluto [...].

O puramente imanente deve aqui, de início, caracterizar-se mediante a redução fenomenológica. [...] Devo estudá-lo [a essência do conhecimento] imanentemente e mediante uma visão pura no fenómeno puro, na <<consciência pura>> (Husserl, 1989, p. 71-73)

Nesta perspectiva, o processo de análise fenomenológica, frequentemente, inclui a redução fenomenológica, a qual os pesquisadores buscam identificar e descrever as estruturas essenciais das experiências relatadas pelos participantes, buscando compreender o significado subjacente a essas experiências. Isso pode envolver a identificação de temas, padrões e significados compartilhados nas narrativas e nos documentos analisados.

Assim sendo, buscou-se analisar os dados produzidos através das entrevistas narrativas, fontes documentais, evidenciando os elementos educativos trazidos à tona, através de experiências vivenciadas pelos colaboradores entrevistados, pelas fontes documentais, interpretados à luz dos teóricos selecionadas para a compreensão do fenômeno estudado.

Ao utilizar entrevistas narrativas e análise documental, o tratamento e análise dos dados coletados dentro de uma perspectiva fenomenológica envolve a imersão cuidadosa nas narrativas dos participantes e nos documentos, buscando identificar os significados essenciais relacionados à dimensão educativa.

Além disso, a aplicação da "epoché", ou seja, a suspensão temporária de preconceitos pessoais e pressupostos, permitiria uma compreensão mais pura das experiências educativas vividas e compartilhadas pelos membros da academia. Através desse processo, seria possível capturar os elementos educativos subjacentes às ações culturais da academia de uma forma mais autêntica e significativa,

Dissemos anteriormente que, apesar da universalidade pressuposta de toda epoché, deve-se interpor-lhe uma limitação determinada. O que é posto fora de ação *außer aktion* é a "tese geral que resulta da essência da atitude natural". O que é igualmente posto entre parênteses é tudo o que é absorvido onticamente pela atitude natural do homem, enfim, é tudo que pertence ao mundo natural, que está "presente" e que se faz como "realidade" para nossa consciência (Martini, 1998, 1999, p. 48).

Essa abordagem fenomenológica fornece *insights* profundos sobre como a dimensão educativa se manifesta nas atividades culturais da academia, enriquecendo a compreensão do papel da educação não escolar nesse contexto específico. Na abordagem fenomenológica em uma pesquisa qualitativa, o tratamento dos dados coletados geralmente envolve a análise

cuidadosa das entrevistas narrativas e dos documentos para identificar os significados e essências das experiências vividas pelos participantes.

3. “CONSONÂNCIAS E DISCREPÂNCIAS (MEMÓRIAS E MEMORÁVEIS)” - DA GRÉCIA AO BRASIL: UMA BREVE HISTÓRIA DAS ACADEMIAS

Pois, as pessoas não são iguais, e dentro de suas próprias limitações têm sempre algo a nos ensinar; e é nesse princípio que estão as vastas e diversificadas regras do conhecimento (Santos, 2014, p. 24).

Para a primeira parte do título deste capítulo, recorro ao título da obra autobiográfica do bonfinense Ezequiel Candido dos Santos, membro correspondente da ACLASB. O título de sua obra, aqui, serve como metáfora para descrever a trajetória das academias desde a Grécia até ao Brasil com suas “consonâncias e discrepâncias”, ao longo do tempo e da história do ocidente. A obra *Consonâncias e Discrepâncias*, usada aqui, trata-se da vida do autor em suas inúmeras viagens por vários países do mundo, tal qual a ideia de Platão que viajou da Grécia Antiga, passou por vários países, chegando até ao Brasil.

Ao se fazer uma retrospectiva na história da humanidade, desde os tempos mais remotos, quando os nossos semelhantes primitivos, os homens da caverna, preocuparam-se em registrar de alguma forma através de pinturas rupestres, símbolos, códigos e sinais da vida cotidiana, revela-nos, de certa forma, a necessidade de deixar para posteridade aspectos das experiências da vida, revelando trabalhos coletivos e individuais, lutas, caçadas e outros aspectos, mas, mostrando, para as gerações posteriores, a busca pela a imortalidade, mesmo que tais registros não trazem a assinatura dos seus autores.

Com esta premissa, faz-se aqui uma pequena trajetória das academias de (filosofias, artes, letras e outras áreas do conhecimento), que, até então, tem-se falado como uma invenção do ocidente, mas, precisamente, na Grécia Antiga e, daí, se multiplicando em muitas outras, mundo afora.

Surgida no século IV a.C., do gênio inventivo de Platão, a primeira academia de letras teve lugar nos arredores de Atenas, nos chamados jardins de Academus, herói grego da guerra de Tróia, vivido no século XII a.C. Embora destinada ao culto oficial das musas, ali se desenvolvia extensa atividade intelectual, reunindo-se diferentes domínios do saber, como a Filosofia, a Matemática, a Música, a Astronomia, a Legislação. A obra iniciada pelo ateniense, e continuada por seus discípulos, constituiu-se em importante marco do saber ocidental, sendo a fonte originária de todas as academias que, a partir de então, passaram a estabelecer-se no mundo inteiro, marcando épocas e lugares (Nascimento, 2011, p. 01).

Nesta perspectiva, a ideia de reuniões de pessoas para discutir temas relevantes à sociedade nos moldes a que são apresentadas, teve seu surgimento na Grécia, tendo essa ação como gênese da existência das academias, a palavra *academus*, parece fazer referência também a uma região/lugar e que antecede a Platão.

O termo “academia”, utilizado pelo mundo ocidental moderno, parece possuir raízes gregas. Na Grécia antiga existia, próxima aos muros de Atenas, a cerca de uma milha de distância, uma região de convivência pública com um bosque, jardins, um ginásio (entre outras construções) e atividades religiosas (como o culto a Atenas) conhecida como *Academos* ou *Hecademos*, reverenciado herói grego. Essa região era palco do encontro e debate de sofistas e filósofos com seus discípulos a mais ou menos uma geração antes de Platão se estabelecer por ali. Por volta de 380 a.C. Platão comprou uma propriedade nessa região, provavelmente com o auxílio financeiro de seu amigo Dion. Ele viveu naquela região onde seus discípulos e amigos costumavam visitá-lo e discutiam assuntos filosóficos de sua escola. *Academia*, portanto, era o nome da região onde estava localizada essa propriedade de Platão, a instituição conduzida na residência tomou o nome do local em que estava inserida (Cecon, 2021, p. 09).

Depois que a ideia de Platão com a sua academia dos Jardins de *Academos*, onde esse espaço já era palco de debates antes mesmo da sua instalação, mas, que *Academos* ou *Hecademos*, em que se origina o nome academia, espalhou-se pelo mundo, foram fundadas muitas outras academias com diversos fins, abrangendo diversas áreas do conhecimento, como menciona a citação acima, mas, foi a partir do século XV, que houve um grande crescimento na existência de academias pela Europa.

Daí, então, surgem *Academia Platônica*, em Florença, fundada mais ou menos por volta de 1440, no auge da Renascença Italiana; *Academia Francesa*, fundada em 1635, sendo o seu incentivador o Cardeal Richelieu, no reinado de Luís XIII, sendo esta, modelo para muitas academias que apareceriam posteriormente; *Academia Espanhola*, fundada já em 1713, com esforços de Juan Manuel Fernández Pacheco, onde quem reinava na época era Felipe V; mais tarde, cria-se *Academia Real das Ciências de Lisboa*, fundada em 1779, no reinado de D. Maria I; e somente em 1896 se institui a *Academia Brasileira de Letras - ABL*, estabelecida em 1896, por esforços de Araripe Júnior, Raul Pompéia e Machado de Assis, tendo sido este seu primeiro presidente, (Nascimento, 2011).

A *Academia Francesa* serviu de modelo para muitas outras academias fundadas em tempos vindouros, além da *ABL*, também a *Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim - ACLASB*, fundada no final do século XX, mas, precisamente, em 1991, com algumas diferenças que serão explicitadas em capítulos posteriores.

Neste sentido, percebe-se que a ideia de Platão e a Academia Grega inspirou diversas sociedades ocidentais para criação de outras academias em diversos tempos da história. Sobre a fundação da ABL, vale ressaltar que, para se chegar a este evento, houve muitos movimentos literários no Brasil, já que somente começam contar a história do Brasil a partir da chegada dos portugueses, mas, literariamente, somente mais ou menos no século XVII. “As primeiras manifestações da literatura colonial estiveram marcadas pelos relatos históricos e religiosos, sendo o mais conhecido autor da época, Padre Antônio Vieira (1608-1697) e seus sermões” (Elias; Martins, 2017, p. 54).

Todas essas manifestações literárias do período colonial são marcadas por escritas mais de cunho histórico-religioso. Várias foram as tentativas de se criar espaços de produção de conhecimento genuinamente brasileiro, ou melhor, na colônia, mas, quase todas elas frustradas e/ou impedidas pela metrópole (Portugal), principalmente no que diz respeito às universidades como afirmam os mesmos autores acima citados.

As diversas tentativas de se criar uma universidade no Brasil colonial, foram negadas pela Coroa, sucessivas vezes. Assim, não havendo a institucionalização do conhecimento formal no Brasil até o início do século XIX, as primeiras academias literárias do século XVIII, serviram como o primeiro espaço de agrupamento da elite intelectual, criadas para estimular a visão histórica do Brasil e de seu cenário político (Elias; Martins, 2017, p. 55).

Faz-se interessante citar as tentativas de se criar uma universidade no Brasil, como espaço de produção do conhecimento porque torna-se perceptível, primeiramente, a não preocupação por parte da metrópole com a formação intelectual da colônia e em segundo lugar, porque não havendo a produção do conhecimento institucionalizado, couberam as primeiras academias do século XVII acolher uma elite intelectual, sendo esse espaço de incentivo e estímulo principalmente para discutir e pensar a política e a história do Brasil. Outro aspecto a se observar, que desde os tempos mais remotos, parecem associar as academias sempre a uma elite, a pergunta é: será se todas as academias nasceram ou existem dentro desse escopo elitista?

Então, antes de ser fundada a Academia Brasileira de Letras - ABL, além de agremiações e/ou grupos de cunho literário, foram fundadas, principalmente a partir do século XVIII, algumas academias que acabaram sendo extintas por diversos motivos, mas, que estas serviram como uma espécie embrionária para a criação da atual ABL. Assim sendo, no século XVIII começam a surgir alguns movimentos de letrados e de produção literária e/ou conhecimento.

Entre 1724 e 1725, um grupo de letrados residentes no Brasil, reuniu-se por quase um ano, na Academia Brasílica dos Esquecidos em Salvador, com o objetivo de colaborar com a Academia Real de História Portuguesa no levantamento de dados da colônia. Sua principal missão era gerar a descrição literária do Brasil nas áreas das ciências naturais, movimentação militar, eclesiástica e política, estimulando também a produção poética de seus membros. Os relatos eram destinados à Academia Real de História Portuguesa para redação da História de Portugal que estava sendo elaborada. O mais importante trabalho da Academia, é a História da América Portuguesa, de Sebastião da Rocha Pita (1660-1738) publicada em 1724 (Sampaio, 2017 apud Elias, Martins, 2017, p. 55).

Nesta perspectiva, vimos o surgimento de grupos de intelectuais brasileiros ou residentes no Brasil, onde se reúnem por quase um ano com objetivo de atender aos interesses de Portugal na academia Brasílica dos Esquecidos, sediada em Salvador que tinha como missão: “gerar descrição literária do Brasil nas áreas das ciências naturais” militarismo, religioso e político, estimulando também a produção poética. Com isso, a “primeira Academia Brasileira”, com fins de produção de conteúdos literários em algumas áreas do conhecimento, incluindo aí, a produção poética.

A partir das sessões realizadas na Academia dos Esquecidos com produções de manuscritos sobre os aspectos naturais do Brasil, arquivados na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, faz de 1724, “o ano acadêmico no Brasil”, dando impulso aos movimentos acadêmicos e fazendo com que várias academias surgissem nas principais cidade do país (Pedrosa, 2003 apud Elias, Martins, 2007). Mas, durante o percurso cronologicamente que segue até hoje, o surgimento de novas academias de letras, de artes, de cultura, de ciências, de educação, de medicina e outras, sempre com objetivos definidos em seus estatutos e regimentos.

Nesta perspectiva, fica perceptível a partir daí, o surgimento de outras academias pelo Brasil antecedendo a fundação da ABL e posteriormente outras academias, a exemplo das estaduais e municipais em tempos vindouros, assim apresenta-se a lista com nomes das academias e suas respectivas datas de fundação e outras informações de forma sucinta.

Em seis de maio de 1736, foi criada a Academia dos Felizes, tendo como incentivador o governador do Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrade (1685-1763). A sua existência data até 1740, com vários registros de suas produções, entre estas, a obra: *Ilustrações da América Portuguesa*, de Matheus Saraiva, seu primeiro presidente. Já no ano de 1752, fundou-se a Academia dos Seletos, tendo como idealizador Feliciano Joaquim de Souza Nunes (1730-1808), a qual inaugurou a primeira tipografia do país, mas a Coroa Portuguesa a destruiu e a

queimou, revelando a despreocupação com a produção cultural, literária e de conhecimento da colônia. (Elias; Martins, 2017)

Faz-se interessante ressaltar esse desinteresse por parte da Coroa Portuguesa ao desenvolvimento das letras e da intelectualidade em terras brasileiras, durante o seu domínio, mostrando, primeiramente, uma discrepância entre o número de formados entre a América Espanhola e a América Portuguesa.

Contudo não seria exagerada a estimativa feita por um historiador, que avalia em cerca de 150 mil o total para toda a América espanhola. Só da Universidade do México sabe-se com segurança que, no período entre 1775 e a independência, saíram 7850 bacharéis e 473 doutores e licenciados. É interessante confrontar este número com o dos naturais do Brasil graduados durante o mesmo período (1775-1821) em Coimbra, que foi dez vezes menor, ou exatamente 720 (Holanda, 1995, p. 119).

Então é impressionante o abismo existente entre as duas Américas colonizadas por países europeus vizinhos em relação ao número de pessoas com doutorado, bacharelado e licenciatura. Em segundo lugar, símile a isso, é a questão da imprensa no que se refere a impressão, divulgação e distribuição de livros ou outros suportes textuais. A Cidade do México, em 1535, já havia publicado livros. E em quase todas as cidades maiores ou principais da América espanhola, antes do século XIX, já tinham instalado serviços de tipografia e uma grande quantidade de livros publicados (Idem. 1995). No Brasil, o processo é o oposto:

Em todas as principais cidades da América espanhola existiam estabelecimentos gráficos por volta de 1747, o ano em que aparece no Rio de Janeiro, para logo depois ser fechada, por ordem real, a oficina de Antônio Isidoro da Fonseca. A carta régia de 5 de julho do referido ano, mandando seqüestrar e devolver ao Reino, por conta e risco dos donos, as “letras de imprensa”, alega não ser conveniente que no Estado do Brasil “se imprimão papeis no tempo presente [...]”. (Idem. 1995: p. 120)

A realidade brasileira, durante o domínio português com a proibição para instalação de serviços de tipografia, contra o desenvolvimento da produção intelectual e artístico/cultural, mostra o quão difícil foi a vida das pessoas que desejavam seguir uma carreira de produção do conhecimento, bem como, uma vida artisticamente produtiva. Isso, talvez, explique a instalação e, logo depois, o sucumbimento de muitas academias. Havia a necessidade de resistir a todo esse processo de despolitização e desintelectualização com proibições para imprensa e a produção do conhecimento.

Então em 1759, nasce a Academia Brasília dos Acadêmicos Renascidos, sediada na cidade de Salvador, teve o apoio do Conselheiro Ultramar José Mascarenhas Pacheco Coelho e

Melo (1720-1788), o nome escolhido remete a uma continuidade, a Academia Brasílica dos Esquecidos, já não existente. Tendo quarenta membros, sua missão era escrever a História do Brasil, discutir política nacional e assemelhar-se às sociedades literárias europeias. Cláudio Manuel da Costa (1729-1789) foi seu membro mais conhecido. Em São Paulo, no ano 1770, foi criada a Academia dos Felizes de São Paulo, com o apoio do então governador paulista, D. Luís Antonio de Souza (1722- 1798). Posteriormente, mais precisamente em 1768, na Vila Rica de Ouro Preto, criou-se a Sociedade Literária Colônia Ultramarina, em 04 de setembro, (Elias, Martins, 2017).

Esta trajetória da fundação das academias no Brasil, faz-se importante para se compreender os processos de suas fundações, seus objetivos e formatos. Chegando ao final do século XIX, sequenciam-se estas trajetórias, falando um pouco da fundação da Academia Brasileira de Letras – ABL. É razoável compreender que, para se iniciar algo, precisa-se de uma preparação, no caso da fundação da ABL, aconteceu essa preparação.

A saber, estes dois homens: Celso Júnior e Medeiros e Albuquerque, o primeiro ainda no Período Imperial, o segundo já no início da República, abraçaram a idealização criacional de uma Academia Nacional de Letras, seguindo o modelo francês. Na época, com o sucesso da Revista Brasileira, seria o momento ideal para juntar um grupo de escritores para a concretude do ideal. Houve uma proposta desta nova instituição nascer sob a égide do Estado, sendo rechaçada a ideia, foi constituída como uma instituição privada e independente, foram sete reuniões ou sessões preparatórias, a primeira reunião ocorreu no dia 15 de dezembro de 1896, onde Machado de Assis já foi escolhido presidente, sendo que a Academia Brasileira de Letras foi instituída nesta sétima reunião e, meses depois, houve a sessão inaugural.

Nesta sétima sessão, estiveram presentes alguns homens, com destaque para Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Olavo Bilac, Araripe Júnior, Artur Azevedo, Medeiros e Albuquerque, Graça Aranha, Lúcio de Mendonça, Visconde de Taunay, José do Patrocínio e outros que também estiveram presentes às sessões anteriores. Participando a partir desta sessão, pode-se citar a presença do baiano Rui Barbosa, Sílvio Romero, Urbano Duarte e outros.

Foram somente trinta membros, porém, a ideia era completar as quarenta cadeiras, seguindo o modelo da Academia Francesa e, assim, elegeram mais dez membros. A sessão

inaugural ocorreu no dia 20 de julho de 1897. Fato ocorrido em sala emprestada do museu Pedagogium, à Rua do Passeio.² Assim nasceu a Academia Brasileira de Letras.

Como foi dito anteriormente, a ABL em seus primeiros anos não tinha sede própria, fato este vivenciado pelas academias que viriam a surgir posteriormente, mas, a ABL veio a conquistar sua sede própria anos mais tarde, como nos diz Oliveira. (2009, p. 16) “A Academia, no início de seus trabalhos, não possuía uma sede fixa. Ocupou vários prédios até obter sua sede atual, o Petit Trianon, construído para a Exposição do Centenário da Independência do Brasil e doado pelo Governo Francês, em 1923.

A fundação da ABL, impulsionou a criação de várias outras academias pelo território nacional, a exemplo das academias estaduais e posteriormente as municipais, não se restringindo somente às pessoas de letras, mas, muitas delas ampliando a perspectiva, focando em diversas áreas do conhecimento (Nascimento, 2011). E no Estado da Bahia, não poderia ser diferente, haja visto, que a primeira academia de letras do Brasil surgiu neste Estado, então, a seguir, apresenta-se a Academia de Letras da Bahia e, depois, algumas academias do interior do Estado.

Academia de Letras da Bahia – ALB, foi fundada no dia 07 de março de 1917, seguindo o modelo da Academia Francesa e da Academia Brasileira de Letras, a data escolhida para sua fundação rememora e homenageia a primeira academia literária brasileira, fundada e instalada na Bahia, no dia 07 de março de 1724, nomeadamente de Academia Brasília dos Esquecidos. Nos moldes da Academia Francesa, também, a ALB, constitui-se de quarenta cadeiras com seus respectivos patronos permanentes e imutáveis, conforme Oliveira (2009), das quarenta cadeiras, 20 são para membros efetivos e 20 membros correspondentes. No seu estatuto, Artigo 1º, apresenta como objetivo primordial o seguinte: “o cultivo da língua e da literatura nacionais, a preservação da memória cultural baiana e o amparo e estímulo às manifestações da mesma natureza, inclusive nas áreas das ciências e das artes” (Art. 1º do Estatuto) e, como lema, apresenta a seguinte frase: “Servir à Pátria, honrando as letras”.

O engenheiro Arlindo Fragoso foi a pessoa que idealizou a criação da ALB, em que fez uma seleção dos mais notáveis nomes das letras e da política baiana. No entanto, ao criar as 40 cadeiras e escolher estes membros, ele não se incluiu como membro, somente depois que isso foi feito pelos seus pares e, para tanto, criou uma cadeira extra, a de número 41 até surgir

² Informações extraídas do seguinte site: <https://www.academia.org.br/academia/fundacao> acessado em 11/04/2023.

uma outra vaga, fato que ocorreu meses depois com a morte de um dos membros recém-empossado. Ressalta-se, ainda, que o idealizador não foi o primeiro presidente, mas, o primeiro secretário³.

A instalação da primeira sede da ALB lhe proporcionou, desde o início, a possibilidade de desenvolver muitas atividades culturais, pois a mesma estava localizada no Terreiro de Jesus, funcionando, também, no Campo Grande, sendo a sede, atualmente, o Palacete Góes Calmon na avenida Joana Angélica, nº 198, espaço onde abriga um grande acervo histórico e literário, realizando diversas atividades artístico-literária, a exemplo de saraus, lançamentos de livros, palestras, oficinas, cursos e outros⁴. As academias passam por dificuldades diversas, principalmente em relação ao espaço definitivo de instalação e funcionamento de suas atividades, algo que parece comum neste processo, portanto, a fundação da ABL, a nível nacional e de Bahia, deu início a um movimento das academias.

A fundação da Academia Brasileira de Letras fez desencadear o surgimento das – por assim dizer – academias estaduais, em praticamente todos os estados brasileiros. Entre elas, a da Bahia, de 1917. Desse movimento, resultam as demais academias que se seguiram depois e que ainda hoje não cessam de se multiplicar. Conta-se no Brasil, atualmente (2011), com uma constelação de várias centenas dessas confrarias, cobrindo distintas áreas do pensamento, como a Literatura, as Artes (de um modo geral), o Direito, a Medicina, a Filosofia, a Religião, etc. (Nascimento, 2011, p.01).

Nesta perspectiva, durante toda a continuidade do século XX e até hoje, vê-se o surgimento de novas academias pelo interior do Brasil e, por conseguinte, da Bahia. Recentemente, ou seja, no ano de 2022, 08 de agosto, o Jornal Correio traz uma matéria com o seguinte tema: “Os imortais do interior da Bahia que lutam para manter as letras vivas - Saiba como as academias de letras municipais immortalizam a cultura local, mas esbarram em obstáculos para fazer seus escritores serem lidos”⁵, a reportagem ainda continua:

Atualmente, o estado possui 31 academias de letras com caráter municipal em atividade, embora muitas estejam moribundas, quase sempre mantidas por

³As informações para este texto foram extraídas do site: <https://academiadeletrasdabahia.org.br/estatuto/> acessado em 11/04/2023.

⁴ Informações extraídas do Jornal Correio do dia 20/08/2022, disponível em <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/os-imortais-do-interior-da-bahia-que-lutam-para-manter-as-letras-vivas/> acessado em 12/04/2023.

⁵ informações extraídas do Jornal Correio do dia 20/08/2022, disponível em <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/os-imortais-do-interior-da-bahia-que-lutam-para-manter-as-letras-vivas/> acessado em 12/04/2023.

contribuições dos próprios membros, sem apoio do poder público para disseminar suas produções - e essa história institucional vem de longe, já que uma das mais antigas confrarias nasceu em Ilhéus, no sul do estado, em 1959. Curiosamente, as entidades não estão sob o guarda-chuva da centenária Academia de Letras da Bahia (ALB), pois atuam de forma independente. O mapeamento dos clubinhos literários foi feito recentemente pela Rede de Integração Cooperativa das Academias de Letras da Bahia (Rica), criada em 2020 com o objetivo de integrar e promover a difusão cultural, literária e artística das academias cidadinas. O contato entre os membros dos grupos é feito por meio de outros grupos, neste caso do WhatsApp. A Rica é coordenada pelo escritor Aleilton Fonseca, professor e membro da ALB que há tempos já identificava a dificuldade em manter esses espaços de integração e, recentemente, resolveu criar um. [...]. (Jornal Correio, 2022).

A citação acima além de revelar as dificuldades das academias cidadinas, ou seja, academias existentes no interior da Bahia, é citada, também, a academia mais velha do interior, a Academia de Ilhéus, ao mesmo tempo em que traz uma certa crítica no sentido de que estas academias não estão sob o guarda-chuva da ALB e, também, sobrevivem de recursos próprios (das mensalidades de seus membros). Seguindo a reportagem, apresenta aspectos históricos, já citados anteriormente, apresenta uma lista das academias do interior do Estado com suas respectivas siglas: 1 - Academia de Letras e Artes de Alagoinhas – ALADA; 2 - Academia Barreirense de Letras – ABL; 3 - Academia de Letras de Bom Jesus da Lapa; 4 - Academia de Letras e Artes de Brumado – ALAB; 5 - Academia de Letras de Cachoeira – ALCA; 6 - Academia Caetiteense de Letras – ACL; 7 - Academia de Letras e Artes de Canavieiras – lALAC; 8 - Academia de Letras de Candeias – ALC; 9 - Academia de Letras e Artes de Candeias – ALAC; 10 - Academia de Letras de Castro Alves – ALACA; 11 - Academia Cruzalmense de Letras – ACL, 12 - Academia Feirense de Letras – AFL; 13 - Academia Guanambiense de Letras – AGL; 14 - Academia de Letras de Ilhéus – ALI; 15 - Academia de Letras de Itabuna – ALITA; 16 - Academia Grapiúna de Letras – AGRAL; 17 - Academia de Letras do Vale do Itapicuru – ALVI; 18 - Academia de Letras de Jequié – ALJ Jequié; 19 - Academia de Letras e Artes de Lauro de Freitas – ALALF; 20 - Academia de Letras de Paulo Afonso – ALPA; 21 - Academia de Letras de Porto Seguro – ALPS; 22 - Academia de Letras e Artes de Salvador – ALAS; 23 - Academia de Letras de Santo Amaro – ALSA; 24 - Academia de Letras do Recôncavo – ALER; 25 - Academia de Letras e Artes de São Francisco do Conde – ALASFCO; 26 - Academia Santa-Ritense de Letras – ASL; 27 - Academia Teixeiraense de Letras – ATL; 28 - Academia Valenciana de Educação, Letras e Artes – AVELA; 29 -

Academia Conquistense de Letras – ACL; 30 - Academia de Letras de Xique-Xique – ALEXX; 31 - Academia Jacobinense de Letras – AJL⁶.

A reportagem apresenta essa lista com apenas 31 academias no interior da Bahia, em atividades, porém, observa-se que ela não faz menção a Academia de Letras de Juazeiro e a ACLASB, foco desta pesquisa, sediada e instalada no município de Senhor do Bonfim, no Território de Identidade Piemonte Norte do Itapicuru, tendo esta, mais de trinta anos de atividade.

Até a data de publicação da reportagem, essas duas últimas academias e outras não constava nesta lista. Os possíveis motivos da não inclusão dessas academias citadas e outras, na lista da reportagem, talvez tenham sido a falta de contato dos dirigentes da Rede de Integração Cooperativa das Academias de Letras da Bahia – RICA. Como foi dito, a ACLASB está ativa desde sua fundação, as demais, não se sabe ao certo, mas, também, vale ressaltar que a RICA foi criada em 18 de maio de 2021, recente, formada por uma comissão de representantes de membros da Academia de Letras da Bahia – ALB e de outras academias. Além disso, é razoável suspeitar que nem todas as academias estão ativas e que o Estado da Bahia não é pequeno para um levantamento e confirmação da existência de todas as academias sediada no Estado.

⁶ Lista extraídas do Jornal Correio do dia 20/08/2022, disponível em <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/os-imortais-do-interior-da-bahia-que-lutam-para-manter-as-letras-vivas/> acessado em 12/04/2023.

4. PÁGINAS BONFINENSES⁷

Contexto é o conjunto de elementos ou de entidades, sejam elas coisas ou eventos, que condicionam, de um modo qualquer, o significado de um enunciado, ou seja, que permitem a um sujeito dotado de consciência, construir um entendimento, um sentido sobre uma coisa ou evento, com os quais entra em contato. (Martins, 2006, p. 54)

Faz-se necessário contextualizar o lugar onde surge a ACLASB para se compreender a pavimentação feita por outras histórias, por outros personagens que caracterizam este lugar onde ela nasce e se desenvolve. Os contextos diversos, mas, principalmente, os contextos artístico-cultural faz-se imprescindível.

Localizado no semiárido brasileiro, mais precisamente no semiárido baiano, região centro norte da Bahia, especificamente no Território de Identidade Piemonte Norte do Itapicuru (que é composto por nove municípios), o município de Senhor do Bonfim conta atualmente com uma população estimada para 2022 de 74.523 pessoas.⁸ Já a sede do município tem uma população de 57.382 habitantes, que corresponde a 77% de toda população do município⁹. A sua sede tem o maior centro comercial e de serviços do território e está incrustada entre uma extensão da Chapada Diamantina, cercada por uma cadeia de montanhas e serras como assim aparece em trecho do hino da cidade: “Em torno, a Serra do Espinhaço, / Num amistoso abraço, / Lhe dá proteção”¹⁰.

A cidade, desde o seu início, apresentou-se pujante nas artes em suas diversas expressões, aqui dando ênfase à arte dramática, circense/teatro (SILVA, 2018), apresenta um panorama da primeira metade do século XX, a respeito da presença de diversos eventos artístico-culturais, com destaque para as artes cênicas com diversos circos, artistas e companhias e os diversos espetáculos que passaram pela cidade, além da existência da Filarmônica União Recreio, Filarmônica 25 de Janeiro, e do Cine Teatro São José e Cine Royal, como elemento da sua modernização.

⁷ Título de obra de Paulo Batista Machado - publicado em 2010.

⁸ Dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/senhor-do-bonfim/panorama> acessado em 07/11/2023.

⁹ Dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/senhor-do-bonfim/panorama> acessado em 29/01/2024.

¹⁰ Hino do município de Senhor do Bonfim. Letra por Jairo Simões e Melodia por Jairo Simões. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uosGs7k2fGY> acessado em 17/04/2023.

Ainda no início do século XX, foi fundado o jornal “Correio de Bonfim”, em 1º de outubro de 1912, funcionando até 1942, sendo seu idealizador, fundador, diretor e redator, o então poeta e jornalista Augusto Sena Gomes¹¹.

Neste sentido, Silva (2018, p.235) descreve a cidade da seguinte maneira: “Na primeira metade do século XX a cidade de Senhor do Bonfim teve uma movimentada cena artístico-cultural que englobava espetáculos teatrais, circenses, musicais e exposições cinematográficas”.

Durante esse período, ela apresenta uma vida cultural muito movimentada, como, por exemplo, a existência de um serviço de alto-falante que ficou conhecido como “Rádio” Cultural de Bonfim, que realmente se chamava Sociedade Cultural de Bonfim, idealizada por Caio Felix Martins, mas, concretizada por Aduino Silva, entre 1943 e 1945. Esse serviço de alto-falante foi apelidado de rádio, porque tinha instalações e sede própria na rua Dr. Joviniano Duarte, no famoso Beco do Bazar, hoje, conhecido como Calçadão. Era, efetivamente, um espaço de rádio, com auditório e programação ao vivo, veiculação de notícias, músicas populares e eruditas e shows musicais com artistas da cidade. Logo depois, em 1948 foi fundada a Rádio Dom Henrique, tendo como idealizador o segundo bispo diocesano de Bonfim, Dom Henrique Golland Trindade, por isso, a rádio tinha esse nome, também realizando boas programações, destacando vários profissionais do rádio, porém, sua programação apresentava algumas limitações por ser uma rádio ligada à Igreja Católica, (Freitas, 2018).

Depois dessas duas emissoras, na década de 80 do século XX, funda-se a Rádio Caraíba AM, que, no início da década de 2020 do século XXI, transformou-se em FM (frequência modulada), mais tarde, Rádio Rainha FM -, e, por último, a Rádio Princesa FM. A partir do século XX, foram vários os movimentos artístico-culturais, surgido na cidade, onde desfilaram grandes artistas na música, na literatura, no teatro, no circo, nas artes visuais e etc., bem como, também espaços diversos como, os palcos que serviram para apresentações de peças teatrais, shows musicais, bem como, para outras apresentações.

Neste sentido, os diversos palcos acima citados são os seguintes: Auditório do Colégio Estadual Senhor do Bonfim, (antigo Colégio Maristas), recentemente passado por uma revitalização devido a instalação do curso de Artes Cênicas da Universidade do Estado da Bahia - UNEB - Campus VII, onde também está sendo organizada a instalação do Museu Pedagógico Professoras Irmãs Militão com todo o material do Memorial Senhor do Bonfim; Auditório João

¹¹ Informações extraídas do texto Biografia, escrito por Antônio de Carvalho Melo como apresentação na obra póstuma: Alvoradas e Crepúsculos - poesias de Augusto Sena Gomes - 1982.

Paulo II no Bispado; Auditório do Colégio de Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento (Sacramentinas); Centro Cultural Ceciliano de Carvalho; Auditório do antigo Círculo Operário; Auditório do Colégio Estadual Teixeira de Freitas; Salão, com palco da Sociedade União e Recreio; Salão com palco da Sociedade 25 de Janeiro. Os mais recentes são: o Auditório do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães; Auditório do CITEAR - Circo Teatro Alvinho do Riacho; Auditório do Colégio Estadual Paulo Batista Machado e na praça Alexandre Góes, onde hoje está instalado a ACLASB, um mini anfiteatro, próximo à Biblioteca Municipal Prof^a. Zenáurea Terezinha Campos Dias.

A vida cultural da cidade, explicita nesta descrição, mostra, de certa forma e em certo sentido, o contexto sócio-político-artístico-cultural do surgimento da ACLASB, tema do próximo subtítulo.

4.1 CASA DE IMORTAIS¹²: Luzes do Alvorecer¹³

A idealização e as reuniões preparatórias para fundação da Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim - ACLASB, são muito parecidas com realidades de outras academias, bem como, da fundação da própria Academia Brasileira de Letras - ABL, principalmente no que diz respeito aos lugares de reuniões, reconhecimento e apoio. Nesta perspectiva, Neto (2013; p. 13), diz que: “O empecilho da falta de apoio governamental, entretanto, era uma constante tanto para todos estes clubes literários da Paraíba, como para a Academia Paraibana e a Academia Brasileira, quando da proposição de sua criação e no funcionamento dos primeiros anos”.

João Matias Neto traz, em seu trabalho, “As Cinzas dos Imortais”, essas dificuldades desde o início da constituição da Academia Paraibana de Letras, quanto da ABL, elencando ainda outros aspectos de dificuldades que provavelmente fez parte de outras academias, não somente durante o processo de fundação, mas, também durante a sua existência.

Uma academia literária, em tempos de seu surgimento, talvez tenha sua primeira reunião em uma biblioteca pública para, posteriormente, galgar os mais inusitados locais até ter a sua tutela subvencionada pelo governo, desde a sala da casa de um de seus membros até escritórios ou mesmo ginásios. Não foi diferente com a Academia Brasileira de Letras nem com a Academia Paraibana de Letras. Ambas passaram pela

¹² Trecho de um verso do poema: Presidente desta academia, incluso num discurso feito por Eurídice de Carvalho Melo Pita em maio de 2009, durante a comemoração do aniversário da Cidade de Senhor do Bonfim, membro efetivo e ex-presidente da ACLASB.

¹³ Título da obra poética de Dom Jairo Rui Matos da Silva - 1945-1954.

mesma dificuldade de reconhecimento por parte não apenas da sociedade como também dos governos (Neto, 2013, p.19).

Na ata número 1, do dia cinco de dezembro de 1991, livro 1, diz que, “no Centro Cultural Ceciliano de Carvalho, nesta cidade, presente numerosa assistência de pessoas gradadas, foi aberta a sessão solene de Fundação e Instalação da Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim - ACLASB, [...]”. Ao contrário da ABL e da Academia Paraibana de Letras citado por Neto (2013), a primeira reunião da ACLASB realizou-se no Centro Cultural da cidade. Porém, sobre esses aspectos, provavelmente em parte, tenha passado por problemas verossímeis, em relação aos locais de suas reuniões, principalmente no início. Mas, o momento de fundação e instalação da ACLASB, foi descrito pelo seu membro fundador Paulo Ernesto Leite Rodrigues da seguinte forma:

Momento surpreendente, interessante quanto aos preparatórios para fundação da ACLASB, em 5 de dezembro de 1991. Reuniões de criação das cadeiras e seus imortais. Estiveram à frente Paulo Batista Machado, A. de Carvalho Melo, Caio Felix Martins, professor Fernando Dantas, Osvaldo Alves Aragão, Ademir Pires, Castor Xisto, Joaquim Muricy, Olga Campos de Menezes, Zenáurea Campos, Araguaci Gonçalves, Julieta Campos, Tito Rocha, Antônio Oliveira Simas Maia... Outros convidados foram: Paulo Ernesto Leite Rodrigues, Carminha Sena Gomes, Eurídice Melo Pita, Renato Sena Gomes, Zequinha Poeira, Maria Perpétua Dantas, Dr. Dario Pereira, Rogério Moreira, Maurício Salama, Paulo Fialho... Abriu-se um leque de convites a todos intelectuais, poetas, músicos, artistas plásticos, comunicadores da rádio, atores e atrizes, educadores, pessoas populares que porventura, exercitassem qualquer tipo de arte (Rodrigues, 2023, p.01 – relato escrito).

A citação não apresenta explicitamente a preocupação apresentada pelo autor anterior sobre os espaços de reunião, mas, traz uma satisfação referente aos preparativos para a fundação da ACLASB, elencando os seus convidados para tal realização e listando os afazeres dos mesmos. Destacando na lista de convidados os artistas “intelectuais, poetas, músicos, artistas plásticos, comunicadores da rádio, atores e atrizes, educadores, pessoas populares que porventura, exercitassem qualquer tipo de arte”.

Distingue, de certa forma, educadores de intelectuais, podendo, assim, ressaltar os aspectos educativos da ACLASB e depois de citar as nomenclaturas artísticas, ele traz o seguinte: “pessoas populares que porventura, exercitam qualquer tipo de arte”, parecendo sugerir o aspecto não elitista desta instituição. Na ata de fundação não consta detalhes das reuniões preparatórias, bem como, também sobre a própria solenidade inaugurativa, apresentando os objetivos, programação sucintamente descrita, nome da nova instituição e a presidência provisória.

Aos cinco dias do mês de dezembro (Dia da Cultura) de um mil novecentos e noventa e noventa e um, às vinte horas, no Centro Cultural Ceciliano de Carvalho, nesta cidade, presente numerosa assistência de pessoas gradas, foi aberto a sessão solene de Fundação e instalação da Academia de Letras Artes de Senhor do Bonfim - ACLASB, que tem por finalidade cultivar as letras, as artes e a ciência em todas as suas modalidades contemporâneas, futuras e pretéritas de que tanto carecem as células vivas da nacionalidade, no seu todo e, de um modo particular, esta estremecida cidade de nosso Senhor do Bonfim. Depois da abertura da sessão, com audição do hino de Bonfim, leituras de correspondência, foi convidado o Sr. Promotor Adalberto Dória, para assumir a presidência da Mesa, para prosseguimento da sessão que constou de: 1 - Leitura do Juramento por um dos Acadêmicos, seguidos pelos demais. 2 - Diplomação e posse dos Acadêmicos da Primeira Diretoria. 3 - Palavra concedida aos oradores inscritos e exibição de programas musicais e artístico. 4- Palavra do Presidente. 5 - leitura da ata - do ocorrido, lavrando-se a presente, que vai ser assinada pelos componentes da Mesa e pelos Acadêmicos empossados, que recebem o título de Membros Fundadores. Nada mais havendo, foram os trabalhos encerrados, com a execução do Hino Nacional. Senhor do Bonfim, cinco de dezembro de um mil novecentos e noventa e um. Julieta Araújo Campos Santana (Livro I Ata, de nº. 01 do dia 05 de dezembro de 1991).

Nesta sessão solene de fundação e instalação da Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim - ACLASB, assinaram a ata, as seguintes pessoas: Paulo Batista Machado (idealizador e eleito o primeiro presidente), Antônio Carlos O. S. Maia, Ananias Ramos, Luis Rogério, Paulo Nogueira Lima, Eloilton Ferreira Cajuhy, Renato Sena Gomes, Joel Fernandes de Sena, Adalberto da Costa Dória (o presidente da mesa), Rogério Moreira, Custódio Barbosa Neto, Ivonete de Vasconcelos Silva, Isaú Almeida Lola, Nivaldo Vieira dos Santos, Cleber Vieira, Paulo Ernesto Leite Rodrigues, Carlos Marques Militão, João Alves Sobrinho, Paulo Mangabeira, Joaquim Muricy Sobrinho e outros/outras, num total de trinta e cinco pessoas e mais a secretária.

O espaço onde aconteceu a sessão solene de fundação e instalação, bem como, da posse da diretoria, o Centro Cultural Ceciliano de Carvalho, ficou sendo o lugar para as sessões solenes, porém as reuniões ordinárias por um bom tempo realizaram-se na sociedade União e Recreio. É perceptível que na sessão solene de fundação e instalação da ACLASB, algumas assinaturas já aparecem acompanhadas com o número da cadeira ocupada pelo assinante, transparecendo que a lista de patronato já estivesse pronta, informação corroborada com o texto do membro fundador Paulo Ernesto Leite Rodrigues que relata o seguinte:

Nas primeiras reuniões vi correr os nomes dos Patronos: Paraguaçu, Deraldo Felix Martins, Sr. Isaque (corneteiro do Tiro de Guerra), Ceciliano Carvalho, Augusto Sena Gomes, Dr. José Gonçalves, Dr. Antônio Gonçalves, (...) Anexo, lista dos patronos definidos para fundação da academia.

Ao mesmo tempo, foi elaborado e definido o estatuto da Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim, conforme escrito o seu ideal: Estatuto de fundação, 50 patronos e lista de 50 membros empossados (fundadores) (Rodrigues, 2023, p. 01 - relato escrito).

Neste sentido, fica perceptível que no dia da sessão solene de fundação e instalação da ACLASB com a posse dos respectivos membros para ocupar as cinquenta cadeiras criadas com seus respectivos patronos, modelo muito similar à Academia Francesa (Oliveira, 2009), não foram todas ocupadas, conforme ata, que consta apenas de trinta e seis assinaturas, contando com a secretária. Porém, a citação anterior do mesmo autor elenca outras pessoas nas reuniões preparatórias. Os artistas bonfinenses escolhidos para serem imortalizados através do patronato das cinquenta cadeiras foram apresentados e avaliados por esse grupo que participaram da preparação de criação, fundação e instalação da ACLASB, (Rodrigues, 2023, relato escrito).

Segundo o primeiro Estatuto da Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim - ACLASB, no seu capítulo segundo, artigo 6º: “Serão sócios titulares cujo quadro é de (50) Acadêmicos, os que forem eleitos ou transferidos para a referida categoria, cujas cadeiras terão como patronos os bonfinenses relacionados neste estatuto”. Já no capítulo sexto, artigo 26º, confirma essa premissa de patronato da seguinte forma: “Os patronos a que se referem o artigo 6º são os seguintes renomados e consagrados intelectuais e filantropos bonfinenses:”

Quadro 1. Lista dos atuais patronos da ACLASB

Nº de Cadeira	Nome / Data de Nasc. e Morte	Profissão/Arte
1.	Zenaura Therezinha Campos Dias (1933 – ?)	Foi professora, proprietária do Colégio Sagrado Coração (Casinha Feliz); diretora de escolas públicas; escritora e poetisa.
2.	Augusto Sena Gomes (1882 – 1958)	Intelectual que fundou o jornal “Correio de Bonfim”, o mais duradouro na história de Bonfim. Deixou dois livros de poesias: “Sovas e Trovas” e “Alvorada e crepúsculo”.
3.	Edeltrudes Ferreira da Silva (1860 – 1929)	Foi delegado; conselheiro municipal; intendente municipal; presidente da Sociedade União e Recreio; coronel; comandante; ator e dramaturgo. Escreveu Amor Fraternal – Drama em Dois Atos – Senhor do Bonfim, 1917, que foi publicado em 2015, postumamente, pelo seu filho Dourival Ferreira.

4.	Ignácio Muricy Filho (1869 – 1899)	Bonfinense; exerceu o magistério primário. Da sua produção literária, sabe-se pouco, somente da existência de um livro manuscrito, com poesias, crônicas e pensamentos de sua autoria, que foi desaparecido. Restando uma poesia, intitulada: "Desespero".
5.	Antônio Martins de Souza (1939 – ?)	Poeta; contador; laboratorista e astrologista.
6.	Antônio de Carvalho Mello (1914 – 2001)	Professor; militar-tenente; escritor; poeta; trovador. Livros publicados: ABC dos Políticos; Um Padre e Um Protestante; Pacto de Hitler Com Satanás; Maldição - Tragédia nas Sextas; Talismã - Sentimento e Arte; Trovas Gozando Trova; A poesia do Dia, Cantigas que o Povo Canta; Cantigas que o Povo Gosta e Do Nordeste a São Paulo, aguardando publicação.
7.	D. Jairo Rui Matos da Silva (1929 – 2007)	De Castro Alves, BA, foi o 4º bispo de Bonfim; escritor; poeta; criador e redator do Informativo "Vida e Ressurreição" da diocese. Três livros publicados.
8.	Lourenço Pereira da Silva (1875 – 1956)	Escritor e político; presidente do Conselho Municipal. Publicou Memórias Históricas e Geográficas da Comarca de Bonfim, editado em 1915.
9.	Rômulo Galvão (1930-1998)	De Campo Formoso, foi professor; Secretário de Educação do Estado da Bahia; fundador da Rádio Caraíba AM de Senhor do Bonfim e Deputado Estadual
10.	Antônio Vieira (1938 – 1996)	Bonfinense da comunidade quilombola de Tijuaçu, foi professor; sociólogo e bibliotecário. Ensinou em África, Estados Unidos; palestrou em países da Europa. Autor de três livros bilíngues português/inglês.
11.	Manoel Batista de Souza (Dr. Nquinho)	Médico em nossa cidade. Foi um grande sanfoneiro.
12.	Ceciliano de Carvalho (1882 – 1950)	Foi músico, instrumentista e compositor bonfinense. Estudou música, seu professor o chamou de "Menino Prodígio do Flautim de Ouro!". Também aprendeu a tocar piano; ministrou a arte do teclado a várias gerações de moças e rapazes da escola Sociedade Bonfinense.

13.	Dr. Antônio Gonçalves da Cunha e Silva (1882 – 1945)	Foi médico humanista; depois de formado, foi morar em Leme – SP, onde também foi prefeito daquela cidade. Já político, retorna a Bonfim, chegando a ser prefeito, vereador e intendente municipal.
14.	João Sena Gomes (Bagá)	Músico e compositor.
15.	Francisco Simas (1884 – 1977)	Dramaturgo; comediógrafo; escritor, poeta e jornalista. Colaborou com diversos jornais. Publicou diversos trabalhos de poesias.
16.	D. Antônio Mendonça Monteiro (1907 – 1972)	Foi o terceiro de Bonfim, extraordinário orador. Tem um livro sobre ele, escrito e publicado por Paulo Batista Machado, com título: Dom Antônio Monteiro - Um santo roga por nós.
17.	Júlio Manoel da Silva (1893 – 1939)	Foi jornalista e poeta, manteve no “Correio de Bonfim” a Seção Judiciária “O Espinho” teve uma seção de sonetos. Foi 2º Tabelião substituto e Escrivão do Cível. Mais tarde, tornou-se contador e foi também advogado.
18.	Edgard Simões (1894 – 1975)	Foi advogado; promotor público estadual; juiz municipal; desembargador. Exerceu a advocacia, entre 1917 e 1923, em Senhor do Bonfim e comarcas vizinhas.
19.	Adolfo Manoel da Silva (1894 – 1978)	Era mestre em escrituração mercantil; trabalhou como guarda livros em Uauá; colaborador de jornais da região e do Jornal Imparcial de Salvador. Autor da obra: “Bonfim Terra do Bom Começo”, (ensaio sobre a origem de Bonfim).
20.	Oriana Carvalho (1924 – 2005)	Foi professora; depois de muitos anos de trabalho, ficou cega; escritora e poetisa, com um livro publicado, escrito quando já estava cega.
21.	Deraldo Felix Martins (1889 – 1940)	Em 1920, formou-se em Direito; depois, tornou-se juiz preparador; abandonou a magistratura e dedicou-se à advocacia. Foi um grande poeta e orador. Foi publicado, postumamente, a obra poética de Deraldo pela família e a ACLASB.

22.	Aurélio Freitas (1896 – 1957)	Foi intelectual e poeta bonfinense.
23.	Manoel Paraguaçu (1896 – 1957)	Pintor; aquarelista e caricaturista famoso da época. Em Santos e Porto Alegre, recebeu diplomas da Associação dos Artistas Brasileiros. Já nos anos de 1951 e 1952, foram afirmadas as suas aquarelas, tendo como tema: Bahia e seus conventos, solares, telhados, becos, ladeiras, fundos de ruas, tendo sido muito comentado através de crônicas do norte a sul do país. Enquanto caricaturista, destacaram-se as suas autocaricaturas.
24.	José Carvalho (Zé da Almerinda) (1910 – 1974)	Foi um dos precursores da teatralidade circense do interior da Bahia. Criou o quintal-teatro primeiro na rua Campo formoso (1943/1944 a 1948), depois, na rua José Jorge (1948 a 1965), ambas em Senhor do Bonfim. Foi também funcionário da Ferrovia Leste Brasileira.
25.	Oswaldo Alves Aragão (1923 – ?)	Foi instrumentista; músico; compositor; poeta; cordelista e radialista.
26.	Alaíde Sena Gomes (1912 – 2006)	Comerciante. Publicou o livro: Sonetos e Poemas, em 2002, de autoria do seu pai Augusto Sena Gomes. Colaborou com Centro Educacional Sagrado Coração, doando o acervo cultural das edições do jornal “Correio do Bonfim”. Participou da criação do Bispado de Bonfim, da instalação do Colégio Sacramentinas, da fundação da Pia União das Filhas de M ^a . e da Congregação Mariana. Foi a idealizadora da Bandeira de Senhor do Bonfim, através do Decreto Lei 02/72, de 05/05/1972, assinado pelo prefeito Atahualpa de Menezes.
27.	Juvêncio Mendes de Menezes (1902 – 1961)	Foi jornalista; poeta e escritor. Publicou os livros: “Nobres e Lacaios” e “A Fundação do Município na Renovação do Brasil”; foi redator no jornal “Correio de Bonfim”.
28.	Oswaldo Pinheiro Requião (1908 – 1966)	Escritor; poeta. Publicou o “Dicionário Ortográfico de Nomes Próprios”; Estudos sobre Teilhard de Chardin” e “ Ode ao Vaqueiro”, este proferido em Senhor do Bonfim na exposição de 1941.
29.	Durvalina Felix Martins (1904 – ?)	Poetisa; escritora e jornalista. Colaborou com o jornal “CORREIO DE BONFIM”. Declamadora, dedicou-se desde cedo às dramatizações. Foi funcionária municipal, alfabetizando crianças; bibliotecária e secretária da Câmara Municipal.

30.	Dr. José Gonçalves da Silva (1838 – 1911)	Advogado, ingressou na política em 1863. Líder do Partido Conservador de Bonfim, em 1865. Em 1862, Coronel Comandante Superior da Guarda Nacional, organizou voluntários bonfinenses para a Guerra do Paraguai, foi condecorado Cavaleiro da Ordem da Rosa. Deputado provincial e deputado geral na corte em 1868, foi abolicionista, votando inclusive para a “Lei do Ventre Livre”, em 28 de setembro de 1871, estimulou Bonfim à adesão à república em 1889, foi 1º Intendente Municipal de Bonfim em 1890. 1º Governador da Bahia em 2 de julho de 1891.
31.	Manoel Serapião Dantas (1905 – 1938)	Fundador do jornal “Bonfim-Filme” em 1930. Em 1929, fundou a Escola União Educativa de Bonfim, dedicada ao ensino das letras e esportes. Foi um excelente orador, sendo um dos oradores das homenagens a Ruy Barbosa. Foi tesoureiro da Sociedade União e Recreio. Foi telegrafista dos Correios e Telégrafos.
32.	Jairo Simões ()	Poeta; músico; economista; autor do hino da cidade de Senhor do Bonfim. Participou do governo da Bahia de Waldir Pires, sendo secretário de economia.
33.	Walfredo Carneiro da Cunha Gonçalves da Silva (1908 – 1977)	Foi médico, formado pela Faculdade de Medicina da Bahia. Em 1946, elegeu-se vereador e em 1950 foi eleito Deputado Estadual. Permaneceu como Deputado por quatro legislaturas, que perduraram de 1950 a 1966.
34.	Paulo Martins Fontes (1907 – ?)	Sem informações
35.	Isaac Dionizio do Nascimento (1912 – 1989)	Foi corneteiro da Polícia Militar, depois, foi transferido para o Tiro de Guerra de Senhor do Bonfim. Contribuiu para formação dos atiradores da cidade, empolgava a todos nos desfiles do 07 de setembro, ao som de sua corneta.
36.	Renato Simões Duarte (1912 – 1949)	Sem informações
37.	Celina Ferreira	Atriz

38.	Eliziário de Oliveira (1917 – 1998)	Profissão: Músico, fazia turnê pelo sertão da Bahia. Recebeu uma sanfona de presente do Governador da Bahia, Antônio Balbino em 1950. Batizada por o nome “mula preta” que alegrou e deu cor para o grandioso São João bonfinense e cidades vizinhas. Seu legado foi continuado por seu filho, Zé do Eliziário, carregando, com ele, a cultura bonfinense.
39.	Gessildo Caribé	Foi um dos maiores pianistas da Bahia. (informação dada por Zecrinha – membro da ACLASB).
40	Adjacy Sampaio Muricy (1916 – 1967)	Nasceu em Senhor do Bonfim, foi músico e instrumentista. Iniciou seus estudos musicais aos dez anos de idade, aos doze anos, já era contramestre da banda. Atuou muito tempo como músico profissional, integrando orquestras em vários lugares. Mudou-se para São Paulo, em 1934. Seu interesse pelo violão foi intenso e extenso.
41	Fernando Jatobá da Silva Tele (1916 – 1972)	Foi advogado criminalista, assessor jurídico e procurador da Cia. Vale do Rio Doce, no Rio de Janeiro. Foi deputado estadual pela UDN, de 1951 a 1955. Em sua produção literária, destaca-se “O Caso da Câmara de Alagoinhas, Alagoinhas-BA (1957), em co-autoria”.
42.	Celso Teixeira do Amaral (1917 – 1980)	Foi comerciante, escritor, poeta e orador. Tinha vida social ativa. Simpatizante do Partido Comunista do Brasil e escreveu para a revista Seiva, em Salvador, a qual lançou pessoas como Jorge Amado.
43.	Raimundo Felipe da Silva (Popó) (1918 – 1981)	Foi instrumentista, tocava cavaquinho, violão, bandolim e violoncelo. Fundou um conjunto “Os Magos da Melodia”, tornando-se seresteiros. Compôs músicas de forró, samba, valsa, bolero, hinos e outros estilos musicais.
44.	Pedro Amorim Duarte (1919 – 1950)	Foi médico e jogador. Gostava de futebol, mas sonhava em ser médico. Jogou no Esporte Clube Bahia. No ano de 1941, foi convocado para a seleção brasileira. Em 1946, foi campeão carioca, campeão brasileiro pela seleção carioca e se formou em medicina. Marcou 455 gols, ao total. Depois, voltou à sua cidade e exerceu a profissão dos seus sonhos.
45.	Lurdes Militão	Professora leiga.

46.	Júlio César Salgado (1894 – 1974)	Foi professor e diretor escolar.
47.	Joaquim Muricy Sobrinho (1906 – 2000)	Foi vereador; intendente; comerciante e funcionário aposentado da rede Ferroviária Leste Brasileira; escritor, com diversos artigos para diversos jornais na Bahia, como o jornal “A Tarde”, “Tribuna da Bahia,” membro fundador da ACLASB.
48.	Raimundo Isidório dos Santos (1918 – ?)	Foi professor; pastor; escritor e poeta. Entre outras publicações, a mais emblemática foi: Pelas Sendas da Vida.
49.	Acyron Damasceno (Quelebreu) (1948 – 1979)	Poeta; cronista; “teatrólogo” e ator. Foi o criador da JECANA (Corrida de Jegues), que fazia parte do São João. No dia 21 de junho de 1973, em viagem à Petrolina em busca de jegues para a realização do JECANA, aconteceu um acidente, deixando-o impossibilitado de andar. O seu tempo ficou sendo ocupado com a escrita de poemas, crônicas e trabalhos teatrais.
50.	Eugênio Lira (1949 – 1977)	Foi advogado e poeta. Dono de um grande acervo de poesias e sonetos, editou dois livros. Parte de sua obra foi publicada com os títulos: Fogos Fátuos (1965) e Abismos (1968) e, em 1981, o terceiro com o título Eugênio Lyra, Presente, foi publicado postumamente.

Fontes: ACLASB, Estatuto da Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim, 1991; Caput. Sexto. art. 26°.ACLASB, Estatuto da Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim, 2011; Caput. sexto. Art. 25°.ACLASB, Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim, pasta dos membros; Arquivo. Blog do Paulo Machado. Paulo Batista Machado (Org.), Camila Libório Machado. Senhor do Bonfim, Minha Rua, Minha História, 2010. Disponível em: <https://blogpaulomachado.wordpress.com/2010/09/05/senhor-do-bonfim-minha-rua-minha-historia/> acesso em 30/03/2023.

Estes patronos elencados são pessoas que atuaram em diversas áreas das artes e afins, como por exemplo: comunicação, literatura, artes plásticas, artes cênicas, cinema, fotografia, música e oratória, mas também, foram pessoas que desenvolveram paralelamente às suas profissões como: a medicina, o direito, o magistério, o militarismo, a política e outras. Neste sentido, o patronato tem sido um elemento existente em diversas academias, como uma espécie de conferência fundante da tradição, algo que também está presente quando da fundação da ABL. Sobre o patronato,

[...] teve na declaração de Machado de Assis de que “a tradição é o seu primeiro voto” sua característica fundante, firmou-se a praxe maior encontrada na maioria, senão em todas, as academias literárias vigorantes no país: as sucessões e o sistema de patronato. Sobre o patronato, nas palavras do próprio Machado de Assis: “o batismo das suas cadeiras com os nomes preclaros e saudosos da ficção, da lírica, da crítica e da eloquência nacionais”. A gênese destes patronos e sua relação com a tradição é o princípio e o fim das sucessões (Needell, 1993, p.227 apud Neto, 2013, pp.22-23).

Nesta perspectiva, observa-se, também, na realidade da ACLASB esta lógica, quando da criação do patronato e de suas cadeiras, assim, é possível perceber nos seu quadro de patronos, vultos do passado, pessoas ilustres que conferem esse aspecto de tradição. No quadro acima, é possível ver a presença de diversos artistas na pintura, desenho, literatura, cordel, circo, cinema, fotografia, teatro, orador, bem como, políticos que não estão ligados diretamente com a arte e a cultura. Mas, ressalta-se, que, de acordo ao estatuto atualizado da ACLASB, houve uma alteração no quadro de patronos, em que alguns patronos antigos deram lugar a novos nomes, devido a não existência de muitas informações dos mesmos, como argumenta o texto de ata avulsa digitada:

Após saudar os presentes, o presidente José Gonçalves do Nascimento, fez uso da palavra e apresentou uma proposta de alteração no conjunto dos patronos da ACLASB, o que foi acatado pelos pares. A nova relação substitui alguns dos antigos patronos, pelo fato dos mesmos não serem de todo conhecidos, nem possuírem as referências necessárias para a construção de suas biografias, o que vai de encontro aos objetivos da Academia (Ata do dia 04 de abril de 2011 - avulso digitada).

A citação segue dizendo que os novos nomes são de pessoas mais conhecidas. E assim, depois de sua morte, transformaram essas pessoas que também foram membros da Academia em patronos, segue os nomes dos que perderam o patronato: Nicolau Pereira Fialho - (1902 /?); Antônio Pereira Fialho - (1826 / 1890); João de Sales Muniz - (1871 / 1937); Manoel Teixeira do Amaral- (1874 / 1955); Mêm Madalena Batista da Silva - (1875 / 1956); João Alves Maciel - (1875 / 1916); Gustavo Umbuzeiro - (1882 / 1957); Mêm Edelzuita C. P. Machado - (1884/ 1946); Raimundo Silva Filho - (1895 /1940); Lafaiate Ventura - (1900 /1959); Maria Soares da Silva - Tia Sulinha - (1901 /1979); Manoel Antônio Elmano - (1901 /?); Aydê Fonseca - (1905 /?); Carlos Simões Gonçalves - (1906 / 1938); Rita Hermógenes de Souza (Rita Peroba) - (1915 / 1984); Oscar Duarte Dantas - (1915 /1942); Gilberto Caribé - (1915 /1950); Joaquim Peixinho (Pereira) de Castro - (1920 / 1950); Aloizio Carlos Leal - (1925 /1966); Osvaldo Bispo Santana - (1946 /1991)¹⁴.

O argumento exposto na citação anterior, presente na ata em que altera o conjunto de seus patronos, foi por não ter informações suficientes para construção das biografias desses, divergindo com o que foi encontrado em atas anteriores e outros escritos do arquivo da

¹⁴ ACLASB, Estatuto da Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim, 1991; Caput. Sexto. art. 26°. ACLASB, Estatuto da Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim, 2011; Caput. Sexto. Art. 25°. ACLASB, Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim, pasta dos membros; Arquivo.

ACLASB. Tanto quanto a falta de informações dos citados (antigos patronos), como também em relação à mudança de patronos, em relação a transformar membros da ACLASB em patrono, ou pessoas que faleceram depois da Fundação da ACLASB. Vejamos:

O Sr. Laércio Lima pediu permissão à assembleia para trocar de patrono. Lourenço Pereira da Silva pelo nome do ilustre bonfinense Jairo Simões, foi contestado pelo Sr. Joaquim Muricy Sobrinho. Justificando que na ocasião da fundação ainda era vivo inviabilizando tal atitude. Não havendo quórum decidiu-se que seria discutido na próxima reunião. (Ata nº 3 da reunião do dia 16/03/1992, Livro I)

Observa-se, nesta citação, uma contestação do Sr. Joaquim Muricy Sobrinho, argumentando que a pessoa escolhida pelo membro da ACLASB para ser transformado em patrono, estava viva quando a Academia foi fundada. Já em relação à falta de informações, como argumentos para mudanças de patrono ou a transformação de membros que fizeram parte da história da academia em patronos, na mesma ata acima citada, apresenta dois momentos de leitura de biografias e de dois patronos que foram substituídos.

Castor Xisto em nome dos demais agradeceu as palavras gentis do antecessor e em seguida discorreu sobre a titular de sua cadeira Sr^a Rita Peroba lendo sua biografia, homenageando-a no dia de seu aniversário. O Sr. Osvaldo Alves Aragão, apresentou os dados biográficos de Joaquim Pereira de Castro, patrono de sua cadeira [...]. (Livro 1, Ata nº 3 de 16/03/1992, Livro I)

Então, como exemplo, os dois primeiros patronos, Rita Peroba e Joaquim Pereira de Castro, que já foram excluídos, de ambos, existe uma biografia. É o que está explícito, na ata citada. Ainda se encontra, no arquivo da ACLASB, uma biografia de uma lauda e meia escrita pelo acadêmico Castor Xisto, com o título: “Rita Hermógenes Peroba, a Educadora”, talvez, seja a essa biografia de que fala a ata citada. Há uma biografia de mais de uma lauda, sobre Aloísio Carlos Leal, que tem como título: “O violão calou-se para sempre”, em que descreve, sucintamente, a trajetória desse artista que morreu por causa de um acidente de avião. Em um discurso (oração) pronunciada pelo acadêmico Antônio de Carvalho Melo, com a data somente do dia e mês (16/03), ele faz referência a Carlos Gonçalves, que, na lista de patrono, o nome completo aparece como: Carlos Simões Gonçalves (1906/1938) e sem biografia.

Nesta perspectiva, em relação a exclusão de alguns patronos, não se sustenta o argumento da falta ou pouca referência sobre eles. Existem, no arquivo da ACLASB, biografias feitas pelos acadêmicos e, em alguns desses nomes, foram encontradas referências sobre eles nas atas da ACLASB ou textos avulsos. Talvez, tenha faltado um estudo mais cuidadoso. Antes

das modificações, os membros fundadores devem ter pensado nesses nomes e escolhidos porque os conheciam e sabiam de sua trajetória.

Retornando sobre a dinâmica da ACLASB, com as pessoas que são admitidas para ocuparem uma cadeira e tornar-se imortal, são pessoas de diversas áreas, sinalizando uma academia que abarca uma pluralidade cultural, no que diz respeito aos seus membros admitidos, bem como, nas suas produções artístico-cultural.

Sendo assim, Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim, “uma entidade civil, apolítica, sem finalidades lucrativas” (Artigo 1º do Capítulo Primeiro). Mas, aqui dar-se-á ênfase sobre as finalidades da ACLASB, elencados ainda no Capítulo Primeiro, Artigo 2º. São seus fins: a) Unir homens e mulheres de letras, artes e ciências em Senhor do Bonfim; b) Realizar cursos, congressos, conferências e saraus lítero-artísticos; c) Prestar todo o apoio ao desenvolvimento das artes, das letras e das ciências, neste município. d) Publicar uma Revista, como seu órgão oficial; e) Homenagear publicamente os intelectuais ilustres e acadêmicos, principalmente os bonfinenses, vivos ou mortos.

Quando analisadas as finalidades da ACLASB, partindo da primeira: “unir homens e mulheres de letras, artes e ciências [...]”, que, num primeiro olhar, tem uma conotação apenas de um grupo de pessoas que se unem, pessoas com certas características, mas, quando se analisa as três finalidades citadas, vislumbramos um grupo que convida para o desenvolvimento de trabalhos, estes relacionados à produção de conhecimentos diversos, mas, principalmente, os artísticos, a divulgação dos mesmos e de seus produtores, à educação através da realização de “cursos, congressos, conferências e saraus lítero-artísticos”.

Neste sentido, os elementos educativos presentes nas finalidades tornam-se mais explícitos, quando analisadas, principalmente, a partir do segundo objetivo, que requer mais ação. Tais finalidades podem muito bem explicitar elementos educativos, quando jogamos luzes através do que nos diz Gohn, sobre educação não escolar:

As práticas da educação não formal se desenvolvem usualmente extramuros escolares, por meio de organizações sociais, movimentos, programas de formação sobre direitos humanos, cidadania, práticas identitárias, lutas contra desigualdades e exclusões sociais. Elas estão no centro das atividades das Organizações Não governamentais (ONGs) nos programas de inclusão social, especialmente no campo das artes, da educação e da cultura (Gohn, 2016, p. 61).

Nesta perspectiva, sendo este um espaço de cultura, fica explícito, em suas finalidades, não somente a reunião de pessoas das artes, das letras e das ciências, mas também, seguidos de

outros objetivos que requerem um fazer/ação que evidenciam elementos educativos. Nos primeiros momentos de vida da ACLASB, os processos de desenvolvimento de suas ações deram-se ao contexto de inicial, com ausência de membros como nos relata Paulo Ernesto, membro fundador:

No decorrer dos dias, pós a data da fundação, um bom número de membros não frequentavam as reuniões, mas os que iam ao exemplo de Castor Xisto, Maurício Salama, Joaquim Muricy, A. de Carvalho Melo, Antônio Carlos Oliveira Maia, dona Julieta Campos, Renato Sena Gomes, Dalvacy Rosa Gomes, Edmar Dias, Sr. Caio Felix, Laércio Lima, Fernando Dantas, Rogério Moreira, Paulo Mangabeira, Tito Rocha, Ademir Pires, Osvaldo Alves Aragão, Paulo Ernesto Leite Rodrigues, outros convidados, sustentaram o caminhar da academia (Rodrigues, 2013, p. 02 - relato escrito).

Depois do entusiasmo da idealização de criação da Academia, sua fundação e instalação, parece ter havido uma frequência menor, do que aquelas registradas no calor dos eventos iniciáticos. Mas, mesmo assim, nos revela o autor, que os membros que frequentavam e outros convidados “sustentaram o caminhar da academia”. É neste caminhar e através das finalidades propostas no Estatuto da ACLASB, que está o cerne de sua ação, o serviço. Assim, ao desenvolver a dimensão literária, poética e artística, a ACLASB acaba por ensinar que é possível transformar continuamente a existência, trazendo, ao mesmo tempo, a força e a flexibilização necessárias para a proposição de novos caminhos.

4.2 CASA DE IMORTAIS – ACLASB

O dia 05 de dezembro coincide com a comemoração ao “Dia da Cultura Bonfinense”, data em que faz alusão à passagem de Ruy Barbosa pela cidade em campanha eleitoral, em 1919, quando pronunciou o discurso no qual ele cunhou a célebre frase: “A cidade do Bonfim, neste momento, não é só a cidade do Bonfim, mas também a cidade do Bom-Começo”.

A ACLASB, muitas vezes, foi questionada sobre a sua importância e a sua produção, até mesmo ignorada a sua existência por cidadãos diversos e professores bonfinenses. Esta tessitura joga luz sobre o fazer desta Academia e se ela tem relevância ou não em seus mais de 30 anos de existência, a ACLASB tem desenvolvido trabalhos no âmbito das artes, da cultura e da educação bonfinense, ora com maior, ora com menor intensidade, mesmo que com suas dificuldades, vai revelando os seus documentos analisados durante esta pesquisa.

Neste sentido, o primeiro livro de Ata da ACLASB, que relata as reuniões, debates e realizações desta Academia, desde sua fundação até final de 1998, descortina temas em debates, as preocupações da academia e o seu fazer.

Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim, no seu início, apresenta ser uma academia de múltiplas faces, além da preocupação com questões literárias, ela vai durante seu percurso se mostrando como um grupo que reivindica e busca intervir nas questões sócio-político e cultural da cidade, elementos que vão se revelando no percorrer dessa escrita, como, por exemplo, na terceira reunião ordinária, diante da não apresentação do programa de trabalho para o ano de 1992, pelos membros da comissão, Antônio José Gonçalves fez pedido de desculpas pelo não cumprimento, devido a questão de saúde do Sr. Raimundo Carneiro, e foi sugerido pelo presidente Paulo Batista Machado as seguintes questões:

“a - personagens bonfinenses a serem homenageados, b - realização de feiras artesanais em praça pública para valorizar os artistas locais e da micro-região, c - confecção de um boletim mensal para divulgar a programação da Academia em relação municipal, estadual e federal, d - realização de um concurso de trovas, [...]”.
(Ata nº 03 da reunião do dia 16/03/1992, Livro I).

Assim sendo, a preocupação por parte do presidente em suas sugestões, evidenciam elementos educativos, relacionados aos aspectos históricos, quando sugere as homenagens aos personagens da cidade; aspectos de cidadania, através de feiras, divulgação e valorização dos artistas e suas produções; aspectos informacionais, com a criação de um boletim e a preocupação com a escrita e a leitura, quando propõe concurso de trovas. Essas sugestões parecem ter sido ao longo do tempo, realizadas e com outras novas demandas sendo surgidas.

Além das sugestões apresentadas pelo presidente na citação anterior, outros elementos vão aparecendo nas atas, que revelam uma postura formativa por parte da ACLASB, se olhar atentamente. Além do aspecto formativo com elementos educativos, numa perspectiva de educação não escolar, que se busca revelar com essa pesquisa, a ACLASB se revela com diversas faces. Algumas delas serão expostas no parágrafo a seguir.

Uma face própria de sua existência, a preocupação com a arte em geral, a literatura, a exposição de artes, recitação de poesias, apresentações musicais (Ata nº 07 da reunião do dia 03/11/1993, Livro I); outra face é a de preocupação de caráter histórico-educativo, quando sugere: “O acadêmico Nivaldo, [...], ainda que deveriam ser estendidas as pesquisas em colégios da cidade estimulação positiva entre a juventude estudantil para conhecerem melhor as personalidades que fizeram o progresso cultural da nossa cidade, [...]”. Referindo-se aos

patronos da ACLASB (Ata nº 11 da reunião do dia 20/12/1993, Livro I), ela também apresenta uma face de aspecto social em campanhas beneficentes em parceria com outras instituições em prol de pessoas e/ou grupos (Ata nº 12 da reunião do dia 28/03/1994, Livro I); demonstrou, também, uma face política no sentido amplo da palavra, envolvendo-se nos problemas da cidade, reivindicando das autoridades competentes soluções, como se nos apresenta o seguinte trecho de ata.

[...] em pauta referência do confrade Antônio Gonçalves, apoiando e solicitando apoio para que não percamos a oportunidade de mantermos em nossa cidade a Faculdade da Universidade Católica, movimento que deverá se estender nas outras entidades representativas, Rotary, Lyons e Maçonaria; [...], em seguida o confrade Augusto Sena Gomes solicitou a direção da ACLASB, se prontificasse a enviar uma comissão ao gabinete do Senhor Prefeito Jonas Costa com a finalidade de fazer retornar o sinal da TV Educativa, ao receptores da cidade, vez que, há muito tempo ausente do convívio bonfinense, e sua programação (é) de excelente qualidade, está nos tolhendo, fazendo enorme falta (Ata nº 17 da reunião do dia 25/04/1994, Livro I).

A citação acima, além de revelar o aspecto político e reivindicatório, a mesma revela a grande preocupação da Academia com a formação educativa do povo bonfinense, quando se relata a defesa do retorno do sinal de transmissão da TV Educativa, reconhecendo a importância de sua programação, também quando reivindica a permanência de uma instituição de ensino superior ameaçada de sair da cidade. Ambas contribuem com a formação do ser humano.

Outra face e/ou aspecto, revelado da ACLASB em suas atas, diz respeito ao caráter ecológico, já falado pelo seu presidente, o senhor Ademir Pires, em uma visita recentemente a ACLASB para receber uma homenagem, quando disse que, na sua gestão, foi desenvolvido um projeto de plantio de árvores nas praças e ruas da cidade (grifo meu) e, na Ata nº 22 da reunião do dia 15/07/1994, Livro I, apresenta o seguinte registro: “[...] em seguida a confrreira Julieta Araújo propôs o empenho no sentido de apoiar a campanha em prol do plantio de várias arvores na serra do Grunga e margeando o leito do rio, vez que, segundo a acadêmica já dispõe de Ipês roxos, Flamboyans, Jacarandazinhos para colocar a idéia em prática, ou melhor, fazer reflorir a nossa região e talvez nossas praças públicas, [...]”.

Consta em atas seguintes, que esse plantio dar-se-ia em 21 de setembro daquele ano, dia da árvore. Como também, é descrito na Ata nº 44 da reunião do dia 04/09/1995, Livro I, apresentado pelo confrade Antônio Augusto Santana, como seria a Mostra do Meio Ambiente, que ocorreria de 13-18 do mês de outubro do ano corrente, bem como, da participação da ACLASB no evento como colaboradores e/ou parceiros. A Academia apresenta, nestes

primeiros momentos, uma preocupação intelectual no sentido de desenvolvimento do conhecimento e da produção artística, uma preocupação com questões sociais e com os problemas ambientais.

Fica perceptível que as ações da ACLASB, desde os seus primeiros anos, a transforma numa academia com diversos contornos de atuação na comunidade, evidenciando diversos aspectos, os quais foram citados anteriormente, mas também, emerge de suas ações os aspectos educativos, pois elas explicitam sempre um elo entre a educação não escolar e a educação escolar. Em diversos momentos, seus registros de atas desde os primeiros anos mostram uma relação de proximidade da academia com as escolas.

[...]; em seguida o confrade Paulo Nogueira solicitou fosse usado nos poemas e poesias codificação, no sentido de não haver identificação para os concorrentes do concurso a ser realizado em nome da Aclab, prosseguindo usou da palavra o confrade Paulo Mangabeira, solicitando fosse enviado ofício ao Ministro de Minas e Energia reivindicando a possibilidade de se fundar em nossa cidade uma escola de Mineração e Fundação, a nível técnico ou universitário, desde quando em nossa região a grande extração de minérios como Níquel, Cromo, Silício entre outros de suma importância para o desenvolvimento regional, vez que, as secas periódicas têm se manifestado por alguns anos como causadora de muitos prejuízos para a nossa população, [...] (Ata nº 45 da reunião do dia 18/09/1995, Livro I).

Nesta mesma ata, Paulo Mangabeira fala da importância desses minerais para o desenvolvimento da região, que sendo instalada uma escola que seja ela técnica ou universitária para a fundição desses minérios e de como os mesmos serviriam para fabricação de utensílios domésticos, com tais ações seria uma possibilidade para minimizar os efeitos das secas periódicas na região que é tão rica em minérios.

Há, nos dois exemplos expostos nesta citação, elementos educativos, nas falas dos membros da ACLASB, explicitando uma construção discursiva em torno de processos de formação dos jovens. Um revela a necessidade de reivindicar das autoridades políticas competentes a criação, instalação e funcionamento de uma escola de fundição de minérios de nível técnico ou universitário e outro apresenta uma ação que incentiva os jovens para a participação de concurso de poemas, em que os mesmos estariam envolvidos neste processo, não somente concorrendo a um prêmio e/ou classificação (1º lugar...), mas, estariam se informando e formando-se, no processo de construção de suas produções, desenvolvendo, assim, a escrita.

Há, nos registros também, a participação da Academia com visitas a eventos de diversos temas, mas, principalmente, os relacionados com a arte em geral, educação, cultura,

como, por exemplo: intercâmbio constante entre a ACLASB e Academia Jacobinense de Letras (Ata nº 39 da reunião do dia 15/05/1995, Livro I); lançamentos de livros (Ata nº 53 da reunião do dia 16/03/1996, Livro I); participação em seminários, como o da Guerra de Canudos (Ata nº 54 da reunião do dia 31/03/1996, Livro I); interesse de saber quem assumiria a Secretaria de Cultura do Município (Ata nº 61 da reunião do dia 20/10/1996, Livro I).

Para sintetizar esse primeiro momento, referencia-se a Ata nº 57 da reunião do dia 05/05/1996, Livro I, mesmo a ACLASB se apresentando pequena, traz explícita a diversidade e dinâmica nas discussões e debates no seu interior, não limitando-se somente à literatura, à arte e fechada entre as paredes de seu(s) recintos(s) ocupados como sede. Mas, apresenta-se, como uma academia preocupada com os vários problemas no âmbito da sociedade, como refere-se na ata citada: um levantamento de todos os monumentos depredados; a colocação da placa no busto de um dos seus cidadãos ilustres; homenagem do Dia da Mãe, feita por acadêmicos na rádio; convite a um grupo de teatro da cidade (Mutart), para participar de uma solenidade comemorativa; preocupação com a falta dos seus membros nas reuniões; e o intercâmbio com o fundador (Paulo Machado), na ocasião, morando e estudando no Canadá.

Esses e outros temas que já desfilaram nesta escrita apresentam, não somente elementos educativos no sentido restrito da palavra, ligados à escolarização, leitura e escrita. Mas, para além, elementos de educação patrimonial, de cidadania, de civismo, elemento de educação ambiental (Spazziani; Sardinha, 2007), de experiências vivenciadas num processo dialógico dentro de um grupo, que se constitui de diversas pessoas das diversas áreas da arte, da cultura e da literatura, mas também, profissionalmente, das diversas áreas de produção da existência, que se reúnem para partilharem problemas coletivos, da cidade, do povo e da vida em busca de soluções possíveis através da cultura, da arte, da literatura (Gohn, 2016).

Mas, voltando ao início deste subcapítulo, sobre alguns cidadãos bonfinenses, serão questionadas a existência da ACLASB e sua produção, como se ela não fosse conhecida, e ressalta-se, através das atas dos seus primeiros dez anos ou mais, uma academia constituída com diversas faces, em relação ao seu fazer; uma academia política, cidadã na reivindicação de melhorias na cidade; uma academia preocupada com os problemas ambientais, sociais e artístico-culturais e educativas, realizando atividades com foco nestes temas.

A reflexão que se pode fazer gira em torno da falta de comunicação por parte da ACLASB em suas ações dirigidas à população, em geral, ou pode-se pensar na falta de acessibilidade da população, em geral, nos espaços de seus eventos. Talvez, por isso, outra

afirmação foi dirigida a minha pessoa, quando fui presidente, de que a ACLASB era uma instituição elitista. Segue-se, então, para a análise de atas, documentos outros que poderão explicitar, se ela foi elitista ou ainda é, se foi falha de comunicação ou ainda falta de democratização de suas ações.

O primeiro livro de ata da ACLASB, encerra-se com a última reunião, no dia 26 de outubro de 1998; o segundo livro de ata é aberto em 30 de maio de 2009, então, se tem aí onze anos sem registros em livros de atas, com exceções de algumas atas digitadas avulsas. Este segundo livro de ata traz, logo depois de sua abertura, uma lista de assinaturas de pessoas participantes de sessão solene em comemoração aos 124 anos de aniversário da cidade. Neste livro, foram registrados somente oito atas, sendo a última registrada aos dez dias de fevereiro de dois mil e quatorze.

Na Ata nº 10 da reunião do dia 10/02/2014, Livro II, diz o seguinte: “Outra abordagem aprovada, foi a ideia de a academia realizar um evento em praça pública com apresentação de diversas artes com o intuito de levar ao povo a proposta da academia”. Nesta referência, demonstra preocupação, a qual foi apontada anteriormente em relação a falta de divulgação dos eventos da ACLASB, bem como, parece sugerir um distanciamento entre a academia e o povo. Mas, é razoável pensar que a comunicabilidade não era tão expansiva na década de 90 do século, não se tinham tantas redes sociais como na atualidade, em que a comunicação se torna mais eficiente.

Dando seguimento, apresenta-se um quadro dos eventos da ACLASB, com base informacional em relatórios nos biênios 2014/2015, 2016/2017, 2018/2019, 2020/2021, 2022/2023, que são os mais recentes, haja vista não terem sido encontrados livros de atas com registros, os anos anteriores terão como base as atas, arquivos da ACLASB e arquivo pessoais ou livros publicados pelos membros, sendo possível desenhar um quadro dos eventos com diversos elementos e informações relacionados com educação, já que o foco aqui é identificar elementos educativos.

Quadro 2. Dos eventos das comemorativos, internos, virtuais e outros 1991-2023

Data do evento	Nome do evento	Características	Público
04/12/1995	Solenidade de Aniversário pela passagem dos quatro anos da ACLASB. Com a premiação do I Concurso de Poesia Estudantil	Ocorreu na sociedade União e Recreio, com discursos, recitação, músicas e premiação dos	Membros da ACLASB, estudantes e interessados.

	Augusto Sena Gomes	ganhadores do Concurso de Poesia.	
06/08/2005	“Chá Cultural, na pérgula da piscina do Hotel Leste, às 19h”, parceria de ACLASB e Departamento de Cultura na realização.	Com lançamento do livro do professor Juracy Marques: Ecologia de Homens e Mulheres do Sem-Árido e a Vernissage do escultor baiano Nelson Morato - Madeiras Derretidas.	Membros da ACLASB, professores, artistas, familiares e convidados.
13/10/2014	Sessão solene de posse de novos membros efetivos, sócios correspondentes e lançamento de livro.	Com discursos, performances poéticas e lançamento do livro: Do alto-falante à TV: - A trajetória da mídia Juazeirense, de Joselino de Oliveira e conversa com o autor.	Acadêmicos, candidatos, povo em geral, artistas e autoridades.
22/11/2016	Lançamento das obras literárias: Fur Elise de Tiago dos Santos e o Cordel: Zé Fura Mundo e a Gruta Encantada - Eli de Castro.	No Bar e Restaurante Moenda, em parceria com ACLASB, música, poesias e bate-papo, momento de autógrafa. O evento foi organizado pela ACLASB.	Participação com mais de 100 pessoas (estudantes, professores, artistas, amigos, familiares e interessados).
04/12/2020	Semana da Cultura Bonfinense e do aniversário da ACLASB com a reinauguração da sede.	Formato híbrido, presencial e on-line, com transmissão ao vivo, através do canal Nonato Notícias. Música, poesias, bate-papo e discurso sobre a instituição e o seu papel para as artes e a cultura.	Povo em geral: professores, artistas, membros da ACASB e internautas.
26/03/2021	1ª edição do Projeto Cesta Acadêmica, com o tema “Tributo a Paulo Batista Machado”.	Em formato virtual, ao vivo, via <i>Microsoft teams</i> , com música, recitação, discursos e etc.	Povo em geral: membros da ACLASB e convidados
05/04/2021	Lançamento virtual do 4º Livro Jurídico, do Confrade Josemar Santana.	Bate-papo sobre o livro, músicas e lançamento.	Povo em geral, membros da ACLASB e convidados internautas.
23/04/2021	2ª edição do Projeto Cesta Acadêmica, com o tema “Tributo a Ademir Pires”.	Em formato virtual, ao vivo, via <i>Microsoft teams</i> .	Participação maciça de membros, convidados e internautas.
26/05/2021	3ª edição do Projeto Cesta Acadêmica, com o tema “Tributo	Comemoração do 136º aniversário da cidade de	Participação maciça

	a Luciano Jatobá”.	Senhor do Bonfim, com músicas, poemas e discursos. Em formato híbrido via <i>Microsoft teams</i> .	de membros, convidados da ACLASB e internautas.
12/06/2021	Lançamento virtual do Livro Rimas e Versos, do Confrade Carlos Silva, promovido pela ACLASB.	Bate-papo sobre o livro, músicas, poesias e lançamento.	Povo em geral: membros da ACLASB, convidados e internautas.
23/06/2021	4ª Edição on-line do Projeto Cesta Acadêmica, com o tema: “Tributo a Regina Salgado” e Lançamento do Livro “A outra face de mim”, do Confrade Daniel Gomes.	Com música, poesia e relatos de histórias da homenageada.	Povo em geral: membros da ACLASB, convidados e internautas.
24/09/2021	5ª Edição virtual do Projeto Cesta Acadêmica, Tributo a Antônio Martins e Lançamento do Livro Rimas e Versos do confrade Carlos Silva.	Com música, recitação, relatos da vida do acadêmico homenageado e bate-papo.	Povo em geral: membros da ACLASB, convidados e internautas.
22/10/2021	6ª Edição virtual do Projeto Cesta Acadêmica, Tributo a Antônio Carlos Simas Oliveira Maia e Lançamento do Livro Marilando do escritor Rafael Carneiro.	Homenagens, poesias, músicas e bate-papo.	Povo em geral: membros da ACLASB, convidados e internautas.
14/10/2021 (Sábado)	Realização do Café Cultural, na Banca Cultura de Nivaldo Oliveira (membro da ACLASB).	Apoio da ACLASB, na praça da feira, com música, recitação poética e participação de populares.	Povo em geral: feirantes, jovens, comerciantes e transeuntes.
24/01/2022	Lançamento virtual do livro “A Outra Face de Mim”, do Confrade Daniel Gomes.	Show musical e bate-papo.	Povo em geral: membros da ACLASB e internautas.
24/09/2022	Lançamento Coletivo de Livros promovido pela ACLASB na sua sede.	Entre Dois Mundos, de José Clemison; Eclipse LuneSolar, de Edvan Cajuhy; Saudade na Trova Brasileira, de Antônio de	Povo em geral: professores, estudantes, povos de religião afro, artistas, familiares e transeuntes.

		Carvalho Melo, por Eurídice de Carvalho. Com uma explanação sobre as religiões de matizes africana, preconceito e a discriminação.	
27/10/2022	Projeto Escolar Invasão Literária, no Colégio Casinha Feliz, com participação presencial do Confrade Presidente Jackson Roberto Santana.	Bate-papo com os estudantes, recitação de poesias.	Professores, estudantes e outros.
18/11/2022	7ª Edição: Projeto Cesta Acadêmica, 1º de forma híbrida, presencial/on-line, na sede da ACLASB, Tributo a Eurídice de Carvalho Melo Pita.	Discursos, músicas, poesias, depoimentos, recitação de poesias.	Povo em geral: membros da ACLASB, convidados, internautas.
04/12/2022	O Dia da Cultura Bonfinense e 31º Aniversário da ACLASB, na Praça Nova do Congresso.	ACLASB com <i>stand</i> para exposição artística, palco com recitação, músicas, lançamento do livro “A Saga de Celina”, da escritora Karina Farias e o destaque da dança das italianas.	Povo em geral: membros da ACLASB, professores, estudantes, jovens, crianças, idosos, as italianas do Intercâmbio <i>del progetto INTEREURISLAND</i> - (Universidade de Pádua/ UNEB - Juazeiro - BA).
05/04/2023	8ª Edição do Projeto Cesta Acadêmica de forma híbrida, presencial/on-line, na ACLASB e Tributo a José Gonçalves do Nascimento e lançamento do Livro Terra Redeviva, de sua autoria.	Show musical, recitação poética, discursos. Relatos da vida e obra do homenageado.	Povo em geral: professores, acadêmicos, estudantes, radialistas e internautas.
19/05/2023	Projeto Cidreira Literária e visita do ilustre jornalista e escritor Ronivalter Jatobá, para a palestra na sede da ACLASB.	Palestra-conversa com o tema: “Os caminhos para editar livros e sua trajetória de escritor”.	Membros da ACLASB.

18/12/2023	Entrevista do Presidente e Vice, Jackson Santana e Edvan Cajuhy, na Rádio Rainha FM.	Conversa sobre a Instituição ACLASB, educação, literatura, escrita e “a importância do ato de ler”.	Rádio-ouvintes
------------	--	---	----------------

Fonte: ACLASB - Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim. Livro de ata nº I; 1991-1998.

ACLASB - Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim. Livro de ata nº II; 2009-2014

ACLASB - Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim. Relatório da gestão biênio: 2014/2015,2016/2017, 2018/2019;

ACLASB - Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim. Relatório da gestão biênio: 2020/2021, 2022/2023.

ACLASB - Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim. Pasta dos membros (Arquivo)

O quadro, acima apresentado, evidencia os eventos da Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim – ACLASB, desde sua fundação, até o ano 2023, mapeando as suas atividades. Entretanto, diante das inúmeras atividades desenvolvidas por esta academia, fez-se necessário fazer um recorte ou a escolha pelas atividades que evidenciam uma conexão com a educação, revelando elementos educativos, numa perspectiva de educação não escolar e informal percebendo as diferenciações entre esta e a educação não escolar e/ou informal como nos adverte Gohn:

Consideramos que é necessário distinguir e demarcar as diferenças entre esses conceitos. Em princípio, é possível demarcar seus campos de desenvolvimento: a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal é aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização – na família, no bairro, no clube, durante o convívio com os amigos etc. –, carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via processos de compartilhamento de experiências, principalmente por intermédio de espaços e ações coletivas cotidianas (Gohn, 2016, p. 60).

Esses “processos de compartilhamento de experiências por intermédio de espaços e ações coletivas”, características da educação não escolar são perspectivas que permeiam as ações da ACLASB, que também é permeada pela educação informal. O quadro apresentado foi constituído pelas diversas ações entre sessões solenes ou comemorativas e outros eventos mais internos, que tem caráter de processos de compartilhamentos e experiências coletivas, o recorte dado apresenta ainda diversas outras atividades.

Desde 1991 a 1998, a ACLASB apresenta as seguintes ações: Sessão de Fundação e instalação da ACLASB; Sessões Solene de homenagens e comemorações; Mesa redonda de debates em rádio; participações em lançamentos de livros e palestras internas.

Nestes eventos destacados acima, na perspectiva de Gohn (2016; p.60) ao conceituar a educação não escolar dizendo que: “educação não formal é aquela que se aprende ‘no mundo da vida’, via processos de compartilhamento de experiências, principalmente por intermédio de espaços e ações coletivas cotidianas”. Pode-se dizer que estes anos de existência foram de aprendizagens vivenciadas, experiencialmente, pelo compartilhamento dessas ações pelos próprios acadêmicos, transbordando essas experiências na partilha com outras pessoas em espaços diversos, mas também, escolar.

Em síntese, a concepção deste estudo sobre educação não formal parte do suposto de que a educação propriamente dita é um conjunto, uma somatória que inclui a articulação entre educação formal – aquela recebida na escola via matérias e disciplinas, normatizada –, a educação informal – que é aquela que os indivíduos assimilam pelo local onde nascem, pela família, religião que professam, por meio do pertencimento, da região, do território e da classe social da família – e a não formal, que tem um campo próprio, embora possa se articular com as duas (Gohn, 2016, p.61).

Neste sentido, nas ações da Academia, em diversas delas existem essa articulação de educação não escolar, educação escolar e educação informal, mas academia não se configura como educação escolar, por não ter os elementos necessários para tal, como por exemplo: currículo pré-definido, disciplinas, e vários outros aparatos que caracteriza esse tipo de educação.

A educação não formal não tem o caráter formal dos processos escolares, normatizados por instituições superiores oficiais e certificadoras de titularidades. Difere da educação formal porque esta última possui uma legislação nacional que normatiza critérios e procedimentos específicos. A educação não formal lida com outra lógica nas categorias espaço e tempo, pelo fato de não ter um curriculum definido a priori, quanto a conteúdos, temas ou habilidades a serem trabalhadas. A educação não formal é uma área que o senso comum e a mídia usualmente não tratam como educação, porque não são processos escolarizáveis (Gohn, 2016, p. 60).

Sendo, pois, a ACLASB esse espaço de fomentação da cultura, das artes e da literatura é possível pensar em experiências de educação não escolar. Nos anos seguintes de atividades da ACLASB, constatou-se que de 1998 a 2009, há pouquíssimas informações sobre os eventos da Academia. Foi encontrado apenas um livro de ata, com abertura no dia 30/05/2009, tendo sido registradas apenas oito (08) atas, não tendo atividades no quadro apresentado, pois, neste livro estão registrados somente algumas sessões solenes de posse ou comemorativas e cinco (05) reuniões ordinárias encerrado os registros em 10/02/2014, não havendo registros de outros eventos no período de 2009 a 2013.

A partir de 2014, destacam-se alguns eventos neste primeiro quadro, além das que já foram citadas anteriormente, vale ressaltar os projetos “*Cesta Acadêmica*”, tributo aos presidentes, projeto “*Cidreira*” (1ª edição) para discutir a produção de escrita, “*Semana da Cultura Bonfinense*” que entrará também no segundo quadro, pois esse foi virtual, lançamentos coletivos e individuais de livros e, *lives*, estes últimos (obrigatoriamente) realizaram-se nos últimos anos (2020/2021/2022) devido à Pandemia do Coronavírus – COVID-19, e outros.

Sobre alguns desses eventos, do quadro 2, das atividades da ACLASB, o Acadêmico 2 diz o seguinte: “[...], *A ACLASB – Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim, é um importante espaço educativo não formal, que tem sido muito bem explorado pelos seus membros e pela comunidade bonfinense, através da execução de muitos projetos educativos, culturais e artísticos, como: Cêsta Acadêmica, Homenagem e Tributo a Personalidades Bonfinenses, [...]. Temos também aí, a comemoração da Semana da Cultura, que acontece em 5 de dezembro, e é uma lei municipal de 1969. [...]. E a gente comemora essa Semana da Cultura junto com a Secretaria de Cultura atualmente, mas sempre a gente comemorou, independente da parceria ou não, [...]. E não comemoramos mais o Dia da Cultura, comemoramos um período, uma semana, duas semanas*”.

O entrevistado elenca alguns eventos que aparecem no Quadro 2, das atividades da Academia, entre eles, destacam-se o Projeto Cesta Acadêmica, Dia ou Semana da Cultura Bonfinense, enfatizando o caráter educativo no espaço da ACLASB e evidenciando que tudo isso é bem “explorado” (aproveitado) pelos membros da academia e pela comunidade.

Ressalta-se que no biênio 2020/2021 até 2022, todas as pessoas foram atingidas pela crise mundial de saúde, provocado pela pandemia do (COVID-19), fazendo as instituições oficiais, as ONGs, os grupos de qualquer atividade humana cessar temporariamente suas atividades ou buscar formas alternativas de continuar fazendo-as, proporcionando a interação das pessoas com exceções dos negacionistas que estavam de plantão para desobediências do isolamento social que era necessário para salvar vidas e atacando aos artistas, em geral.

[...], o Brasil enfrenta alguns vírus que atingiram pesadamente o setor cultural. O primeiro a destacar é o coronavírus, que obrigou a adoção das medidas de isolamento social, acarretando a paralização das atividades artísticas e culturais. Mas ele não é o único. A arte e a cultura do país vêm sofrendo ataques sistemáticos de outros vírus, como o da intolerância, o do autoritarismo, o do obscurantismo, o do conservadorismo, todos propagados no fértil ambiente criado por um grupo que

ascendeu ao poder, em especial ao governo federal, na gestão que teve início em 2019 (Calabre, 2020, p. 9).

Isso por si só e por força das circunstâncias que necessitou reorganização de ação-espaco-tempo, foram momentos de adaptações e aprendizagens, principalmente tecnológicas pelo uso de plataformas de transmissão de imagens surgindo assim em meio ao caos, aulas escolares, as lives de shows, encontros discursivos, saraus poéticos (Calabre, 2020). Todo esse aprendizado, se configura como processo de educação escolar, não escolar e informal. Foi um aprendizado coletivo. A ACLASB não ficou fora desse processo.

Ao realizar atividades artístico-culturais, como os citados no quadro II de eventos e no quadro III que virá no capítulo referente à análise dos dados, mesmo em momentos delicados como foi o da pandemia da COVID-19, a ACLASB com seus membros continuou a espalhar arte e cultura, através das lives, como todos os agentes e grupos culturais e artísticos como nos afirma Calabre:

É nesse contexto que com a chegada da pandemia – em meio à proibição das aglomerações, com a imposição do isolamento social –, a música, o teatro, a literatura, a arte em geral, foram saudadas como canais de escape fundamentais da solidão, como alimento da alma, como alento e esperança de tempos e vidas sãs. Seja através de suportes já consagrados, como os livros impressos [...], seja através da internet [...], ou ainda nas janelas e varandas das casas, por todo mundo, temos assistido à ampliação do consumo de produtos culturais, da valorização da cultura [...] (Calabre, 2020, p. 11).

Nesta perspectiva, desse período destaca-se do Quadro II, o projeto “Cesta Acadêmica” com intuito de fazer um tributo aos presidentes da ACLASB, que ocorreram virtualmente no início e, posteriormente, no formato híbrido, o projeto “Academia vai à Escola”, buscando uma interação maior com a educação escolar e dialogando com gestores escolares, professores e estudantes sobre a importância da leitura e escrita, bem como, da literatura, das artes e da cultura.

Neste sentido, pode-se dizer que vários elementos educativos perpassam por estes processos, em que várias pessoas formam e se formam, ao contemplar a arte, ao prestigiar os eventos e ao interagir entre si. “[...] dentre infinitas outras possibilidades de espaços que, direta ou indiretamente, possuem processos formativos quer seja pelas ações neles desenvolvidas ou, mesmo, pelas interações oportunizadas entre os diferentes sujeitos” (Ferreira; Sirino; Mota, 2020, p. 590). Dentre as possibilidades de processos formativos que acontecem direta ou indiretamente, o Acadêmico 2, elenca os acontecimentos mais recentes da Academia presentes

no Quadro 2, relatando-os. “*Esse ano mesmo a gente começou a comemorar a Semana da Cultura, no dia 24 de novembro, [...]. No dia 8 fizemos a comemoração ainda da Semana da Cultura, fizemos o aniversário da ACLASB, fizemos a Cesta Acadêmica [...], o lançamento de livro de Gerson Maciel e de Dorinha. No dia 15 fizemos essa participação e parceria com a Secretaria de Cultura na Praça Nova do Congresso, [...].*”

Então nós temos também, além da comemoração da Semana Cultura e aniversário da ACLASB, temos o Chá Cidreira Literária, que é um bate-papo dentro da academia, com acadêmicos e convidados. Temos a Academia Vai Escola, que hoje é a cereja do bolo da academia. Porque ela influencia diretamente na educação não formal. O lançamento de livros é uma constante. Academia passa o tempo todo fazendo lançamento de livro de pessoas que são acadêmicos ou não. E aproxima essas pessoas da Academia. Essas pessoas que lançam livros, trazem pessoas para o lançamento que são realizadas na própria Academia. Isso aproxima a população da Academia de Letras e nos dá a grandiosidade de estarmos fazendo algo em prol da sociedade. Temos lançamento de filmes que acontecem esporadicamente, apresentações de dança”.

Assim, é possível perceber na contribuição do entrevistado diversas oportunidades formativas através das ações desenvolvidas pela ACLASB, em que a interação de diferentes pessoas é ressaltada pelo Acadêmico 2, contribuindo para as trocas de experiências diversas, configurando como processos formativos.

4.3 AD IMMORTALITATEM

A presente tessitura sobre a imortalidade que traz como título *Ad Imortalitatem*, expressão de origem do latim, que significa “rumo à imortalidade”, título este que é o lema da maioria das academias de letras, artes, ciências ou outras áreas do conhecimento humano, como também da ACLASB. Segundo Ferreira (2005, p.485), imortalidade significa “[...] qualidade ou condição de ser imortal”. Já no Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras, apresenta os termos ‘imortal’ e ‘imortalizar’ com os seguintes significados:

(i.mor.tal) adj. 1. Que não morre; eterno, perene, imorredouro; alma imortal. 2. Que não se acaba, que perdura para sempre; imperecível, inextinguível; amor imortal. 3. Que é lembrado através dos tempos; inesquecível; [...]. (i.mor.ta.li.zar) v. tornar (-se) lembrado para sempre na memória dos homens; tornar (se) célebre ou ilustre; notabilizar (-se); [...] (Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras, p. 684).

É importante apresentar os significados dos termos que aqui serão discorridos como balizadores da temática sobre a imortalidade. Partindo desse pressuposto, pergunta-se: Por que buscar a imortalidade? O que é ser imortal? Como imortalizar-se? Tais perguntas não têm a pretensão de respostas que sejam julgadas verdadeiras ou falsas, mas, servindo apenas como fio condutor para a reflexão sobre o tema. Iniciando a nossa reflexão, parte-se, pois, da experiência da viagem do pesquisador à Itália.

Tendo sido convidado para fazer um intercâmbio internacional a convite do “*Dipartimento di Filosofia, Sociologia, Pedagogia e Psicologia Applicata (FISPPA) Università degli Studi di Padova*” na Itália, para além da participação como estudante nas aulas de Pedagogia Intercultural, como confirma a declaração emitida pela citada Universidade: “*há frequentato positivamente il corso di “PEDAGOGIA INTERCULTURALE” (32 ore) presso il Corso di Laurea in “Scienze dell’Educazione e della Formazione” (Università di Padova-Italia), nel rispetto degli accordi presi per il progetto INTEREURISLAND*”. Também foi ministrada, pelos intercambistas brasileiros, a aula de Língua Portuguesa e Cultura Brasileira, para italianos do intercâmbio Itália/Brasil 2023, em Juazeiro e Petrolina. Orientado a observar elementos que viessem a contribuir com a presente dissertação, assim, explicitam-se, neste texto, algumas experiências vivenciadas neste intercâmbio para a reflexão sobre a imortalidade.

Ao caminhar pelas ruas de Roma, por exemplo, e contemplar a arquitetura do Coliseu, com mais de 2000 anos de existência; um *Castel Sant’Angelo*, com quase 2000 anos, que outrora fora a tumba do imperador Adriano, hoje, resguarda diversas obras (pintura em tela, esculturas, móveis e outros); ou, ainda, contemplar o Domo de Florença, ainda em Florença, *nella piazza della Signoria*; apreciar a réplica de David de Michelangelo Buonarroti, pois a original (1501-1504), se encontra na *Galleria dell’Accademia*, Florença, estando fechada para visitação; e, em Roma, apreciar a outra famosa obra do mesmo artista escultor, a Pietá, que se encontra na Basílica de São Pedro, Cidade do Vaticano. Sobre esse artista, o Editor Geral do livro “501 Grandes Artistas”.

[...]. ele logo adquiriu uma impressionante reputação com sua bela e expressiva Pietá (c. 1598-1599), que mostra Jesus morto no colo da mãe. O jovem escultor então recebeu a encomenda de terminar uma obra inacabada em Florença. A encomenda resultou no histórico Davi (1501-1504), uma imponente e majestosa escultura em mármore de um homem jovem nu em que se percebia um novo nível de conhecimento anatômico aliado à emotividade artística (Farthing, 2009, pp. 68-69).

Depois desta citação, que dá destaque às obras contempladas ao vivo, durante o intercâmbio, já citado aqui anteriormente, poder-se-ia dizer que se faz possível perceber sinais dessa busca pela imortalidade, pois, para o confrade Salgado (membro da ACLASB), na reunião ordinária do dia 14/07/2023, quando discursava sobre sua condição de acadêmico e a imortalidade falou a seguinte frase: “A imortalidade se dá pelo que se produz” (grifo meu), essa premissa condiz com o reconhecimento de Michelangelo Buonarroti, tanto pelas duas obras citadas, como, depois, pela sua obra no teto da Capela Sistina, na Cidade do Vaticano, que não foi contemplado durante o intercâmbio, Farthing registra a imortalidade deste artista com o texto “Nasce uma Estrela”:

Quando o incrível teto foi revelado, as cores fortes e o uso criativo da perspectiva fizeram com que a estrela de Michelangelo brilhasse ainda mais. Este homem irritadiço se tornou uma lenda viva. Sua reputação teve a ajuda de Giorgio Vassari, que via a obra de Michelangelo como a definição da perfeição na arte. Nas décadas seguintes o artista trabalhou intensamente, até a velhice, e continuou bem sucedido em vários campos, entre os quais a poesia. [...]. Designado como arquiteto da Basílica de São Pedro, em Roma, Michelangelo começou a planejar uma série de trabalhos, em meados de 1540, incluindo o domo da Catedral, que deixou inacabado ao morrer em 1564 (Farthing, 2009, p.70).

É perceptível a consonância da frase citada pelo membro da ACLASB, em relação à imortalidade, com o que foi descrito na citação acima sobre o reconhecimento (a imortalidade do artista Michelangelo), “a imortalidade se dá pelo que se produz”. Neste sentido, ainda, vê-se uma continuidade intensa na produção do artista, até a construção do Domo da Basílica de São Pedro, obra não contemplada pelos intercambistas brasileiros, citando outra frase do membro da ACLASB sobre a imortalidade e a produção do artista: “Então, seja como o poeta, morra para ser imortal pelo seu produto” (grifo meu).

Morte e imortalidade, duas palavras paradoxais, mas, que caminham juntas, (os artistas morrem, mas são imortais) e ambas estão atreladas à dedicação ao trabalho, portanto, ao produto, enquanto esforço criativo. Mas, também é possível perceber a ajuda de alguém para o reconhecimento, no caso de Michelangelo, Giorgio Vassari “que via a sua obra como a definição de perfeição”, e, em outras histórias das artes e de artistas, a ajuda de outrem, como por exemplo, os mecenas (financiadores de artistas).

A busca pela imortalidade acompanha o ser humano desde os tempos mais remotos e, como desejo de superar a si mesmo, a sua condição natural. “O tópos da imortalidade literária percorre a literatura desde Homero. Se toda a cultura proclama o desejo de superar a nossa condição natural, [...]”. (Carvalho, 2019, p. 57). Neste sentido, a condição natural da morte,

poderá somente ser superada até então, com a imortalidade alcançada por aquilo que se produz e é deixado para a posteridade. Carvalho (2019), continua reafirmando essa necessidade do ser humano em superar sua condição natural, quando diz: “A consciência da morte sempre impeliu o ser humano a aplicar-se para iludir ou adiar o inescapável. Toda a cultura proclama o desejo de superar os constrangimentos da condição natural: [...]” (2019, p.60).

Retornando ao intercâmbio internacional, visitamos a convite de um amigo arquiteto italiano Michele Lucchin e conhecedor de toda aquela arquitetura italiana, à cidade de Arquà Petrarca, pequena e ainda do período romano, ganhando fama a partir do século XIV, depois que o poeta Francesco Petrarca a escolheu para passar seus últimos anos de vida, lá está a casa onde morou, hoje, museu, e o seu túmulo está no pátio da Igreja de Santa Maria Assunta. E lá, pode se contemplar o seu túmulo. Mas, quem foi o poeta? Couto, em seu texto de dissertação de mestrado em Literatura que tem como título: Rastros da elegia de Propércio na lírica de Francesco Petrarca, descreve sucintamente o poeta.

O nome deste poeta era Francesco Petrarca. Situado cronologicamente às vésperas do Renascimento é considerado um dos primeiros humanistas, Petrarca nunca escondeu a sua admiração pelos poetas da Antiguidade e nem a sua intenção de retomar a poesia na sua forma mais elevada, que, de acordo com ele, consistia no exercício poético no mais puro latim, como trabalhado pelos poetas antigos que tanto estudou e amou. Sendo assim, foi por meio do seu engenho e esforço que se iniciou um movimento de retorno ao passado, às origens clássicas, um retorno às fontes do pensamento e da beleza – ampliando assim a trilha já aberta por Dante alguns anos antes – que perdurou por todo o Renascimento e foi o fio condutor do Humanismo (Couto, 2022, p. 11).

Nesta perspectiva, a citação indica, cronologicamente, a existência do poeta com o seu trabalho de escritor e a sua importância situada num período histórico. A imortalidade na obra do poeta aparece quando, após a morte de sua mãe Eletta, ele compõe a poesia chamada: *Breve pangerycum defuete matri*, (Couto, 2022, p.11), buscando imortalizá-la em sua poesia.

Depois disso, Couto cita o que ou qual a obra que o imortalizou, visto que ele buscava um estilo clássico e erudito latim de escrita, “Ironicamente, apesar de ter trabalhado a vida inteira em diversos textos compostos em latim, a obra que o imortalizou como grande poeta não foi redigida neste idioma, mas sim, no *volgare* toscano, e esta obra é *II Canzoniere*” (Couto, 2022, p. 13). Pode-se, então, pensar que nem sempre a busca da imortalidade acontece de forma esperada, mesmo que o artista planeje este ideal para si, como fez Francesco Petrarca. “[...], porém, mais convicto acontece com Petrarca, uma vez que, intencionalmente, construiu um ideal sobre si para deixar a sua posteridade. (Couto, 2022, p. 15).

A ideia foi pensada sobre si, quando planejou deixar algo para a posteridade, ficando claro assim, a ideia de imortalidade e o desejo de se tornar imortal, porém no seu caso, não foram as obras escritas no latim, língua de sua predileção, mas, “*volgare Toscano, II Canzoniere*”.

A ideia de imortalidade tem sido o princípio fundante das academias de letras, artes, ciências e/ou outras áreas do conhecimento, a ACLASB não é diferente, quando em seu brasão ou standart se ler *Ad immortalitatem* (rumo à imortalidade), essa ideia e desejo está latente. A poetisa Eurídice de Carvalho Melo, em seu discurso, proferido em maio de 2009, no 17º verso, da quinta estrofe de uma poesia que faz parte do seu discurso, sobre a ACLASB e ela ter chegado à presidência desta instituição, a denomina: “Desta casa de Imortais”, (Melo, 2018; p.94), com isso pode-se dizer, que àqueles que adentram esta instituição já se tornam imortais.

Mas, como tornar-se membro e o que leva a essa admissão? O pretense candidato que deseja aspirar uma vaga, candidata-se, apresentando o seu currículo a três membros que o apresentarão em assembleia geral. Para além disso, voltemos, pois, a frase do confrade Augusto Cesar Salgado Santana, já citado anteriormente, “A imortalidade se dá, pelo que se produz”, (grifo meu), mas, ele ainda diz que: “A ideia da imortalidade passa pela ideia do amor que se dá. Quando se ama, se doa. E quando se doa se morre” (grifo meu). Esta perspectiva que parece muito filosófica ou metafísica, expressa a ideia acima colocada, de trabalho, de dedicação. Quando se ama, se doa, por isso morre-se para si, no sentido de doação. Para ele, a imortalidade chega a ter essa ideia. “Para ser imortal, tem que ter alma” ou ainda, “Ao escrever, a alma é movida para a capacidade de percepção e agir para o serviço” (Salgado Santana, grifo meu).

Nesta perspectiva, ser imortal é mover a alma para a percepção, para o serviço, na ACLASB esta ideia de serviço está presente o tempo todo quando das suas ações que já foi mapeado no quadro II de eventos no capítulo: “Casa de Imortais - ACLASB” e estará mapeado no quadro III de eventos no capítulo de análise de dados que tem como título principal “*Visão de glórias*”. Pode-se dizer que na ACLASB, a imortalidade passa pela ideia do esforço, do trabalho, do serviço, tanto no sentido intelectual e artístico da produção de obras, como também pelo sentido de fomentar a cultura, as artes, a educação e os eventos que são preparados para povo (serviço).

No livro, *Três Longas Poesias e Alguns curtos Poemas* de autoria de Paulo Batista Machado, fundador da ACLASB e seu primeiro presidente, ele descreve a morte como uma

irmã e afirma que o poeta não morre, numa poesia intitulada “*Eterno poeta*”, dedicada ao poeta e membro da ACLASB Antônio de Carvalho Melo (*in memoriam*), que diz assim:

Na capital/ dizem-me ao telefone/ O poeta agoniza.../ O poeta agoniza?/ Não, o poeta não agoniza./ O poeta não morre/ o poeta não desfalece/ O poeta não se vai.../ Sim, ele repousa/ Apenas repousa/ Como guerreiro em descanso/ Ele não se vai.../ Sim, ele repousa/ Como Guerreiro/Enquanto a vida/ E as batalhas por ele travadas/ Continuam/ A fazer-lhe reverência/ a chamá-lo de irmão./ Ela está lá, a poesia, /Ao pé do leito/ A tornar mais vivo do que nunca/ O poeta estendido./ Não, o poeta não agoniza/ Ele apenas escreve/ Mais uma poesia/ A mais pura poesia/ Entre todos os seus poemas/ A poesia definitiva/ A poesia inconsútil/O verso perfeito/ A rima incontestável/ A ode mais linda./ Irmã vida /irmã morte/Irmã poesia/ irmão Carvalho Melo [...]
(Machado, 2008, p.12-13).

O eu lírico do autor revela a imortalidade do poeta, apresenta a morte como uma irmã e não admite nem o sofrimento na hora da partida, pois para ele, em outra estrofe grita o seu eu-lírico: Sim, a poesia está lá, / Em sentinela / A debruçar-se em seu leito, / a abraçá-lo silenciosa / A envolvê-lo em perfumes / E a recitar a eternidade / Em sonetos e trovas (p.13). No eu- lírico do autor, a morte se confunde com a vida, mas, “o poeta nunca morre, apenas descansa como guerreiro”, a imortalidade aí aparece como a própria poesia. E em outra estrofe ele declara a imortalidade do(s) poeta(s), dos artistas em geral, desta forma: “Na capital / Ou aqui onde estou / O poeta não morre”. Mais adiante, ele afirma que o poeta é o ser que não morre, e vê a imortalidade da seguinte forma: “Na capital, / o poeta está vivo, / O poeta se eterniza. / O poeta é a poesia” (Idem).

Nesta perspectiva, mesmo o poeta morrendo, ele continua vivo, “o poeta é poesia”, ou seja, o poeta é a própria poesia, porque a poesia o imortalizou, ou seja, a “*poiesis*”, no sentido amplo da palavra de origem grega, que significa criação, a criação imortaliza o criador, a obra imortaliza o autor. Já sobre a partida do poeta e professor Dr. Paulo Batista Machado, em 29 de abril de 2016, Cajuhy (2019, p.77) diz o seguinte: ‘Enfim, o mestre não morreu, porque ele continua vivo na memória, e no legado que deixou pelos lugares por onde andou’.

Além da perspectiva de produção deixada pelo artista-poeta, a citação aponta outro elemento para a imortalidade, continuar “vivo na memória”, coletiva, dos homens. Este elemento como prerrogativa de imortalidade aparece no início apresentado pelos dicionários, é preciso, também, estar vivo na memória dos homens, é preciso ser lembrado. A obra pode ativar essa memória coletiva, essa lembrança, por isso, imortaliza o artista. No livro Tempo...Crônicas e Contos, de Edvan Cajuhy, José Gonçalves do Nascimento, no texto de prefácio que tem como título: Tempo da palavra, diz:

[...]. as palavras nunca voam,/ os homens passam,/ as palavras permanecem;/ elas moram no tempo e no espaço; vivem nas pedras e nos rios; dormitam nos mitos bíblicos, nos poemas de Virgílio, nos afrescos de Michelangelo, na tragédia de Ésquilo, na Ética de Aristóteles, no épico de Camões, no olhar ressaqueado de Capitu, na mística de Tereza de Lisieux, nas façanhas do Cavaleiro da Triste Figura, na prédica do Beato Conselheiro, no encanto da rima do cordel, nas veredas do Grande Sertão, na grita dos Heróis do povo, na utopia dos sonhadores da nova era (Nascimento, 2019, p.13).

O autor do prefácio apresenta a palavra como a origem de todas as coisas e, nela, tudo permanece, ela é a origem de tudo. Neste sentido, a palavra tem o sentido de *poiesis*, criação, a palavra criadora, assim ela está em todas as obras criadas, por isso, as obras permanecem. Ela está nas obras de artes (na literatura, na pintura, na oratória, nos personagens, nos mitos), “os homens passam”, mas, ela permanece nas obras que os homens fizeram, elas se imortalizaram e imortalizaram o seu autor, o seu criador.

A imortalidade é o desejo de sempre está presente aqui e, isso se dá pelos feitos, pelo serviço. É preciso amar, para doar-se e, doar-se é morrer para si, e viver para o serviço, porque o poeta é um criador, é “um pequeno/grande deus” capaz de criar coisas portentosas do caos (Nascimento, 2014). Aí está o imortal, aí está a imortalidade.

5. NARRATIVAS “DA TERRA DO SOL”: O SEMIÁRIDO BRASILEIRO

A caatinga traz a marca de resistência: não se curva diante das intempéris: e o sertanejo é sua imagem e semelhança: fez-se igual a ela: valente, forte e ousado; nada o detém; nem mesmo a indiferença governamental de que é vítima secular; tampouco a seca é capaz de abatê-lo: com ela já aprendeu a conviver: [...] (Nascimento, 2018, p.18).

Este capítulo que discorre sobre narrativas “*da terra do sol*” o semiárido brasileiro, a parte central do título faz referência a obra de José Gonçalves do Nascimento, membro da ACLASB e ex-presidente. O título completo de sua obra é “Crônicas da Terra do Sol”, uma coletânea de textos que versam sobre os vários aspectos da “Terra do Sol” (semiárido brasileiro), a partir de suas experiências vivenciada no sertão da Bahia. Por isso, a citação da epígrafe que é trecho do texto: *Caatinga e seus múltiplos encantos*, de sua autoria.

A caatinga é o bioma tipicamente do Semiárido Brasileiro ou do Sertão. Nascimento (2018) apresenta este bioma como uma característica marcante que, de certa forma, influencia na produção da existência do seu povo e, tal como a caatinga é caracterizada como uma vegetação de resistência, também o povo é um povo de resistência. É um povo que semelhante à caatinga, não se abate, nem com a seca, nem com a falta de ação governamental. É um povo “valente, forte e ousado”.

A região Nordeste está composta geograficamente por nove Estados da Unidade Federativa, apresentando uma diversidade de aspectos culturais, econômicos, sociais, políticos e naturais, sendo estes Estados os seguintes: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe, são nestes Estados que localiza-se o semiárido, mas, segundo a Resolução Condel / Sudene, nº 150, de 13 de dezembro de 2021, Publicado em: 30/12/2021 | Edição: 246 | Seção 1 do Diário Oficial da União, o semiárido estende-se ainda, áreas dos Estados de Minas Gerais e Espírito Santo, Estados estes, já pertencentes à região Sudeste.

Neste sentido, a delimitação das áreas que se refere ao semiárido, vai se alterando tempos em tempos de acordo com longos períodos de estiagens e suas consequências.

A delimitação geográfica do Semiárido Brasileiro a partir do critério climatológico, ou seja, das áreas de ocorrência de secas, tem sido muito variável ao longo das décadas, ampliando ou reduzindo a área, conforme a incidência de secas, da aplicação de recursos e da implementação de políticas públicas/assistenciais às áreas atingidas (Carvalho, 2006, p. 19).

Essa delimitação do semiárido brasileiro se altera, levando em consideração diversos fatores de ordens climatológicas, principalmente, os períodos longos de estiagem, mas, também por fatores governamentais (órgãos, resoluções, etc.) e políticos. Assim, essa delimitação pode ser alterada ou entendida de diversos modos, de acordo com as definições de órgãos, como, por exemplo: Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste – FNE, pela SUDENE que está passando a produzir informações desde 1989 para a região (Carvalho, 2006).

O Nordeste como um todo foi descrito homogeneamente com as características do semiárido. Margareth Rago inicia o prefácio do livro “A Invenção do Nordeste”, de Durval Muniz de Albuquerque Júnior, como reflexão, na seguinte afirmação:

Até meados da década de 1910, o Nordeste não existia. Ninguém pensava em Nordeste, os Nordestinos não eram percebidos, nem criticados como uma gente de baixa estatura, diferente e mal adaptada. Aliás, não existiam. As elites locais não solicitavam, em nome dele, verbas ao Governo Federal para resolver o problema da falta de chuvas, da gente e do gado que morriam de fome e de sede, como registra Graciliano Ramos em *Vidas Secas*, livro que se tornou filme famoso [...] (Albuquerque Júnior, 2011, p.13).

Não existia porque as elites locais e/ou regionais ainda não reivindicavam para a região ou, melhor, não reivindicavam para si, ajuda do Governo Federal em nome de uma suposta calamidade, causada pela seca, termo que foi muito usado por estas elites, como mote para uma construção discursiva sobre o nordeste, uma discursividade homogeneizadora e tão contundente que impregnara no imaginário popular que apropriara como seu, esse discurso elaborado, construído e divulgado pelo olhar da elite local e o olhar externo, sul e sudeste do Brasil.

A construção narrativa desse nordeste homogêneo, não levando em consideração a sua diversidade, sem explicitar as características diversas, tanto naturais, quanto culturais, específicas dos lugares que o compõem, por exemplo: o litoral, o sertão (semiárido) e outros, anunciando um nordeste único, mas, isso se dá pelo que se queria construir discursivamente sobre nós.

O Nordeste e o nordestino miserável, seja na mídia ou fora dela, não são produto de um desvio de olhar ou fala, de um desvio no funcionamento do sistema de poder, mas, inerente a este sistema de forças e dele constitutivo. O próprio Nordeste e os nordestinos são invenções destas determinadas relações de poder e do saber a elas (Albuquerque Júnior, 2011, p.31).

O Nordeste e os nordestinos se constituem a partir deste sistema de forças de poder, através de uma narrativa bem elaborada para se inventar o Nordeste que a elite local queria para

se locupletar financeiramente e por medo de perder seu *status quo*. Por isso, o autor diz que o Nordeste é uma invenção. Para Nascimento (2018) o problema da seca, enquanto realidade, não se pode ser negada. Mas, sobre esse discurso homogêneo a partir da realidade da seca, ele traz alguns questionamentos e suposições sobre a quem interessa, ter a seca como único causador de todos os problemas existentes no Nordeste.

Mas será que a seca é a única responsável pelos problemas do Nordeste? [...]. A verdade é que a seca interessa a alguém. Daí a necessidade de mantê-la. Há aqueles que secularmente tiram proveito da seca, engrossando suas fortunas em detrimento do bem comum, são donos do poder político e fundiário. Os mantenedores de um sistema que consegue manter-se às custas da miséria do povo (Nascimento, 2018, p. 38-39).

A seca como a causa de todos os problemas do semiárido brasileiro foi a grande jogada da elite, tornando esta, também, o principal problema do Nordeste. A narrativa feita sobre os aspectos climatológicos acabou por homogeneizar toda uma região ricamente diversa em culturas, costumes, culinária, com características variadas, muitas das vezes referem-se quase sempre a essa região como semiárido, sertão, termos que caminham juntos e se confundem na discursividade, nas narrativas.

O sertão, o semiárido é a “terra do sol”, este lugar que teve sua invenção a partir do discurso do estigma da seca, da fome e da miséria. O lugar estereotipado e pautado pela negação e pela hostilidade (Carvalho, 2013). Estas narrativas foram geradas e retroalimentadas não somente pelo olhar externo, mas também, por outros olhares, como nos afirma:

[...] as representações em torno do sertão semiárido foram produzidas não só pelo olho do colonizador, mas, também e principalmente, pelo olho de outros desacostumados com seu ambiente e que, ao se depararem com ele, ficaram estarecidos (Martins, 2002, p. 53).

Para além do olhar do colonizador e do olhar da elite local, tais representações, discursos e narrativas negativas em torno do semiárido, também foi alimentado pelos artistas: nas artes plásticas com Cândido Portinari (1903- 1962), nascido em Brodowski; no Estado de São Paulo, por tanto, uma visão do Sudeste, com a obra “Os Retirantes” (1944),¹⁵ por exemplo, na música, podemos citar o cantor Luiz Gonzaga (1912-1989), nascido em Exu - Pernambuco, nordestino-sertanejo, com a música “Asa Branca” (1947), em parceria com o compositor,

¹⁵ Informações disponíveis no site <https://www.museucasadeportinari.org.br/candido-portinari/vida/> acessado em 14/11/2023.

advogado, deputado federal e músico cearense Humberto Teixeira (1931-1979). Outra canção foi "Triste Partida" (1964), de Patativa do Assaré¹⁶. São músicas que falam desse semiárido seco e pobre, do sertanejo que sai de sua terra em busca de oportunidades. Sua música é direcionada para os migrantes nordestinos que iam viver em São Paulo e Rio de Janeiro e sendo, pois, e para vender sua produção, ele tentava cantar o Nordeste, o semiárido de sua infância, da saudade (Albuquerque Júnior, 2011).

A literatura de forma mais ampla, juntamente, com as outras formas de artes como músicas, pinturas etc., se nutriram do mesmo discurso, da mesma narrativa, sobre o sertão, o semiárido pobre, seco e miserável, mas também, o sertão, semiárido, que apresenta características marcantes para definir o que se discutiam entre os intelectuais e artistas da época (final do século XIX e início do século XX), a criação de uma suposta identidade nacional.

Daí, a dicotomia de Nordeste como representante do Norte versus São Paulo/ Rio de Janeiro representantes do Sul (Sudeste). Albuquerque Júnior (2011, p. 70) diz que: “A diferenciação progressiva entre o Norte e o Sul já era tema de diferentes discursos, desde o final do século XIX. Coerentes com paradigmas naturalistas, colocam como responsável por tal distanciamento as questões da raça e do meio”.

Então, pautado nesses discursos narrativos de intelectuais e aliado à decadência das elites nordestinas diante das mudanças modernistas, surge uma literatura, ora pautada nas lembranças e memórias dos grandes engenhos que outrora foram pujantes e prósperos, ora pautada nos estudos de intelectuais como: Gilberto Freyre (1900-1987), nascido em Recife – Pernambuco. A esta produção intelectual regionalista, Martins (2006, p. 62) apresenta uma reflexão: “É curioso ver como nem o trabalho intelectual que fundou a região Nordeste e se beneficiou muito da “imagem” da seca e do sertanejo para fundar uma suposta sua identidade, foi capaz de tematizar as condições do Semi-Árido Brasileiro”.

Dentre as literaturas mencionadas, pode-se citar o escritor José Lins do Rego (1901-1957), com a obra “Menino de Engenho”; Graciliano Ramos (1892-1952), com a obra “Infância”; João Cabral de Melo Neto (1920-1999), com a obra poética “Morte e Vida Severina”; Rachel de Queiroz (1910-2003), com a Obra “O Quinze”.

Todas essas obras e mais algumas outras, trazem a radiografia do Nordeste, sertão, semiárido, através do discurso e das narrativas engendradas pela elite, retratando esse espaço

¹⁶ Informações disponíveis no site: <https://www.vivarte.mus.br/post/luiz-gonzaga-vida-e-obra> e no site: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa12182/humberto-teixeira> ambos acessados em 14/11/2023

com os estigmas já citados, várias vezes neste trabalho. Obras pautadas nas lembranças e memórias de um passado próspero de uma elite decadente, que estigmatizaram o semiárido como espaço da seca, da fome e da miséria, em que os seus habitantes tendem a se deslocar de um lugar para outro (Albuquerque Júnior, 2011).

No semiárido brasileiro, o sertão é muito maior do que os discursos e as narrativas engendradas pelas elites regionais e reforçadas pelos olhares externos. Para além dos problemas existentes e, entre esses, os longos períodos de estiagens, existem e resistem a toda forma de preconceito e estigmas postas a ele e uma vasta gama de experiências riquíssimas, na cultura, na educação e na cotidianidade da produção da existência de seus habitantes.

E entre essas experiências, estão a criação e instalação das academias de letras, de letras e artes e de outras áreas do conhecimento no semiárido, no sertão. Porque a ideia de academia surgida na Grécia se espalhou pelo mundo (Nascimento, 2018) e o sertão, o semiárido faz parte do mundo, ou melhor. O semiárido também é o mundo.

Neste sentido, no semiárido, encontra-se a existência de academias, onde seus membros discutem a cultura, a arte e a literatura. E na literatura aparecem a presença do discurso e da narrativa hegemônica dos estigmas impostos ao semiárido, mas também, existe o contraponto de uma literatura que tenta se libertar deste paradigma, não negando os problemas existentes, mas, vislumbrando outras possibilidades (Malvezzi, 2007).

Portanto, o semiárido brasileiro se constitui como um espaço/território diverso, com diversas faces, como a sua cultura, a sua literatura, temas dos subcapítulos que trataremos a seguir.

5.1 O SEMIÁRIDO E SUA CULTURA

O mundo, mesmo com sua vasta diversidade biológicas/naturais, desde os tempos mais remotos, não ficou isento da criatividade e inventividade do ser humano. A busca constante por meios de técnicas diversas e tecnologias (ferramentas), ou outras inventividades para superar os obstáculos que as intempéries do meio que lhe impõe, a busca de imitar a própria natureza moldadas e desenhadas por suas próprias mãos, a contemplação dos elementos da natureza como representação das divindades tornando-se o elo, o *religare* entre o homem e um ser divino, são exemplos para se refletir sobre a cultura.

Explicar a cultura apenas de um viés, torna-se difícil, a cultura faz parte da existência humana e o homem sendo quem é, por exemplo, o meio ambiente por si só não determina essa cultura.

As diferenças existentes entre os homens, portanto, não podem ser explicadas em termos das limitações que lhes são impostas pelo seu aparato biológico ou pelo seu meio ambiente. A grande qualidade da espécie humana foi a de romper com suas próprias limitações: um animal frágil, provido de insignificante força física, dominou toda a natureza e se transformou no mais temível dos predadores. Sem asas, dominou os ares; sem guelras ou membranas próprias, conquistou os mares. Tudo isto porque difere dos outros animais por ser o único que possui cultura. Mas que é cultura? (Laraia, 2001, p. 14).

Assim sendo, pode-se dizer que as diferenças entre as pessoas, mas, principalmente, no sentido cultural, não existem melhor ou pior, mas o diferente, porque o homem, o ser humano, é único e dotado de capacidades. E sobre o conceito de cultura, apresenta o seguinte:

No final do século XVIII e no princípio do seguinte, o termo germânico Kultur era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa Civilization referia-se principalmente às realizações materiais de um povo. Ambos os termos foram sintetizados por Edward Tylor (1832-1917) no vocábulo inglês Culture, que "tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade" (Laraia, 2001, p. 14).

E continua o autor a dizer que o conceito de Taylor, além de trazer um conceito abrangente, afasta a ideia de que a cultura é inata, mas, que se é possível haver o seu aprendizado, o conceito descortina possibilidades. Então, o semiárido não está fora deste contexto de possibilidades do fazer humano, levando em consideração suas realidades, constituindo-se esse fazer àquilo que chamamos de cultura, mas, não correndo risco de cair na armadilha do discurso de falar de cultura dentro dos parâmetros de julgamentos isolados, de cultura inferior ou superior, mas, para além disso, como nos atenta Reis e Pinzoh,

É evidente que não falamos de uma cultura isolada nas manifestações culturais de um grupo, mas da riqueza da diversidade cultural que nos faz tão singular em cada canto específico desse mundo que habitamos, em as matizes culturais vão promovendo o colorido da diversidade, mas, que não pode significar o obscurecimento ou opacização das culturas consideradas inferiores por aquelas que se julgam superiores (Reis; Pinzoh, 2016, p. 5).

Esta riqueza citada pelos autores é dinâmica e diversa, ela nos marca no mundo, porém, ela não pode ser arcabouço para divisão de “atividades semióticas de orientação no mundo social e cósmico”, como alertam Guattari e Rolnik (1996, p.15). O semiárido brasileiro traz essa diversidade, desde suas paisagens naturais, até aos aspectos do fazer humano, Ribeiro e Souza expressa essa diversidade, no poema “Um Pouquinho de Nordeste”, assim:

[...]. Tem seus loucos e seus sábios/ Na cultura popular;/ têm os gênios criativos;/ tem história secular;/tem analfabeto sábio, / Com lições de alfarrábios, / Ensinando a governar. / Ainda na cultura popular, /Que vale a pena conhecer, /A arte te põe a dançar, / lutar e se mexer;/ Além da literatura, /Uma beleza pura, / Que apresentei a você (Ribeiro; Souza, 2023, p. 16-17).

Os autores vão brincando em versos rimados com o que se tem no Nordeste, que se faz também presente no semiárido, lembrando que o discurso hegemônico de outrora representou esse espaço gigantesco, como se fosse um só, os autores citados, porém, brincando mostram essa diversidade. O semiárido brasileiro tem que ser visto na sua inteireza e complexidade, é necessária uma visão holística (Malvezzi, 2007). A cultura é um dos aspectos, porém, ela pode ser este olhar holístico porque ela nasce, surge, se produz das vivências dessas/nessas complexidades e diversidades que colorem o semiárido.

A música, as artes plásticas, a literatura, o teatro, o circo, o cordel e todas as outras formas de artes e/ou expressão artística, trazem peculiaridades de onde e por quem ela foi produzida, mas, também elas sofrem influências diversas e externas, aliás sempre sofreram essas influências do capitalismo e da mídia, por exemplo, e principalmente com a globalização. Além das artes, as manifestações, tais como: as festas juninas; os ternos de reis; as rodas; quadrilhas juninas sofrem influências externas nas vestimentas; coreografias etc., com isso, é razoável dizer que as academias criadas e instaladas no semiárido brasileiro, mas, com ênfase aqui, as que estão sediadas no semiárido baiano e seus membros estão expostos às influências discursivos e narrativas ou mesmo de outras ordens mais globalizantes ou não.

Ainda assim, sobre a cultura, Malvezzi (2007) apresenta um panorama geral da cultura do semiárido ou como ele prefere falar do sertão (p. 09), por trazer um aspecto mais identitário, esse panorama abrange a comida, as festas, a religiosidade, as artes e outros, corroborando com Malvezzi, Cajuhy (2016), em sua obra poética “Relicário - Pessoas e Lugares”, dedica uma secção com o tema “Lugares”, em que apresenta em poesias vários lugares do semiárido e sua cultura, comida, festas populares, religiosidades e etc.

A cultura se constitui a partir das vivências das pessoas que constituem um lugar, seja ele um país ou um povoado. Nesta perspectiva, no próximo subcapítulo, tratar-se-á do semiárido e sua literatura como lugar de sua invenção, a partir dos escritores/poetas da ACLASB.

5.2 O SEMIÁRIDO E A LITERATURA: LUGAR DE SUA INVENÇÃO A PARTIR DOS ESCRITORES DA ACLASB

Na Bahia, atualmente, existe a Rede de Integração Cooperativa das Academias de Letras da Bahia - RICA, com objetivos de congregar as Academias de Letras da Bahia para o seu fortalecimento enquanto difusoras de cultura e arte, com ênfase nas letras e na literatura baiana e brasileira; promover atividades culturais, artísticas e/ou educacionais conjuntas, fortalecendo o sentido de integração entre as Academias de Letras; realizar intercâmbio com as Academias de Letras dos demais municípios do Brasil¹⁷.

Esta instituição vem fazendo levantamento das academias de letras da Bahia, mapeando as mesmas para uma melhor comunicabilidade e integração, bem como intercâmbio com outras academias de todo Brasil. Segundo os membros da RICA e de acordo com os documentos que eles me enviaram via *whatsApp*, a Bahia conta hoje com trinta e três academias, no interior do Estado, sendo que algumas delas estão localizadas em municípios que estão no mapa do semiárido assim distribuídas: Feira de Santana com Academia Brasileira de Artes Integradas (ABAI – Feira de Santana); Academia de Letras e Artes de Feira de Santana – ALAFS e Academia Feirense de Letras – AFL; Barreiras com Academia Barreirense de Letras – ABL; Caetité com Academia Caetiteense de Letras – ACL; Senhor do Bonfim com Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim – ACLASB; Bom Jesus da Lapa com Academia de Letras de Bom Jesus da Lapa – ADORMECIDA; Castro Alves com Academia de Letras de Castro Alves – ALCA; Cipó com Academia de Letras do Vale de Itapicuru – ALVI; Brumado com Academia de Letras e Artes de Brumado – ALAB; Santa Rita de Cássia com Academia Santa-Ritense de Letras – ASL; Xique-xique, com Academia de Letras de Xique-Xique – ALEXX -

¹⁷ Disponível em: <https://academiadeletrasdabahia.org.br/1o-coloquio-das-academias-de-letras-da-bahia/#:~:text=Sobre%20a%20RICA%3A,e%20a%20literatura%20no%20estado>. acessado em 20/01/2024.

ADORMECIDA; Paulo Afonso com Academia de Letras de Paulo Afonso – ALPA; Guanambi com Academia Guanambiense de Letras – AGL.¹⁸

Desses municípios do semiárido que tem academias não citam as Academias de Letras de Juazeiro, Academia de Letras de Jacobina, esta última muito mencionada nas atas da ACLASB em tempos passados.

A ACLASB sendo uma dessas academias criadas e instaladas num município que compõe o semiárido brasileiro e composta por escritores e artistas visuais, artistas do circo, do teatro, da música, atendo-se somente aos escritores/poetas, delineamos aqui como o semiárido aparece nas obras de alguns desses escritores da ACLASB.

Com essa explanação da existência das Academias de Letras e/ou Artes, no interior da Bahia, mas, principalmente, no território do semiárido, pode-se pensar sobre a sua produção artística e literária, se ela enquanto expressão da cultura, ora com características negativas e estigmatizadas desse lugar, ora com um discurso mais positivos destacando as possibilidades e potencialidades. Tais ambiguidades são apontadas por Vasconcelos:

É neste cenário de organização de imagens opostas do nordeste e do nordestino que a célebre obra de Euclides da Cunha *Os Sertões*, publicada em 1902, pôde servir como uma das fundamentações para ambos os argumentos, completamente díspares entre si. O seu discurso ambíguo e contrastante oferece substrato suficiente para produzir tanto uma estereotipia negativa em que se inferioriza o sertão/nordeste, quanto uma estereotipia positiva em que se enaltece esta região e o seu povo (Vasconcelos, 2006, p. 5).

Para além das ambiguidades, trazidas por Vasconcelos, tendo como exemplo a obra de Euclides da Cunha, que faz uso dessa estratégia para se criar essa estereotipia positiva e negativa, Albuquerque Júnior (2011) ressalta que a imagem que se delineia nas obras artísticas, músicas, artes plásticas e literatura tiveram como fonte narrativa e a discursividade hegemônica da elite, por isso ainda é possível perceber marcas desse discurso, dessas narrativas em certas obras. Neste sentido, vamos refletir trechos de dois textos poéticos de membros da ACLASB.

Oswaldo Alves Aragão, nascido em 31 de março de 1933, na cidade de Senhor do Bonfim – BA, foi poeta, pintor, letrista, cordelista, músico, compositor com várias canções gravadas pelos seguintes grupos e intérpretes: Trio Sabiá, Trio Sertanejo, Trio Natal, Trio

¹⁸ Uma parte das Informações enviadas pelos diretores da RICA e sobre municípios no semiárido disponível em: <http://www.cca.ufpb.br/cca/contents/noticias/ibge-divulga-lista-de-municipios-localizados-na-regiao-semiarido-do-brasil/lista-1262municipios-semiarido-2017.pdf> acessado em 21/01/2024

Bahia, Del Carneiro e David Santana (ACLASB, 1997, p. 61). Osvaldo Alves Aragão já é falecido e dono da obra poética *Triste Norte e Nordeste*. Primeiro poema:

Triste Norte e Nordeste
 Conheci algumas cidades, / Deste Brasil bom e ordeiro. / Mais por infelicidades, / não é muito justiceiro. / Crianças vivem abandonadas / ou então em cativo.
 Falar do norte e nordeste, / melhor ficarmos calados. / ou então fazermos um teste, / com os desempregados, / verificamos que no Nordeste / a maior parte são favelados.
 O que vemos no Nordeste, / é a seca assoando. / Ou grupos de ferozes, / nas estradas assaltando. / Se você reagir / Acabam lhe matando.
 Não existem mais cidades, / com total segurança não, / hoje felicidades. / É sofrimento meu irmão, / Os mais fracos só esperam / de Deus a proteção.
 Não podemos ficar sorrindo, / com os braços cruzados. / vendo o Sol progredindo, / Com o norte e nordeste parados. / Vamos unidos lutar / Em favor destes Estados.
 Quero finalizar, / com esta minha narração, / ao mesmo tempo implorar, / aos governantes da Nação, / que prometem muita coisa / em época de eleição (ACLASB, 1997, p. 64).

Ailton Ribeiro é membro da ACLASB, ocupando o cargo de conselheiro. Participa também, das antologias: *Oxente! – Poemas Nordestino*, antologia do Piauí Poético (2023) e *Nordestine-se!* (2023), organizada por Aldonez Pereira. Ailton Ribeiro sobre si, fala que,

[...] nasceu garimpeiro, fez-se Arte Educador, Artesão, Ator, Poeta, entre outras coisas. Nascido em Serra de Carnaíba, município de Pindobaçu, Bahia. Intitula-se como um “agrupador de letras”. Tem várias publicações, entre elas: *Dúvidas e Luz* (fanzine) e antologia *Cactus*, do Piauí Poético (Ribeiro, 2023, p. 15).

A outra obra é um cordel de sua autoria que tem como título: *Bom Início e Fim de Feira*. Segunda obra:

Bom Início e Fim de Feira
 Semi-árido bonfinense / Tem uma singularidade / No grande Sertão Baiano / Terra sem água e vaidade / Inda produz resistência / Sertanejos de verdade
 Criando bode e galinha / Produz o seu necessário / No campo ou na cidade / trabalha de modo vário / Indústria ou manufatura / ou patrão ou, operário.
 O homem do campo em Bonfim / É bem mais que um herói de Guerra / Ele produz no campo improdutivo / é um deus de criação aqui na terra / Tem saberes, dialoga e gera vidas, / Alimenta, procria, acerta e erra. [...].
 Tem a comida típica / Na barraca improvisada / vendendo tudo de bode / Cozido, assado e buchada, / pra acompanhar tem a pinga / Noutra barraca encostada [...].
 Assim é a ótica que nós temos / Da cultura na feira apresentada. / Entre homens (sem gênero e sem idade) / Com feição desgastada e enrugada / Do labor de lidar no dia-a-dia / Sem descanso e sem folga programada [...].
 Fazendo conta o que vejo / A farta força do campo / Que produz o sertanejo / Nas lamúrias por espanto / Na busca do seu desejo / alimenta muitos cantos [...].
 Assim o povo faz compras / Sem pensar no já pensado / Que o “homem” que fez a feira / Volta pra casa, cansado. / pra cuidar do seu ofício / É retomar o “pesado”

Triste do homem da praça / Se não fosse esse cristão / Que com raça fé e força /
Alimenta esta nação / É quem faz andar a máquina / Com suor e calos nas mãos
(Ribeiro, 2010, p. 1-16).

Neste primeiro poema, o autor apresenta, não somente o Nordeste, mas também, o Norte com os mesmos problemas. Até 1910, segundo Albuquerque Júnior (2011), o Nordeste não existia, da Bahia para cima tudo era norte. O eu lírico do poema de Osvaldo Alves Aragão apresenta as duas regiões com o mesmo atraso, com os mesmos problemas. Neste sentido, pode-se perceber um eu lírico alimentado na fonte dos discursos hegemônicos das elites, impregnado no imaginário social.

Não se entendem os agires sociais nordestinos da microrregião do semi-árido buscando razões causais (e muitas vezes preconceituosas) na ignorância e na falta de educação, no atraso social e econômico, pois, além desses elementos aparentes e importantes, há mais de três séculos de história sobre a seca, contada e recontada, transmitida oralmente, onde horrores como fome, muita fome, sede, muita sede, doenças, mortes, fantasmas, milagres, culpas, entrega, penitência, provação, enfim, cruéis momentos são descritos e para os quais só a "ação" onipresente e divina intervém (Gomes, 1998, p. 44).

Esse discurso foi transmitido por vários agentes sociais, tornando-se a representação do imaginário social. No poema, aparecem elementos tais como: o abandono das crianças; infelicidade; injustiça; desemprego; assaltos; somente "o sol progredindo", ou seja, o calor, a sequeidão, a seca. Neste sentido, a seca sempre aparece como elemento principal dos problemas do Nordeste do semiárido.

[...] o imaginário social da seca é povoado por elementos míticos, os quais são venerados, dedicados, cortejados, alimentados, mesmo que isso se faça, por um lado, sob a forma de desvalorização do mesmo, e, por outro, através da supervalorização do heroísmo ou do sacrifício que é enfrentá-lo, individual ou coletivamente. E a seca — que não corresponde aqui ao aspecto físico — constitui essa categoria, deslocada do "fenômeno em si", um discurso, uma representação, uma construção imaginária forjada sob um conjunto de elementos discursivos díspares, mas que, em torno dele, torna-se unívoco: seca (Gomes, 1998, p. 47).

A seca é esse elemento constituído, enquanto categoria do discurso, da representação que povoa o imaginário social do que é o Nordeste, o semiárido. Mas, o eu lírico, ainda afirma que os mais fracos, só esperam de Deus a proteção, depois o descrédito dos políticos, ou seja, os homens nada mais podem fazer, principalmente os mais fracos, mas, apenas esperar em Deus, sobressai assim, uma conformidade quase que naturalizada e a divinização cotidiana, só Deus poderá mudar a realidade.

[...], mas a seca existe como construção imaginária instituída, poderosa, que articula os complexos de significações com ressonância dentro e fora da sociedade sertaneja, fazendo-se realidade, como é próprio do imaginário social; faz-se e cristaliza-se sob a ação cotidiana desses homens, na oscilação do argumento da divinização/naturalização (Gomes, 1998, p. 119-120).

Assim sendo, torna-se perceptível os elementos discursivos dos estigmas postos ao semiárido (Norte e Nordeste), essas duas regiões tomadas como se fosse uma só. Todo esse poema em questão estão os elementos apresentados por Gomes. Segue-se, pois, para o segundo poema “Cordel Novo”.

Já o poeta Ribeiro apresenta um poema (cordel) que ela chama “novo”, com um tema interessante, que é a feira. Não nega os problemas existentes, mas, apresenta o colorido das vivências, as possibilidades. Na feira, tudo é possível, aprendizagem na feira também acontece.

A feira é, por excelência, o lugar da diversidade. Nela se vende, se compra, se troca. em cima de esteiras, de caixotes, ou expostos em pequenas bancas cobertas de lona, ali são oferecidos os mais diversos gêneros e produtos, desde alimentos, vestuários, até utensílios de cozinha e ferramentas de trabalho. A feira possui sua culinária, seu modo de vestir, sua linguagem; na feira se come, se bebe, se dança, se contam histórias, se rememoram fatos; na feira se celebra encontro, o ajuntamento [...]. A feira é também lugar de comunicação. Por ali circulam de boca em boca informações a respeito de quase tudo. [...]. É na feira que os artesãos expõem seus produtos e os artistas populares mostram a força do seu talento (Nascimento, 2018, p. 27-28).

As feiras são muito difundidas nas cidades do interior do Nordeste, no semiárido, no sertão, ela é esse ponto e momento de encontro entre as pessoas do campo e da cidade, é nela que muitas das vezes acontecem a atualização dos processos sociais. No poema de Ribeiro, mesmo apresentando as dificuldades das pessoas que habitam o semiárido, descortina para os leitores um cenário festivo, de encontro coadunando com o texto de Nascimento. A feira também é cultura, é aprendizagem.

Nesta perspectiva, os membros da ACLASB estão intimamente antenados com o contexto em que ela está inserida, retratando nas suas obras também o semiárido, ora com aspectos dos discursos e narrativa de outrora, ora com um discurso pautado numa revisão do que é o semiárido, que mesmo diante dos seus problemas, vêm possibilidades e ressalta as potencialidades deste lugar.

Os dois poemas aqui apresentados, demonstram dois contextos do Nordeste/Semiárido, o primeiro tendo como fonte discursiva as narrativas hegemônicas de outrora, que ressalta a região com seus problemas, as injustiças, o abandono; o segundo poema

(cordel), trazendo uma visão mais holística do semiárido (Malvezzi, 2017), eleva a feira como esse espaço diverso, alegre, de compra e de venda, de trabalho, sem negar os problemas, mas, elevando as suas potencialidades.

6. “EDUCAÇÃO SEMPRE”

Peço pra todos os deuses/ Que me dêem inspiração/ Pra fazer a trajetória/ Da história da educação/ Dos nossos erros e glórias/ Desde o tempo da invasão (Ribeiro, 2010).

Este capítulo traz como título: “Educação Sempre”, referência de um texto de Dom Jairo Rui Matos da Silva, o qual ele escreveu sobre a educação numa perspectiva ampla, pois, este assunto foi tema da Campanha da Fraternidade no ano de 1982. Mesmo esse capítulo não discorrendo sobre a história da educação propriamente dita, o texto da epígrafe contribui para a reflexão de como a educação imposta pelos colonizadores, que se deu em nosso país durante os primórdios. Trazemos assim a primeira estrofe de um cordel que tem como título “História da Educação”, de Ailton Ribeiro, professor, poeta, cordelista e membro da ACLASB.

Educação, uma palavra carregada de conceitos e perspectivas. Sua origem vem do latim *educare* que significa guiar. Para além de sua origem e significado, a educação está presente em todos os lugares e sociedade desde tempos remotos da humanidade. Sendo, pois, a educação um processo que está presente nos diversos lugares, mesmo assim, e talvez por isso, nunca é demais falar da educação, porque como nos diz Libâneo (2006, p.16). [...], sendo a educação uma prática social que acontece numa grande variedade de instituições (na família, na escola, no trabalho, nas igrejas, nas organizações políticas e sindicais, nos meios de comunicação de massa etc.) [...].

Este capítulo, discorre sobre a educação com seus diversos conceitos, e de como ela está presente na vida das pessoas de todos os tempos sob diversas roupagens, aqui, além da conceituação da educação de forma mais geral, como apresenta Libâneo (2006), Brandão (2007) e Freire (1996), traz também um afinilamento conceitual, com o recorte para Educação Contextualizada para Convivência com o Semiárido Brasileiros, a partir de Martins (2002,2006) e outros, tendo a literatura produzida por membros da ACLASB como potencializadora para essa educação contextualizada, seguindo discute-se o conceito de educação escolar, educação não escolar e educação informal, na perspectiva de Gohn (2009, 2016) e outros.

Se fizermos uma viagem na história da humanidade desde os tempos mais antigos, nos depararemos com os primeiros homens a utilizar as mãos para fabricar seus instrumentos de produção da existência, armas para caça, utensílios para a preparação dos alimentos, ainda

podemos imaginar os registros da vida cotidiana nas paredes das cavernas através das pinturas, as construções de abrigos para se proteger das intempéries da natureza, as formas como isso tudo era aprendido e ensinado era educação, porque a educação é uma forma de intervenção no mundo para a superação dos obstáculos postos e isso vai para além do conhecimento (Freire, 1996).

Quando os mestres gregos reuniam seus discípulos para ensinar-lhes a filosofia, o debate, aí era sua forma de educação, quando chefe do exército romano ensinava os seus jovens como lutar em guerras, ali era seu tipo de educação; quando o pajé ou cacique de uma tribo indígena ensina aos seus jovens como lutar, caçar, curar pessoas, isso também é educação; quando um camponês de qualquer parte de mundo ensina os seus filhos a cultivar a terra, nisso, também, consiste a educação. Ninguém está distante da educação.

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações (Brandão, 2007, p. 07).

Assim, a educação não se restringe a uma única perspectiva, bem como, sua prática não se dá somente em um tipo de lugar, por exemplo, nas escolas, universidades, ela está espalhada por onde está o ser humano. Por isso, não existe um único ponto de vista sobre a educação, cada sociedade, todo grupo humano tem a sua ideia sobre educação (Brandão, 2007).

Pensar a educação como processo necessário ao ser humano, para a sua formação e a busca pelo exercício da aquisição do conhecimento, através da reflexão, a superação de obstáculos e/ou para de certa forma buscar suprir as necessidades da produção de sua existência, assim, ela se apresenta, diversa, simples, complexa. Ela pode se dar de várias formas.

A educação pode existir livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar comum, como saber, como ideia, como crença, aquilo que é comunitário como bem, como trabalho ou como vida. Ela pode existir imposta por um sistema centralizado de poder, que usa o saber e o controle sobre o saber como armas que reforçam a desigualdade entre os homens, na divisão dos bens, do trabalho, dos direitos e dos símbolos (Brandão, 2007, p. 10).

Neste sentido, quando fazemos uma retrospectiva na história da educação no Brasil, ela sucedeu-se de forma impositiva pelos religiosos jesuítas, com o objetivo de catequizar os indígenas que eles chamavam de selvagens, como nos retrata o cordelista Ailton Ribeiro, no

seu cordel “A história da educação”, corroborando com a citação acima sobre a educação enquanto imposição. *“Assim em quarenta e nove/ Meados lá dos quinhentos/ Chegaram os jesuítas com artes e argumentos/ Buscando catequizar/Trazendo o ensinamento. Implantação do Deus único/ Modelo de salvação/ Pra aquelas "almas selvagens"/ Politeístas, pagãos... Domar pra escravizar/ Foi a primeira intenção. E das mais diversas tribos/ Vai se formando Junção/ Do branco, negro e do índio/ Se compõe nossa nação/ E "a ratio studiorum" É, modelo de educação. Trazido de Portugal/ Já discutido na Europa/ Padre José de Anchieta/ Aqui lidera a tropa/ Quem aprende e quem ensina/ É ele quem tira ou coloca”*.

Nestas quatro estrofes do cordel acima apresentado, a forma como se deu o início da educação no Brasil, imposta pela coroa portuguesa ao país colonizado através da Companhia de Jesus (os jesuítas), para atender aos interesses da metrópole portuguesa, com aspectos de uma educação europeia que não atendia e nem consideraram a cultura dos indígenas.

Por isso mesmo - e os índios sabiam - a educação do colonizador, que contém o saber de seu modo de vida e ajuda a confirmar a aparente legalidade de seus atos de domínio, na verdade não serve para ser a educação do colonizado. Não serve e existe contra uma educação que ele, não obstante dominado, também possui como um dos seus recursos, em seu mundo, dentro de sua cultura (Brandão, 2007, p. 11).

Nesta perspectiva, a educação sempre esteve presente e está na vida de várias sociedades de diversas formas, porque ela é um recurso próprio de cada cultura. Muitas vezes, a prática da educação busca legalizar atos daqueles que dominam, tentando justificar sob sua égide tudo aquilo que atende aos seus interesses. Mas, ao tempo em que ela vai acontecendo, ela também vai se transformando, vai deixando de ser livre, vai repartindo o saber. Brandão (2007, p. 34) diz: “[...] a educação. Por toda a parte onde ela deixa de ser totalmente livre e comunitária (não escrita) e é presa na escola, entre as mãos de educadores a serviço de senhores, ela tende a inverter as utilizações dos seus frutos: o saber e a repartição do saber”.

Assim, surge a escola, surge a divisão dos saberes, surgem as regras e leis de acordo com os interesses de cada país ou lugares. Em nosso país, por exemplo, temos leis federais, estaduais e municipais, que norteiam a educação. Estas duas últimas e outras que existem sempre respeitando a nossa carta maior, a Constituição Federal de 1988, que versa, no seu Capítulo III – Da Educação, da Cultura e do Desporto, Seção I – Da Educação, Art. 205: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a

colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Brasil, 1988, p. 123).

Ainda sobre o que garante a Constituição Federal de 1988, no seu Art. 206, ela elenca os princípios a que está cimentada a nossa educação com os seguintes termos:

O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: (EC nº 19/98 e EC nº 53/2006) I–igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II–liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; III–pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; IV–gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; V–valorização dos profissionais da educação escolar, garantidos, na forma da lei, planos de carreira, com ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, aos das redes públicas; VI–gestão democrática do ensino público, na forma da lei; VII–garantia de padrão de qualidade; VIII–piso salarial profissional nacional para os profissionais da educação escolar pública, nos termos de lei federal (Brasil, 1988, p. 123).

A nossa Constituição Federal apresenta uma preocupação que vai desde a garantia dos educandos à igualdade de condições de ingresso e permanência na escola; liberdade de aprender, ensinar a pluralidade pedagógica, de pensamentos e ideias, além de prever garantias para os educadores, como, por exemplo, o ingresso no serviço público através de concurso, plano de cargos e salários.

Ressalta-se, ainda, para a efetivação da constituição, outros documentos foram constituídos, tais como: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9.394/96), Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana de 2004, Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990 e outros documentos que regulamentam a educação em nosso país em seus diversos níveis.

Mesmo com toda a legislação que regulamenta a educação de uma sociedade, certas posições ou discursos que se faz sobre ela, podem ocultar interesses, ainda mais quando não se admite que na educação não há práticas sociais.

A ideia de que não existe coisa alguma de social na educação; de que, como a arte, ela é "pura" e não deve ser corrompida por interesses e controles sociais, pode ocultar o interesse político de usar a educação como uma arma de controle, e dizer que ela não tem nada a ver com isso _ Mas o desvendamento de que a educação é uma prática social pode ser também feito numa direção ou noutra e, tal como vimos antes, pode se dividir em ideias opostas, situadas de um lado ou do outro da questão (Brandão, 2007, p. 72).

Toda educação tem práticas sociais, ela sempre vai estar exposta, como objeto de que se valem as classes dominantes a dominar forjada sob a negação da existência de uma prática social, ocultando, assim, interesses capitalistas. Dizer que a educação é neutra, é uma afirmação para se negar o que está por trás deste discurso. Freire (1996, p. 98) diz que: “Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só a outra dessas coisas. Nem apenas reprodutora nem apenas desmascaradora da ideologia dominante”.

Assim sendo, até a neutralidade que alguns querem assumir na educação é uma posição política no sentido mais amplo do termo, mesmo porque, educação é um processo de formação pela consciência de nos percebermos inacabados (Freire, 1996). Somos seres históricos e sociais inacabados, sempre em construção (Freire, idem), por essas prerrogativas mesmas, não há como se ter neutralidade na educação.

Então, a educação se apresenta de forma ampla e complexa, por isso, a sua conceituação seja também ampla requerendo de nós, o debruçar sempre sobre o tema, mas, na perspectiva de Freire (1996, p. 98), “[...] a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos, implica tanto no reforço de reprodução da ideologia dominante quanto ao seu desmascaramento”.

Assim sendo, é razoável dizer que a educação, enquanto essa forma de intervenção no mundo, ela se materializa na prática docente, numa perspectiva também de educação contextualizada para a convivência com o Semiárido Brasileiro. Desta forma, o próximo subcapítulo discorre sobre a educação contextualizada e a literatura produzida por membros e/ou patronos da ACLASB, como potencializadora para prática desse conceito.

6.1 EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA E LITERATURA DA ACLASB

Neste subcapítulo, a discursão tecida gira em torno do conceito de Educação Contextualizada para a Convivência com Semiárido Brasileiro e coloca em relevância aquilo que foi revelado nas entrevistas narrativas expostas, discutidas no subcapítulo 7.4, que fala da ACLASB e o seu acervo, mas, também pelo que se revelou sobre aprendizagens de escrita e leitura, através dos eventos da ACLASB e, por se tratar esta pesquisa de uma academia de letras e artes, espaço onde se produz literatura de diversos gêneros e outras artes, buscou-se elaborar

essa tessitura textual sobre educação contextualizada e literatura como proposição reflexiva para a prática de educação escolar e não escolar.

Educação contextualizada para a convivência com o semiárido, a grosso modo, é um conceito que busca pensar a prática educativa, a partir da realidade/contexto, em que a educação está ocorrendo, levando em consideração todos os aspectos locais de ordem natural, econômica, social, política e cultural, não sendo ele reducionista e nem isolacionista, pelo contrário, o conceito de educação contextualizada abre portas para a compreensão do mundo de forma mais ampla/global, a partir da realidade e dos conhecimentos circundantes.

A educação contextualizada não é um conceito totalmente novo, mas, no semiárido brasileiro ela vem sendo desenvolvida com a atuação da Rede de Educação do Semiárido Brasileiro – RESAB e em parceria com outras instituições, tornando um trabalho em rede (Martins, 2006). A educação contextualizada para a convivência com o semiárido surge também como um processo de descolonização do conhecimento e da própria educação, visto que:

[...] a constatação mais corriqueira é a de a educação escolar que se dirige aos vários pontos da imensidão do território brasileiro, é uma educação descontextualizada e, por sê-lo, é também colonizadora, ou seja, ela se dirige hegemonicamente de uma determinada realidade – atualmente majoritariamente esta realidade é a do sudeste urbano do Brasil – e, a partir desta “sua realidade” e de uma narrativa pronunciada por um tal sujeito universal e abstrato denominado “nós brasileiros, ela torna todas as outras realidades que compõem a imensa diversidade brasileira, como sendo seus “outros”; “eles”, “aqueles” que estão “lá” e devem ser integrados à sua narrativa. (Martins, 2006, p. 47)

Neste sentido, a educação contextualizada é um processo de descolonização e de quebra de paradigma da hegemonia dominante de narrativas e conhecimentos em nome de um suposto “nós brasileiros”, sem levar em consideração as diversas realidades, a diversidade presente no imenso Brasil, bem como, os conhecimentos produzidos nas regiões brasileiras.

Ampliando a compreensão da educação contextualizada, faz-se necessário pensá-la para além das escolas, outros espaços e tempos existem para o processo de aprendizagens.

A educação contextualizada exige pensar o tempo escolar numa outra lógica. É necessário alargar o tempo e o espaço pedagógico incluindo outros lugares de aprendizagem que não apenas a escola. As organizações e movimentos sociais são espaços de aprendizagem e a participação dos educandos nestes espaços, são inegavelmente relevantes no processo de aprendizagem. Assim, ao discutir currículo contextualizado a partir de seus aspectos epistemológicos, teórico-metodológicos e políticos, percebemos necessários “processos de rupturas”, ou seja, é preciso romper com as grandes narrativas da ciência e da pedagogia moderna que são os princípios da formalidade abstrata e de universalidade, da concepção tradicional e colonizadora

da educação e ao mesmo tempo reafirmar que a educação precisa fazer sentido na realidade das pessoas no lugar onde elas estão (Menezes; Reis, 2016, p. 71).

Pensar em educação contextualizada e para a convivência com o semiárido, requer dos educadores, pesquisadores uma ruptura com as narrativas impostas pelos processos colonizadores e, assim, compreendendo de forma mais ampla este conceito, buscar nas práticas educativas, seja ela nos espaços convencionais (escolas, universidades), ou ainda em espaços não convencionais, como os movimentos sociais, associações, academias de letras, artes e demais espaços, em que o processo educativo acontece com outra lógica, possibilidades de uma educação mais real e significativa, pautada nos saberes e conhecimentos construídos no chão, em que esta educação está acontecendo.

Esta proposta nos propõe outra lógica para produção de conhecimento e como trabalhá-los, enquanto novas possibilidades, inclusive de mudança da realidade e nos faça sair para outro patamar.

Nesta perspectiva, o que aqui se apresenta, enquanto produção do conhecimento, poder-se-ia denominar de produção de excedente, termo usado por Pinzoh (2012, p. 54), quando ele diz: “Toda pesquisa, toda forma de produzir conhecimento, assim como toda criação, são modos de produzir excedente, enquanto trabalho imaterial, intelectual”. Os excedentes, aqui referidos, não são considerados pejorativamente como sobras, mas, conhecimentos que nos provocam a passar para outro patamar, ao movimento de busca inquietante não se estagnando no lugar que já estávamos ou que chegamos, pelo contrário, eles nos provocam a buscar outro lugar. Aí está o sentido da pesquisa, como nos diz o mesmo autor:

Dito de outro modo, uma pesquisa só terá sentido se não se resumir a uma confirmação do lugar onde já chegamos, mas se, pelo contrário, nos tirar do lugar onde já estamos e nos colocar em movimento, na direção de um novo lugar. Assim, toda ação de conhecimento mantém não apenas uma intenção, mas uma condição de produção de excedência: não um excedente material, em forma de capital monetário, mas em forma de capital intelectual, de valor agregado à subjetividade (Idem, p. 54).

Desta forma, pensar a ACLASB enquanto espaço de fomento à cultura com uma vasta produção artístico-literário e, para além disso, também técnico-científico no contexto em que ela está inserida, o semiárido brasileiro, especificamente em Senhor do Bonfim - BA, é pensar nas possibilidades, se toda essa produção estivesse sendo divulgada, distribuída, lida e estudada como este excedente que não é monetário, “mas em forma de capital intelectual, de valor

agregado à subjetividade”, para a formação dos educandos, numa perspectiva de educação contextualizada.

Os contextos de uma determinada realidade deveriam ser o ponto de partida para ampliação de visões de mundos. A educação requer sempre uma contextualização com o espaço onde ela se dá, se materializa, mas, essa contextualização não significa isolacionismo, como que se tratasse apenas do “nosso lugar”, da “nossa localidade”, não apenas, mas, é um encruzilhamento do local com global abarcando inúmeras características de diversas ordens.

Sendo assim, contextos não se fixam apenas ao local, à sala de aula, à comunidade local, a um território determinado. Ele se estende até um sistema de valores, que extrapolam qualquer fronteira geofísica descuidadamente traçada, uma vez que se tecem em redes de conteúdos que fundem o passado e futuro; o local e o global; o pessoal e o coletivo; as objetividades e as subjetividades fugazes (Martins, 2006, p.56).

Ao lançar o nosso olhar para essa dissertação, percebe-se um elenco de autores e obras que contribuíram com esta tessitura textual dentro de suas respectivas áreas de conhecimento, mas, também é possível, na maior parte deste trabalho, perceber o atravessamento de conhecimentos de autores globais e autores locais se entrelaçando, textualmente, nas discussões. Mesmo que não se referindo à contextualização, esse entrelaçamento de conhecimentos já o seria.

Neste sentido, faz-se pertinente pensar a literatura, enquanto elemento potencializador para uma educação contextualizada, numa perspectiva ampla, entendendo que a contextualização acontece onde está acontecendo o processo educativo ou de aprendizagem, ou seja, a contextualização na educação não é uma necessidade exclusiva das escolas e dos processos educativos do semiárido, faz-se necessário que a contextualização deva estar quando e onde sucede a prática educativa. Mas, aqui neste território, pode-se falar em *Educação Contextualizada para Convivência com o Semiárido Brasileiro* (Martins, 2006).

Na área da literatura, Bonfim também tem se destacado muito, com inúmeras obras publicadas. Freitas (2018), apresenta, no final do seu livro intitulado *Uns Textos Mambembes*, duas listas de escritores e outros artistas, visto que como via de regra, um artista nunca é artista de uma única área de produção criativa. Nestas listas, Freitas apresenta setenta e um (71), escritores/artistas, com o tipo de gênero que cada um escreveu respectivamente. A partir das listas apresentadas por Freitas (2018), foi feito um levantamento das obras dos membros da ACLASB, constando cerca setenta e oito (78) livros, quatorze (14) cordéis e dezoito (18)

coletâneas, com participações de membros desta academia, são obras que estão em circulação e trazem aspectos da cidade e região.

Visto que as produções dos membros da ACLASB dizem muito sobre este espaço – mas, não somente – as obras literárias são diversos gêneros, poemas, crônicas, contos, prosa, peça teatral, memórias, biografias, autobiografias, cordéis e outros, que tratam de diversos temas, mas uma parte significativa dessas produções tratam do lugar e da história de Senhor do Bonfim, sendo que estes livros têm sua importância para uma formação mais humanizada e contextualizada no semiárido brasileiro.

Considerar a arte, assim como a cultura, como elemento contribuidor de desenvolvimento sustentável ambiental e humano é, principalmente, olhar e discutir o cotidiano da convivência nos diversos semi-áridos existentes no Semi-Árido Brasileiro - SAB, considerando também que neste universo diverso confrontam e comungam os diferentes “tipos” de nós, que povoam entre o rural, urbano, rios secos, prédios, roças, favelas, que falam tantos linguajares, que se diferenciam geográfica-social e culturalmente nos seus diversos modos de comer, vestir, cantar, sofrer, contar, festejar, sonhar e querer, que constroem, destroem, e reconstroem processo identitários na sua nordestinidade e brasilidade (Pereira, 2006, p.187).

Considerar essa diversidade de temas dos livros publicados no âmbito da ACLASB, estando esta produção situada no semiárido brasileiro, é perceber um mundo de possibilidades para enriquecer a discussão da ideia de convivência contextualizada e sustentável, fortalecendo essa ideia/prática de uma educação que valorize a produção artística do semiárido, confrontando-a e fazendo o atravessamento com a produção de muitos outros lugares.

Além dos livros literários, os membros da ACLASB produziram e produzem livros com conteúdo técnico-científicos, nas áreas de educação, pesquisa, coaching, história, relações de gênero, semiárido brasileiro, linguagens, cultura, e outros temas. Este fato, pode nos levar a questionar como isso está contribuindo para a formação da população, em geral, e se o(s) governo(s) municipal(is) tem algum programa de aquisição destas obras, para disponibilizar todo esse acervo nas escolas municipais, nas bibliotecas públicas etc. Ou ainda, se a nível estadual, o(s) governo(s) tem o mapeamento dessas produções e algum programa de aquisição dessas obras para disponibilizar para a população?

Não se trata aqui de livros didáticos, este texto fala de produção criativa, produção de conhecimento técnico-científico, produzido por pessoas/autores que conhecem essa realidade na vivência, na convivência experienciada aqui com suas fragilidades, mas, acima de tudo, apostando e acreditando nas potencialidades deste lugar, o qual é registrado nessas obras

literárias, com fatos, acontecimentos, histórias e personagens locais e/ou regionais. Já sobre o livro didático, principalmente os que chegam às escolas do semiárido brasileiro,

Há apenas a constatação de que é aí neste sudeste urbano onde atualmente se concentra a indústria editorial e midiática que produz e distribui esta narrativa hegemônica e seus enunciados. E, evidentemente, a raiz disso nem é o fator regional, porque esta mesma narrativa também não inclui entre o seu “nós” os tantos “Outros” que estão no mesmo recorte regional de onde ela emana, como os índios, populações quilombolas, populações rurais, mulheres, populações periféricas, que também aí são transformados em seus “Outros”: “eles” ou “aqueles” que devem ser integrados à mesma narrativa hegemônica. Supomos que o fato de esta narrativa que fala em nome de um “nós brasileiros” abstrato, nem se limita ao fato de emanar de um núcleo que concentra as maquinarias técnicas editoriais para, por exemplo, fazer proliferar livros didáticos que daí se dirigem aos diversos do Brasil (Martins, 2006, p. 47).

Neste sentido, a contextualização deveria ser entendida de forma ampla, não numa verticalização de conteúdo, neste caso de literatura pautado na narrativa hegemônica que sempre dominou a produção midiática e editorial, advindas do sudeste urbano, mas, deveria ser entendida de forma horizontalizada, onde possa acontecer em todos os âmbitos e aproveitando todo o conteúdo já sistematizado e oferecido para acesso geral pelas obras de produção local.

Na contextualização, é cabível e salutar que aconteça em todos os recantos do nosso imenso território brasileiro, levando em consideração os diversos contextos dos povos com seus elementos culturais, religiosos, sociais, políticos, ambientais, mitológicos e artísticos/literários. Fazer isso é dar voz e vez aos diversos grupos e/ou minorias que formam o Brasil; é oportunizar aos escritores que vivem em cada realidade, de mostrar aquilo que produzem de seu(s) contexto(s) e serem reconhecidos enquanto criadores de conteúdos artístico-literários e técnico-científicos, fora dos eixos urbanos que conhecemos e que reproduzem de certa forma o processo ainda de colonização, agora em outro nível e com outras roupagens.

Para romper com essa narrativa hegemônica, que serviu de base para toda uma produção literária e científica, no passado, com o desespero de se produzir a todo custo uma tal identidade nacional (Albuquerque Júnior, 2011), e que ainda persiste nos dias atuais, faz-se necessário colocar lado a lado aquilo que é produzido a nível nacional e universal todas as obras técnico-científicas e literárias locais, para o conhecimento dos educandos, desde a educação infantil, passando pelo o ensino básico até chegar ao ensino superior, mas também, para o conhecimento dos professores, enquanto processo formativo destes.

Na contextualização, a educação contextualizada requer sempre daqueles que a buscam, como possibilidade de novas experiências, a partir do local para o global, conhecendo,

lendo, trabalhando com o que é produzido por pessoas de carne e osso que vivem as mesmas angústias e delícias, que rompem com o processo de descolonização (Martins, 2006).

A problematização, aqui explícita sobre a literatura dos escritores/artistas locais, é uma questão trazida por essa pesquisa, que fala de um espaço cultural – ACLASB – e de educação não escolar. Esta pesquisa está produzindo excedentes,

Mesmo quando uma pesquisa busca e rebusca conteúdo do passado, em forma de uma memória de um quadro de referências, ou conteúdos guardados (ou apenas silenciados) na memória individual ou coletiva – como é o caso aqui – o faz produzindo um novo lugar para tais conteúdos e, ao mesmo tempo, produzindo novos conteúdos, uma atualização dos saberes e dos sentires que coloca em movimento novos processos subjetivos, novas experiências, novas excedências de si e do mundo: a própria imprevisibilidade dos desdobramentos de uma pesquisa – aquela negatividade inerente, cujos efeitos jamais podem ser previstos, pois apenas colocam-se em curso, precipitam-se – é a principal expressão dessa excedência (Pinzoh, 2012, p. 55).

Quando essa pesquisa “busca e rebusca”, aqui, especificamente, a literatura e outras artes dos membros da ACLASB ou de outros artistas fora desta academia, ela está atualizando conteúdos, trazendo à tona memórias coletivas e individuais, mas a pesquisa está, acima de tudo, provocando o deslocamento de um lugar para outro, de certa forma, o movimento de onde chegamos, ou estamos para um lugar, onde ainda podemos chegar, proporcionando novas experiências objetivas e subjetivas.

Neste sentido, o deslocamento, aqui proposto, faz-se para provocar um olhar para dentro de nós mesmos, enquanto habitantes do semiárido, com o esforço de perceber o que aqui se produz de escrita artística e técnico-científico, no território e, ao mesmo tempo, questionar qual o lugar dessas produções nos espaços públicos como: escolas, bibliotecas etc. Dito isto, dentro deste universo de produção de excedentes obras literárias diversas e técnico-científico, com variados conteúdos, citar-se-á, sucintamente, algumas obras, como exemplo de possibilidade para amparar uma educação contextualizada. Assim sendo, seguem algumas obras com seus autores e uma descrição sucinta de cada uma delas.

O livro *Alvoradas e Crepúsculos* (1982), de Augusto Sena Gomes (1882-1956), patrono da cadeira nº 2, é uma obra constituída de poemas que falam do sertão, da cidade de Senhor do Bonfim, das festas juninas, da fé, da religiosidade do poeta;

O livro *Infância de Retalhos* (2013), de Andreilto Almeida, é uma obra em romance prosaico, conta as peraltices de crianças nas ruas e lugares de Bonfim, bem como suas brincadeiras e brinquedos com seus colegas de infância. Ainda, do mesmo autor, *Tesouros do*

Monte Tabor (2015), ficcionalmente, conta uma aventura sobre tesouros supostamente existentes em Missão do Sahy, comunidade de ancestralidade indígena, origem da cidade. Estes livros citados trazem uma gama de informações da cidade.

O livro *Consonâncias e Discrepâncias (memórias e memoráveis)* (2014), de Ezequiel Candido Santos (1938-2021), é uma obra que é um exemplo do atravessamento do semiárido (local) com o resto do mundo (global) através da vida do autor, em que ele retrata, além de suas viagens pelos cinco continentes e diversos países, não hesita em retornar ao seu lugar de origem e retratar suas belezas que é o sertão, o semiárido de Senhor do Bonfim. Já *Entre dois Mundos - Eu* (2021), de José Clemison Timóteo da Silva, conhecido de Babalorixá Cleiton de Logun Edé (Sacerdote do Candomblé), é uma obra autobiográfica, que fala de sua vida desde o nascimento até a atualidade, permeada pela religiosidade afro e que o cenário dos acontecimentos se dá no interior do município de Bonfim até à sua sede. *Pelas Sendas da Vida* (1993), de Raimundo Isidoro dos Santos (1918- ?), apresenta um aspecto também histórico e autobiográfico, descortinando cenários de muitas cidades da região de Bonfim, Juazeiro Jacobina e outros, todas no semiárido

De cunho histórico, destacam-se a *Cartilha Histórica sobre as origens de Senhor do Bonfim* (1993), de Paulo Batista Machado (1949 – 2016), que fala sobre a origem da cidade; e outros livros interessantes, com outros temas.

Técnico-científico, pode-se citar *Tijuaçu - Uma resistência negra no Semi-Árido Baiano* (2005), de Paulo Batista Machado (org.); José Salgado Santana, Mirosław Kropidłowski e Valmir do Santos. Outro livro interessante é *Dionísio Pelos Trilhos do Trem - Circo e Teatro no Sertão do Brasil* (2018), de Reginaldo Carvalho da Silva, obra que discute “o trânsito da teatralidade circense da França ao interior do Brasil” (trecho do texto de capa). A obra *Da Terra Seca Brota uma Flor - relações de gênero e educação no contexto do semiárido* (2016), de autoria de Pedro Paulo Souza Rios, “é o resultado de uma pesquisa etnográfica numa perspectiva multidisciplinar que aproxima os campos de estudos em gênero, educação contextualizada, semiárido e movimentos sociais” (trecho do texto de orelha).

Já os livros literários para educação infantil, citemos *A Festa dos Nomes* (2023), de Maria Célia Sarmiento Peixe da Silva; a outra obra com uma temática instigante é *Ana Luíza* (2022), de Celso Cardoso, é a história dessa menina negra, numa sociedade alicerçada no racismo estrutural, mas que sua família vê, na educação, as possibilidades para uma relação familiar saudável.

Depois destes exemplos de obras, produzidas por membros da ACLASB, escrita literária e escrita mais acadêmica técnico-científico, em diversas áreas do conhecimento, o texto pede agora que retomemos à questão de pesquisa de como se constitui a dimensão educativa no conjunto das ações culturais da Academia.

Esta questão permeia toda a pesquisa, assim como a sua resposta percorre como um rio fluído, ora timidamente, ora caudaloso e perceptível. Porém, este subcapítulo revela, através da literatura produzida pelos membros da ACLASB, possibilidades para uma educação contextualizada a partir da sua produção literária, o que amplifica sua dimensão educativa. Para além dos elementos educativos elucidados nos eventos, quando a ACLASB ampara e promove o empreendimento literário, está criando uma ecologia de ideias, que é formativa e contextualizada.

Esses processos são as excedências produzidas pela pesquisa, para provocar a disponibilização nas escolas e bibliotecas a literatura, não somente da ACLASB, mas de outros grupos e/ou artistas escritores locais e/ou regionais como potencializadora para uma educação contextualizada, como um excedente necessário. Quando um escritor “local” publica um livro literário, ou técnico-científico, quando um artista expõe sua obra, ele está oferecendo ao seu povo, ao seu lugar um capital cultural, artístico e de conhecimento, contribuindo, assim, com a formação dos seus cidadãos, sendo esta formação com aspectos de educação escolar ou não escolar.

Assim sendo, a educação apresenta diversos conceitos amplos, como o explícito no início deste capítulo: o de educação contextualizada para a convivência com o semiárido, que podem ocorrer nas escolas, mas também, fora dela, a partir da literatura produzida pelos membros da ACLASB; o de educação escolar, nas escolas nos seus diversos níveis, universidades e outros amparadas por leis, resoluções, parâmetros e correntes pedagógicas, mas que também acontece fora do ambiente escolar ou oficial, como, por exemplo, o que denominamos de educação informal e não escolar em diversos outros espaços, sem a burocratização oficial do Estado. Educação escolar, não escolar e informal, é o subcapítulo que segue.

6.2 EDUCAÇÃO ESCOLAR, NÃO ESCOLAR E INFORMAL

Neste subcapítulo, continua a discussão sobre educação, problematizando o conceito de educação escolar, não escolar e informal, como outras formas de experiências educativas, já que como dito, anteriormente, há vários tipos de educação ou educações (Brandão, 2007).

Nesta perspectiva, ressalta-se, pois, que a educação se apresenta de diversas maneiras, em diversos espaços e grupos. Ela está nos grupos sociais, nas associações, nos bares, na roda de conversa, na escola, nas universidades, sindicatos, grupos artísticos, e outros (Brandão, 2007; Libâneo, 2006). A educação é dinâmica e variada, podendo acontecer em diversos contextos e com diversos objetivos, conforme nos afirmam os autores citados acima. A sua prática ocorre para atender a objetivos e estratégias previamente planejados intencionalmente ou de forma não planejada, misturada no cotidiano das pessoas, na sociedade de forma não intencional (Libâneo, 2006).

Com toda essa abrangência dos espaços, os quais podem ocorrer processos educativos, faz-se necessário discorrer sobre os tipos de educação, distingui-las na perspectiva de Gohn, que diz:

Consideramos que é necessário distinguir e demarcar as diferenças entre esses conceitos. Em princípio, é possível demarcar seus campos de desenvolvimento: a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdo previamente demarcados; a informal é aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização – na família, no bairro, no clube, durante o convívio com os amigos etc. –, carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via processos de compartilhamento de experiências, principalmente por intermédio de espaços e ações coletivas cotidianas (Gohn, 2016, p. 60).

Demarcar esses conceitos, faz-se necessário os tipos de educação aqui apresentados, tem seu campo de desenvolvimento. A educação escolar é a mais conhecida, porque ela se liga diretamente com o espaço escolar, universitário; a educação informal é aquela que se dá nas relações familiares, de amigos de rua, bairro, no clube de convivência e traz sentimentos de pertencimento, por exemplo; e a educação não escolar se constitui na vivência em espaços de compartilhamentos de experiências, como exemplo, clubes literários, associações, academias de letras e/ou artes e outros.

A educação escolar apresenta uma documentação que a regulamenta em suas instâncias, desde a escola de educação infantil às universidades (Gohn, 2016). Já a educação não escolar se processa em outros espaços sem as formalidades regimentais e documentais

oficiais, ela vai se dando de acordo com as necessidades do grupo ou das pessoas que o compõem, é uma educação que se sucede fora dos espaços formais (escolares).

As práticas da educação não formal se desenvolvem usualmente extramuros escolares, por meio de organizações sociais, movimentos, programas de formação sobre direitos humanos, cidadania, práticas identitárias, lutas contra desigualdades e exclusões sociais. Elas estão no centro das atividades das Organizações Não governamentais (ONGs), nos programas de inclusão social, especialmente no campo das artes, da educação e da cultura (Gohn, 2016, p. 61).

Neste sentido, os espaços onde a educação não escolar ocorre são espaços com uma lógica organizacional e processual diferente da escola e universidade, que não apresenta um arcabouço documental de legislação oficial, planejamento, horários, divisão dos campos de saberes e etc. A educação não escolar apresenta dimensões diversas, que permeiam a vida do cidadão como uma de suas características.

A educação não-formal designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; [...] (Gohn, 2009, p. 31).

Essas dimensões estão presentes nas diversas áreas da vida. Isso explica, talvez, porque as pessoas, mesmo as que tenham condições suficientes para a produção de sua existência, buscam pertencer a algum grupo, associação, confraria, provavelmente, para aprender aquilo que, talvez, a educação escolar não dê conta, ou, ainda, para ampliar a leitura de mundo, porque Freire (1996, p.81) diz: “tudo isso vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo “leitura do mundo” que precede sempre a “leitura da palavra”.

Nesta perspectiva freiriana, pode-se afirmar que a educação não escolar proporciona esta leitura de mundo muito mais amplamente, pois, ela se dá em meio à sociedade, através de seus diversos espaços e através de compartilhamentos de aprendizagens, de habilidades, conhecimentos diversos, reflexões sobre a vida cotidiana. Sobre a educação não escolar,

[...] engloba os saberes e os aprendizados gerados ao longo da vida, principalmente em experiências envolvendo a participação social, cultural ou política em determinados processos de aprendizagens, tais como projetos sociais, movimentos sociais etc. Há sempre uma intencionalidade nestes processos. Assim, a educação não formal contribui para a produção do saber na medida em que atua no campo no qual

os indivíduos atuam como cidadãos. Ela aglutina ideias e saberes produzidos pelo compartilhamento de experiências, produz conhecimento pela reflexão, faz o cruzamento entre saberes herdados e saberes novos adquiridos (Gohn, 2016, p. 61).

Estes projetos sociais, movimentos sociais, culturais, políticos a que se refere a autora, geram aprendizados que abarcam, sim, diversos saberes compartilhados nos diversos espaços onde ocorre a educação não escolar. Para além dos saberes gerados e compartilhados entre os cidadãos pertencentes a esses movimentos/grupos, essa forma de construção de saberes e conhecimentos podem intervir no mundo, nas pessoas, em seu meio social, cultural, político e econômico. Educação é uma forma de intervir no mundo, Freire (1996) e a educação nos oferece essa possibilidade.

Sobre os aspectos educativos da ACLASB, o entrevistado Acadêmico 2 apresenta uma resposta conceitual sobre a educação escolar, não escolar e informal, dizendo em qual desses conceitos a ACLASB se encaixa. Ele diz o seguinte: *“Nós sabemos que a educação formal é a que é transmitida na escola, a não formal é passada nos órgãos extraescolares como ONGs, associações, teatro, cinema, estádio, qualquer instituição, que não é escola, mas que traz informações, traz cultura, traz conhecimento. Então a ACLASB se enquadra como uma instituição de educação não formal, porque ela é um complemento da escola. E a informal é aquela que a gente vive no dia a dia, [...]. É meu dia a dia com minha família, com meus vizinhos, [...], no trabalho, no lazer, essa é a informal. Então a academia se enquadra na educação não formal, porque a instituição que traz conhecimento educativo, mas que não está diretamente ligada à escola, no sentido de ter notas e ganhar nota para passar de ano, vai ganhar conhecimento, mas não precisa da nota. Uma viagem é informal, um teatro é não formal, o cinema é não formal, a escola é formal”*.

O entrevistado conceitua a educação escolar, que é a escola, tendo como uma das características a atribuição de notas como parte burocrática desta instituição e a educação não escolar, a qual acontecem em diversos espaços, não necessitando atribuir nota para prosseguir no processo de formação. Neste tipo de educação, ele situa a ACLASB, porque ela não é igual a escola, por exemplo, não necessita atribuir nota, mas contribui e oferece conhecimentos, informações e cultura, estando de acordo com Gohn (2016).

Em síntese, a educação escolar não é menos do que a educação não escolar e informal, elas acontecem de maneiras diferentes e contribuem para formação das pessoas. Mas, a educação não escolar, por suceder com outra lógica de construção de saberes, compartilhamentos de conhecimentos, habilidades, também acaba por contribuir com a

educação escolar, através das trocas de conhecimentos, quando ambas se encontram ou quando as três – educação escolar, não escolar e informal – se entrelaçam, porque, em termos conceituais, elas se distinguem em característica, porém, na prática, as linhas que as limitam são tênues.

7. ACLASB: “VISÃO DE TRÊS GLÓRIAS” - DOCUMENTOS, ENTREVISTAS NARRATIVAS E TEORIA

Este capítulo constitui-se pelo título, ACLASB “Visão de três Glórias”, título este que nomeia um poema de Matos da Silva, homenageia três vultos da história universal antiga: Alexandre, O Macedônio; Aníbal, O Cartaginês e César, O Romano. O título deste capítulo não tem a intenção pretensiosa de ostentação de glórias, como sugere o título do poema, mas, aqui neste trabalho, ele traz um tom metafórico, pois as “três glórias”, referem-se aos três elementos que compõem o tratamento dos dados coletados, documentos, entrevistas narrativas interpretadas à luz dos teóricos pertinentes.

Buscou-se uma abordagem fenomenologia para elucidar as possibilidades de interpretação, através das experiências vivenciadas pelos colaboradores e os elementos encontrados nos documentos, evidenciando os aspectos educativos numa perspectiva de educação não escolar e a fenomenologia que nos fornece a base necessária para uma interpretação mais cuidadosa e profunda, sobre a fenomenologia:

É este seu caráter; a fenomenologia quer ser ciência e método, afim de elucidar possibilidades do conhecimento, possibilidades da valoração, e as elucidar a partir do seu fundamento essencial; são possibilidades universalmente em questão e, portanto, as investigações fenomenológicas são investigações universais de essências (Husserl, 1989, p. 79).

Buscou-se essa estratégia para interpretar melhor os dados coletados, visto que o tratamento desses dados, em uma perspectiva fenomenológica, envolve uma imersão profunda nas narrativas e nos documentos para compreender as essências das experiências vividas e compartilhadas pelos participantes, buscando capturar o significado fundamental dessas vivências. Configura-se o tratamento dos dados, ou seja, a interpretação dos dados, numa perspectiva de pesquisa de abordagem fenomenológica, é analisar os elementos revelados nos documentos, entrevistas narrativas e interpretá-los à luz dos teóricos pertinentes, para responder aos objetivos propostos.

Nesta perspectiva, foram entrevistadas oito pessoas, com variações de idades, níveis de escolaridade, profissões e relação com a arte em geral. Segue a forma como eles (as) são

referidos e uma breve descrição dos (as) mesmos (as), aqui na análise de dados. Serão referidos da seguinte maneira:

Acadêmico 1: tem 63 anos; formação em pedagogia e pós-graduado em meio ambiente; profissão de assessor de crédito pelo Instituto Nordeste da Cidadania, o INEC, de Fortaleza [...]; músico; compositor; escritor; poeta e instrumentista; membro da ACLASB; desde 1993.

Acadêmico 2: tem 69 anos; professor; licenciado em Educação Física e pós-graduado em Metodologia do Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação; poeta; colunista esportivo; “aventura-se” na música, no teatro e cinema; membro da ACLASB, desde 2010.

Artista Externo 1: tem 27 anos, ensino médio completo; produtor musical; professor de artes marciais; cantor e compositor.

Artista Externo 2: tem 31 anos; professor; mestre em Artes Cênicas; especialista em Metodologia do Ensino de Música; licenciado em Música; membro do Grupo de Pesquisa e Extensão em Artes Cênicas do Semiárido Brasileiro – GRUPANO, da UNEB; membro da Comissão Científica da Jornada de Pesquisa em Circo Negro do Brasil; ator; músico; instrumentista; cordelista e palhaço.

Professora 1: tem 50 anos; professora do município, com formação em pedagogia; licenciatura em Letras, com especializações e mestranda. Apreciadora da música, da literatura e gosta de dançar.

Professora 2: tem 55 anos; professora da rede municipal e da rede estadual, esta última já apresentada; pedagoga e licenciada em Letras, com inglês. Gosta de fazer crochê.

Público Geral 1: tem 38 anos; ensino médio completo; empresário da área de produção de audiovisual. É editor de vídeo; apresentador de programa; percusionista e baterista.

Público Geral 2: tem 36 anos de idade; formado em Administração; pós-graduando em Gestão Pública; trabalha no Cred Amigo, pertencente ao Banco do Nordeste. É Ogan (cargo de percusionista) no Candomblé.

Assim sendo, depois destas palavras introdutórias do capítulo, segue-se o quadro de atividades/eventos da ACLASB, para melhor ser visualizado e consultado. Esta localização, aqui, faz-se necessária por estar entre o capítulo que conceitua a educação amplamente, afunilando a discussão para os conceitos de educação contextualizada para a convivência com semiárido brasileiro, educação escolar, educação não escolar e educação informal.

Quadro 3. Atividades/eventos da ACLASB relacionados com educação: 1991-2023.

Data do evento	Nome do evento	Características	Público
----------------	----------------	-----------------	---------

1994	Confraternização do Dia da Poesia, houve uma maratona poética, com poemas e cânticos (Ata nº 13 de 14/03/1994).	Recitação de poesias e músicas.	Participação dos membros acadêmicos e outros autores.
04/12/1995	Solenidade de Aniversário pela passagem dos quatro anos da ACLASB, com a premiação do I Concurso de Poesia Estudantil Augusto Sena Gomes.	Ocorreu na Sociedade União e Recreio, com discursos, recitação, músicas e premiação dos ganhadores do Concurso de Poesia.	Membros da ACLASB; estudantes e interessados.
Set./1997	Promovido pela ACLASB, o plantio de árvores na Praça Nova do Congresso, Dia do Idoso, na Secretaria de Ação Social e programa na Rádio, pelo dia 07 de setembro (livro 1, Ata nº 72 de 29/09/1997).	Representação da ACLASB na Ação Social e na rádio, através do acadêmico-presidente, o Sr. Ademir Pires	Sem informações.
30/05/2009	Sessão solene em comemoração aos 124 anos da cidade de Senhor do Bonfim e lançamento do livro: Dificuldades de Aprendizagem, de autoria de Simaia Sampaio Maia.	Entoação do Hino Nacional, discursos, recitação de poesias, apresentações musicais	Membros da ACLASB; autoridades; artistas e público, em geral.
28/05/2014	Ação Cidadania - parceria ACLASB e SEMED	<i>Stand</i> , com exposição das obras dos patronos e acadêmicos.	Público, em geral; alunos; professores; artistas.
05/12/2014	Promovido pela ACLASB: Dia da Cultura Bonfinense e Aniversário da ACLASB, com o Projeto Poesia no Beco - I Edição, das 16 às 22 horas, no Calçadão da Juviano Duarte. Neste evento, há a participação de escolas e estudantes.	ACLASB e diversos artistas, no Calçadão, com diversas apresentações, comemorando, juntos, artistas, ACLASB e o público, em geral.	Participação de escolas públicas e particulares; estudantes e público, em geral. Foram mais de 2000 pessoas (público flutuante).
2014 a maio de 2015	Com o apoio da ACLASB, Projeto Mostra Bonfim em Cena	Revitalização do Centro Cultural Ceciliano de Carvalho, com apresentações cênicas, nos finais de semana.	Público, em geral: (estudantes, professores, artistas, crianças).
10/04/2015	II Colóquio Sobre a História das Artes Cênicas no Piemonte Norte do Itapicuru, ACLASB, em parceria com a UNEB - Campus VII. Evento realizado no Centro Cultural Ceciliano de Carvalho.	1º dia: ACLASB com Sessão solene, com posse de Adriana Santana; do escritor e poeta o Sr. Dourival Ferreira, filho de Edeltrudes Ferreira; lançamento dos livros: Amor Fraternal, de Edeltrudes Ferreira; e Rede	O público, em geral; professores; artistas; estudantes universitários e fazedores de cultura.

		de Grupos de Teatro Amador na Bahia Contemporânea, da Sr ^a . Kátia Garcez; e, depois, coquetel.	
11 e 12/04/2015	Continuidade do II Colóquio Sobre a História das Artes Cênicas no Piemonte Norte do Itapicuru, ACLASB, em parceria.	Debates; rodas de conversas; palestras e apresentações de performance poéticas.	Professores; estudantes; artistas; fazedores de cultura e público, em geral.
23/05/2015	Chá Poético Missão das Artes – realização da ACLASB, com apoio da Secretaria Municipal de Educação e parceria das escolas locais.	Realizado no Colégio Estadual do distrito de Missão do Sahy, à noite, em homenagem aos 130 anos de Bonfim.	Público, geral da comunidade; professores; estudantes; artistas locais e convidados.
11/09/ 2015	ACLASB, como parceira e emissora de certificado no I Encontro de Grupos Afros, Escolas e Comunidades Quilombolas, com o Tema: Heranças Culturais e Religiosas do Afro-descendente em Nossa Região.	Projeto idealizado pela TUPOIAO, com o Afoxé Expressão Ogundelê, dentro do Programa Mais Cultura, do Governo Federal, na Escola Municipal de Umburana, em parceria com a ACLASB.	Estudantes; professores; coordenadores; oficinairos; escolas quilombolas convidadas e outros.
19 e 20/11/2015	ACLASB entrou como parceira junto ao Centro Juvenil de Cultura. Peça teatral, com tema direcionado para o Tráfico Humano.	ACLASB entra como parceira com Centro Juvenil de Cultura de Senhor do Bonfim, UNEB e Univasf (ambas campus de Bonfim), em apoio ao Grupo Cria.	Juventude; estudantes; professores e interessados.
02 a 05/12/2015	Promovido pela ACLASB: Semana da Cultura Bonfinense, que abarcou, na sua programação, vários eventos, durante uma semana, inclusive, o Projeto Poesia no Beco - II Edição.	Lançamento de livro; exibição de peça teatral; realização do Projeto Poesias no Beco; Chá Poético.	Público, em geral (escolas com professores, estudantes, crianças, artistas).
02/12/2015	Semana da Cultura Bonfinense e Aniversário da ACLASB - 1 ^a ação.	Lançamento do livro: Balaio de Gato – Coisas de Nossa Terra, no Bar e Restaurantes Moenda, de Edvan Cajuhy.	Professores; estudantes; artistas; autoridades; amigos e familiares.
04/12/2015	Semana da Cultura Bonfinense e Aniversário da ACLASB – 2 ^a ação.	Projeto: Poesia no Beco no Calçadão, com a participação de vários artistas e apresentações de escolas e instituições.	Público, em geral: (escolas públicas e particulares; estudantes; professores e transeuntes).

05/12/2015	Semana da Cultura Bonfinense e Aniversário da ACLASB – 3ª ação.	Exibição da peça teatral: Biro Lírico – Pequeno Delírio Dramático: Para Concerto Café e Chá Poético da ACLASB, participação do Grupo OPA, de jovens e estudantes da Igara e da FUNCEB (Fundação Cultural da Bahia).	Local do chá Poético: Parque Ostivaldo Fernandes / Lagoa do Peixe, com Adultos; jovens; estudantes; professores; artistas; membros da ACLASB e convidados.
05 e 06/12/2015	Semana da Cultura Bonfinense e Aniversário da ACLASB – 4ª ação.	I Seminário de Criação em Circo e Teatro da Fundação Cultural do Estado da Bahia – FUNCEB (mesa de debate e oficinas de circo e teatro). Local: Centro Juvenil de Ciência e Cultura.	Artistas; professores; fazedores de cultura; amigos; membros da ACLASB e convidados.
21/05/2016	Chá Poético: Quilomb'Arte de Tijuacu, com apoio das Escolas Municipais de Tijuacu, SEMEC, Quilombonito (Associação dos Pequenos Produtores Rurais e Artesãs Quilombolas da Fazenda Alto Bonito – Tijuacu), Associação Agropastoril Quilombola de Tijuacu e Adjacências. Associação Quilomboforte dos Trabalhadores de Tijuacu e Região.	Música; teatro; dança; poesia; circo; literatura; artes plásticas afro-bonfinense; apresentações feitas por alunos das escolas da comunidade.	Comunidade em geral; membros da ACLASB; professores; estudantes; artistas locais e convidados.
10/06/2016	II Sarau Culturex, realizado no marco do projeto: Cultura e Extensão, sob a coordenação do Prof. Dr. Marcos Antônio da Silva. O tema foi "Mulher: segredos e encantos".	Na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), campus de Senhor do Bonfim. A programação contou com a participação do Coral da UNIVASF; do Grupo Cultural de Teatro de Caldeirão do Mulato; do Grupo Cultural do Centro Juvenil de Senhor do Bonfim e de diversos artistas da região.	Prestigiaram: a Pró-Reitora de Extensão da UNIVASF, a Prof.ª Dr.ª Lúcia Marisy S. Ribeiro de Oliveira; autoridades e representantes das instituições de apoio institucional: UNEB; IF Baiano e ACLASB; bem como, estudantes universitários e de outras instituições educacionais.
22/11/2016	ACLASB promove e organiza o lançamento das obras literárias "Fur Elise", de Tiago dos Santos e o Cordel "Zê Fura Mundo e a Gruta Encantada", de Eli de Castro.	ACLASB, em parceria com Moenda, música; poesias e bate-papo; momento de autógrafo.	Participação com mais de 100 pessoas (estudantes, professores, artistas, amigos, familiares e interessados).
dez. 2016	Projeto Poesia no Beco III Edição.	Aconteceu no Calçadão da Joviniano Duarte, com música; dança; teatro;	Público, em geral. Público flutuante: (professores, artistas, estudantes,

		capoeira; exposição de obras, com apresentações de estudantes de diversas escolas da cidade.	comerciantes).
24/05/2017	Dia do Patrimônio Municipal. Projeto: Um Museu a Céu Aberto, com idealização do confrade, dramaturgo Prof. Dr. Reginaldo Carvalho (membro da ACLASB). O acervo da Academia ficou à disposição dos estudantes e seus membros colaboraram com as pesquisas dos estudantes e professores.	Consistia em abertura de casarões; escolas antigas; cemitérios, para estudos por parte dos estudantes das escolas públicas e universidades e exposição para toda a população, com o apoio e participação da ACLASB.	Público, em geral: estudantes, professores, adultos, crianças, idosos, artistas. A Secretaria Municipal de Educação disponibilizou ônibus para todos.
2017	Com o apoio da ACLASB, aconteceu o 6º Encontro Estudantil de Arte e Cultura – 1ª Etapa, 2017.	Dança; teatro; música; literatura; artes plásticas.	ACLASB, apoiadora cultural, com a presença de estudantes; professores e jovens.
05/12/2017 07,08,09/12/2017	Dia da Cultura Bonfinense e Aniversário da ACLASB. Realização do Projeto “Poesia no Beco - IV” no Calçadão, de Juviniانو Duarte. III Colóquio de Artes Cênicas do Piemonte Norte do Itapicuru - Tema: “O Circo, o teatro, a dança e suas pedagogias”.	Apresentações musicais; recitação; dança; cordel; capoeira; circo e teatro. Apoio da ACLASB, realização Grupano / UNEB, Secult.	O público, em geral; estudantes da Escola Municipal Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, com a dança do maculelê; jovens do grupo OPA; estudantes universitários; artistas e membros da ACLASB.
22/09/2018	Lançamento do livro “O Tema Transversal Ética no Contexto Escolar – Uma análise da prática educativa”, da professora, escritora Normilza C. Moura da Silva.	Bar e Restaurante Moenda, com discursos, fala sobre a ética no contexto escolar, poesias e música. Apoio ACLASB.	Público, em geral; professores; familiares; amigos e estudantes membros da ACLASB.
27/09/2018	ACLASB, enquanto parceira; lançamento do livro “Dionísio nos Trilhos do Trem – Circo e Teatro no Sertão do Brasil”, do Prof. Dr. Reginaldo Carvalho (membro da ACLASB).	No Bar e Restaurante Bistrô, com performances poético-musical; coquetel; bate-papo; autógrafo e caruru, com o apoio da ACLASB.	Artistas; professores; estudantes, principalmente, universitários e interessados.
05/12/2018	Projeto Poesia no Beco – V Edição.	Música; poesia; teatro; exposição de obras; capoeira; ballet; Rapp e outros, com participação de estudantes.	Público, em geral; participação de estudantes; artistas e professores.
07/12/2019	Projeto Poesia no Beco (do Chafariz) – VI Edição.	Música; poesia; teatro; exposição e vendas de livros; artes variadas; artesanato e lançamento do livro “Tempo - Crônicas e	Público, em geral; participação de estudantes; artistas; professores.

		Contos”, de Edvan Cajuhý.	
Dez./2019	ACLASB entrou como parceira na organização da I Festa Literária de Senhor do Bonfim – FLISBOM.	Participação e apoio da ACLASB, através da Casa do Escritor, com exposição e vendas de livros; recepção de escritores; convidados e bate-papo com o público.	Professores; estudantes; crianças; artistas; escolas e o público, em geral.
10 e 11/12/2021	Participação da ACLASB, na Praça Nova do Congresso, em parceria com a SECULT – Bonfim, em evento comemorativo à Semana da Cultura Bonfinense.	Apresentações artístico-culturais; exposição e venda de livros; artes visuais e artesanatos.	Público, em geral: jovens, idosos, crianças, adultos, estudantes, membros da ACLASB e transeuntes.
19/04/2022	Intervenção Poética Nacional, promovido pela Transvê Poesia, em uma parceria da ACLASB, com Bardos Baianos, na praça Luiz Viana, no Campo do Gado.	Show musical; recitação poética; apresentação de dança e bate-papo.	Estudantes do colégio Casinha Feliz; estudantes; artistas e transeuntes.
27/05/2022	Sarau de Aniversário da cidade de Senhor do Bonfim, no palanque principal da Praça Nova do Congresso.	Com apresentações artísticas e culturais, pelos membros da ACLASB e convidados.	Público, em geral: membros da ACLASB, adultos, jovens, crianças, idosos e transeuntes.
04/12/2022	O Dia da Cultura Bonfinense e 31º Aniversário da ACLASB, na Praça Nova do Congresso.	ACLASB, com <i>stand</i> para exposição artística; palco com recitação; músicas; lançamento do livro “A Saga de Celina”, da escritora Karina Farias e o destaque da dança das italianas convidadas, pelo confrade Edvan Cajuhý.	Povo em geral: membros da ACLASB, professores, estudantes, jovens, crianças, idosos, as italianas do Intercâmbio <i>del progetto INTEREURISLAND</i> – (Universidade de Pádua / UNEB - Juazeiro - BA).
05/12/2022	O Dia da Cultura Bonfinense e o 31º Aniversário da ACLASB. Lançamento de dois filmes: um curta-metragem, do confrade Nivaldo Oliveira; e um longa, do confrade Reginaldo de Carvalho.	Auditório do Colégio Sacramentinas.	Professores; artistas; estudantes; membros da ACLASB e público, em geral.

24/03/2023	Realização do Sarau Deleite Poético, em homenagem ao Dia Internacional da Poesia, na sede da ACLASB.	Show musical; recitação de poesias; contos de histórias populares.	Professores e estudantes da EPJAI; Escolas Municipais Altamira Teixeira; Níveas Seixas; Rui Barbosa, do povoado de Itapicuru; todas lideradas pelo prof ^o , coordenador das citadas escolas e acadêmico José Carlos Reis Feitosa.
12/04/2023	Realização do Projeto Academia Vai à Escola, por ocasião do lançamento do Projeto Pedagógico de Leitura, Escrita e Interpretação, do Colégio Estadual Paulo Batista Machado.	Falar sobre a importância da leitura, da escrita e do conhecimento; apresentação musical; recitação de poesias e dança.	Professores; estudantes; funcionários e membros da ACLASB.
14/04/2023	3ª Intervenção Poética Nacional, promovido pela Transvê Poesia, promovido pela ACLASB, com a parceria dos Bardos Baianos e SECULT, na praça Alexandre Goes, na sede da ACLASB.	Tema “A Esperança nos Versos de um Brasil Amador”, com sarau poético; show musical; recitação e bate-papo.	Professores; estudantes do Colégio Estadual Paulo Batista Machado; artistas e transeuntes.
20/07/2023	Realização do Projeto Academia Vai à Escola, por ocasião do encerramento do Projeto Pedagógico de Leitura, Escrita e Interpretação de Texto denominado “Ao pé da fogueira”, da Escola Austrícliano de Carvalho.	Consistiu em todos os alunos da escola citada e convidados, ao redor da fogueira, participar de sarau artístico-poético, com os membros da ACLASB, alunos e professores.	Professores; estudantes do EPJAI e membros da ACLASB.
23/07/2023	Lançamento do livro infantil “Festa dos Nomes”, da autora Maria Célia Sarmento Peixe da Silva.	Discursos; contação da história do livro e da autora e bate-papo.	Professores; estudantes; pais de alunos e membros da ACLASB.
16/08/2023	Realização do Projeto Academia Vai à Escola, de forma invertida, pois, recebemos os alunos e professores do EJA, do projeto Alfabetiza Bonfim, da Escola Municipal de Canavieiras, na sede da ACLASB.	Bate-papo com educandos; professores e coordenadores. Recitação de poesias; explicação sobre a ACLASB, seu acervo e a importância da leitura e escrita.	Educandos; professores e coordenadores.

30/09/2023	Lançamento do livro “Mundo Infantil”, pelas escritoras Cláudia Soares, Normilza Moura e Betânia Moura, na sede da ACLASB.	Discursos; coquetel e fala sobre a importância da literatura infantil.	Professores; educandos; convidados e membros da ACLASB.
13/12/2023	Realização do Projeto Academia Vai à Escola, por ocasião do lançamento da coletânea de poemas de autoria dos alunos da Escola Municipal de Passagem Velha.	Conversa sobre a importância da leitura e da escrita, bem como, da arte na vida das pessoas; recitação e lançamento da coletânea dos educandos.	Educandos da escola; diretores; coordenadores; professores; comunidade e membros da ACLASB.
15/12/2023	A ACLASB, em parceria com a SECULT, realizou evento cultural, na Praça Nova do Congresso, como parte da programação das comemorações da Semana da Cultura e o 32º aniversário da ACLASB.	Shows musicais; recitação de poesias; exposição e venda de artes visuais; e obras literárias, conversa com o povo.	Educandos; jovens; adultos; artistas e membros da ACLASB.
16/12/2023	Solenidade de admissão de 14 novos membros da ACLASB; lançamento da 1ª edição da Medalha Paulo Batista Machado; lançamento do livro “Dea e Chico”, da escritora Marcia Andrea, na Câmara de Vereadores de Senhor do Bonfim.	Discursos sobre a história da cidade; a importância da cultura e da educação na vida do povo, bem como, a autora fala do seu livro e a questão negra na região posse com shows artísticos.	Professores; artistas; estudantes, jovens; acadêmicos; professores; público, em geral.

Fonte: ACLASB - Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim. Livro de ata nº I; 1991-1998.

ACLASB - Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim. Livro de ata nº II; 2009-2014

ACLASB - Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim. Relatório da gestão biênio: 2014/2015,2016/2017, 2018/2019;

ACLASB - Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim. Relatório da gestão biênio: 2020/2021, 2022/2023.

ACLASB - Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim. Pasta dos membros (Arquivo)

Neste quadro de eventos da ACLASB, destaca-se o “Projeto Poesia no Beco”, nas suas edições (2014, 2015, 2016, 2017, 2018 e 2019), idealizado pelo confrade Benedito Oliveira e acolhido pelos demais, em comemoração ao Dia da Cultura Bonfinense e aniversário da ACLASB. Uma comemoração no Calçadão do centro da Cidade (Rua Joviniano Duarte), com a participação de diversos artistas, grupos culturais, estudantes e escolas.

Sobre o “Poesia no Beco”, retratado na figura 1, a Professora 2 descreve sua participação assim: *“Poesia no Beco, lá no calçadão, já, já, já. E era muito bom que a gente levava os*

alunos, não era a noite que isso funcionava? A gente ia. Nossa! [...]. Era muito legal aquilo! Assim, que movimentava a cidade, e os meninos gostavam de participar e nós também. Poesia no Beco, [...]”. Então, ela fala da presença de estudantes, de professores, expressando uma admiração e implicitamente revelando a importância do evento citando a alegria de participar, juntamente com os alunos, e evidenciando possibilidades de experiência vivenciada e possibilidades de aprendizagens.

Figura 1. Apresentação teatral com jovens no “Poesia no Beco 2018”.



Fonte: Arquivo pessoal.

Apresentação teatral, de dança, capoeira, karatê, palhaçada, bate-papo, contação de histórias, recitação, exposição e vendas de obras das diversas artes, inclusive literatura. Sendo visitado, prestigiado por um público fixo e um público não fixo, que era formado pelos transeuntes que por ali passavam.

Este evento agregou outros eventos, em alguns momentos, que contribuiu para a formação do povo, dos jovens, das crianças e a formação dos próprios acadêmicos, tornando-se maior a “Semana da Cultura Bonfinense”. Era uma programação grande, para comemorar o Dia da Cultura Bonfinense, agregando outras iniciativas na sua programação, como, por exemplo, o Colóquios de Artes Cênicas; exibição de peças teatrais; lançamentos de livros; oficinas, contribuindo, assim, com a formação das pessoas.

Ainda destaca-se a realização dos chás poéticos; Missão das Artes no Distrito de Missão do Sahy (comunidade de origem indígena) e Quilomb’Arte, na comunidade quilombola

de Tijuáçu, ambos com o apoio e participação das escolas municipais e estaduais, com os estudantes e artistas locais, interiorizando as ações desta Academia; os lançamentos de livros de diversos estilos e conteúdos, em parceria com outras instituições como: as universidades públicas e privadas, Secretaria Municipal de Cultura, restaurantes, grupos culturais e artísticos.

Figura 2. Apresentação do Samba de Lata no Chá Poético Quilomb'Arte em Tijuáçu 21/05/2016 – Apresentação do Samba de Lata.



Fonte: Arquivo pessoal.

Os lançamentos de livros de professores, de membros da Academia e outras pessoas da cidade, como, por exemplo, o livro “Entre Dois Mundos, Eu”, do Sacerdote do Candomblé, Babá Cleiton de Logun Edé, e, atualmente, com outra configuração; as comemorações do Dia da Cultura Bonfinense, que estão acontecendo na Praça Nova do Congresso, juntamente com os festejos natalinos, em parceria com a Prefeitura Municipal, através da Secretaria de Cultura, com um público diverso e numeroso. É por esses processos que se dá a educação não escolar. Gohn (2016; p. 60) diz que: “A educação não formal lida com outra lógica nas categorias espaço e tempo, pelo fato de não ter um currículo definido a priori, quanto a conteúdos, temas ou habilidades a serem trabalhadas”.

Prosseguindo, de agora em diante, a análise dos dados com quatro subcapítulos com títulos que remetem o que se foi revelado nas entrevistas-narrativas.

7.1 ACLASB E A FORMAÇÃO: ESPAÇO CULTURAL E DE EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR

Os processos educativos acontecem em diversas sociedades, em todos os tempos e de diversas formas. No interior das sociedades, em seus diversos grupos humanos, estes processos acontecem na família; nos sindicatos; no teatro; nas bibliotecas; nas academias, sejam elas, de arte, de letras, de cultura; mas também, nos processos educativos, que estão nas escolas e universidades. Em todos esses espaços, acontecem processos educativos e isso é educação, porque ela envolve a todos e durante a vida toda (Brandão, 2007, Libâneo, 2006) e configuram-se como educação não escolar, educação informal e educação escolar. Na apresentação do livro *Educação não formal no campo das artes*, a autora fala que

O universo das artes é um dos grandes campos de desenvolvimento da educação não formal [...]. Isso ocorre pelas características da própria arte, que possui estreita relação entre a experiência prática e a concepção final de uma obra, relação que ultrapassa aspectos formais de ensino aprendizagem, adentrando no campo das habilidades, subjetividade, identidade, memória e etc. Por isso os processos de aprendizagem em qualquer das formas de expressão ou linguagens das artes perpassam a educação não formal (Gohn, 2015, p. 7).

Então, a Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim – ACLASB é um desses espaços em que processos educativos acontecem, por ser um lugar de fomento da cultura, da arte e da literatura, onde as pessoas se reúnem para discutir, debater, organizar ações, compartilhar produções e conhecimentos teórico/práticos.

Corroborando com Gohn, no sentido de que no campo das artes as atividades são criativas e exige pesquisa e criação, estudo e prática como esforço pessoal, mas também, que acontecem através das trocas entre artistas.

De um modo geral as referências encontradas nos levam a crer que a atividade artística em si, cujo esforço é essencialmente criativo, inclui inevitavelmente a pesquisa e a criação como coisas inexoráveis. Toda a evolução do traço de um pintor, por exemplo, é fruto de um esforço pessoal de pesquisa, de estudo: não é apenas um refinamento do traço que se dá em deriva absoluta, sem esforço pessoal de aprimoramento, mas, ao contrário, decorre dos experimentos que o autor empreende, decorre das trocas com outros artistas e obras, dos testes com técnicas novas, havendo sempre o esforço de pesquisa, que pode ser objeto de observação, mesmo que tais estratégias não constituam um método de pesquisa, nos modos como estamos acostumados a lidar com isso no campo da Ciência, mas sendo um esforço de pesquisa singular de cada artista ou criador. Disso resulta a criação de novas técnicas e estratégias de criação que, com o tempo, vão se tornando parte da obra – ou pelo menos são inerentes a ela – e parte de um traço particular, de uma singularidade do artista (Pinzoh, 2012, p. 57).

Nesta perspectiva, para além dos eventos proporcionados pela ACLASB para/com o povo, mas, internamente, o esforço dos seus artistas nas suas produções, as trocas de

experiências, de técnicas e experimentos, sejam elas na pintura; na literatura; na arte em porcelana, envolvem pesquisa, criação, observação. Esse processo de criação transborda para as pessoas que frequentam os seus eventos ou adquirem suas obras. O diálogo com as pessoas é um processo de trocas, isso é aprendizagem, então, é um espaço também de educação não escolar, Gohn (2016).

A ACLASB é um espaço cultural, suas ações acontecem na sua sede entre seus membros, mas também, extrapola este espaço, sugerindo ao poder público; contribuindo no Conselho Municipal de Cultura; invadindo as ruas, praças e outros ambientes públicos; fazendo desses espaços o palco de suas ações, levando a esses espaços produções artísticas (literatura, artes visuais, teatro, circo e outros); proporcionando à população momentos de apreciação dessas artes. A apreciação pode contribuir com a formação do ser humano, levando-o a novas vivências, tornando-o indivíduo crítico. “As obras de arte não são feitas para serem lidas somente, elas precisam ser vistas, contempladas, vivenciadas”, Gohn (2015, p. 22).

O processo que a ACLASB fez e ainda faz de levar arte e cultura para o espaço público, transformando esses espaços em espaços de relações entre as pessoas e fazendo desse momento um momento de aprendizagem, propõe experiências de vivências educativas, porque as experiências nesses espaços orientam, contribui também com o processo educativo (Carrano, 2001).

Dia da Cultura Bonfinense – 05 de dezembro. A Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim – ACLASB muda a forma de comemoração desta data, não realizando uma sessão solene dentro de um ambiente restrito, talvez pela formalidade, e resolveu elaborar e executar o Projeto Poesia no Beco, para reunir o maior número possível de artistas e suas respectivas produções e juntamente com a população no calçadão mais movimentado da cidade, o antigo Beco do Bazar, Calçadão da Joviniano Duarte, comemorar o Dia da Cultura Bonfinense, bem como a fundação da ACLASB, nesta data que historicamente, foi escolhida em alusão a passagem de Rui Barbosa, em 1919 (Relatório da ACLASB, 2014, p. 15).

Sobre a comemoração explícita na citação acima, “Dia da Cultura Bonfinense”, através do “Projeto Poesia no Beco”, esta data ou comemoração tem uma grande importância, citada várias vezes pelos entrevistados, presente no quadro 3 de atividades educativas, e, nesta Semana da Cultura Bonfinense, a execução do Projeto Poesia no Beco. Sobre esta comemoração, o Artista Externo 2, descreve assim: “*Como é que eu vou falar de arte, se eu não tenho arte no meu dia a dia? Como é que eu vou falar de cultura se eu não tenho cultura no meu dia a dia? E a gente consegue notar isso na escola que pergunta para um aluno o que é arte, o que é*

cultura, ele sempre tem dificuldade por vezes porque não tem o acesso a isso. E a ACLASB, ela faz esse papel fundamental, principalmente na Semana de Cultura Bonfinense, que é reunir todos esses artistas, ou no mínimo o máximo de artistas, para poder mostrar para comunidade bonfinense, essa arte e essa cultura que está aí. Então é assim que eu vejo esse processo da ACLASB”.

O entrevistado faz, de certa forma, uma denúncia da falta de acesso aos bens culturais, partindo do seu eu como fonte indagadora, trazendo para reflexão o caso notadamente da escola, quando se é perguntado aos educandos sobre os temas, não saberem responder. E termina sua reflexão-resposta, apontando a ACLASB como essa que sabe fazer bem, que é acessibilizar o povo à cultura e às artes, na “Semana da Cultura Bonfinense”, através do maior número de artistas possíveis. Sobre esse mesmo evento, o Acadêmico 1, diz: *“A ACLASB também participa do Dia da Cultura de Senhor do Bonfim, que é 5 de dezembro, onde traz todos os acadêmicos, é o dia todo de arte, então é um dia muito feliz para nós, artistas, envolvidos pela academia e mostrando ali para a sociedade o que a academia tem de arte, trazendo a sua contribuição para o dia tão importante que a gente comemora aqui o Dia da Cultura de Senhor do Bonfim, [...]”.*

Já o Artista Externo 1 descreve o mesmo evento da seguinte forma: *“Eu acho que foram uns três eventos por aí, se eu não me engano eu acho que foram três. Teve o primeiro evento lá no calçadão, teve o segundo lá no calçadão também e o terceiro foi na biblioteca. Gostei bastante da interação, gostei do público porque a galera, [...]. Então a galera interagiu bastante com que a gente canta. Gostei muito disso. E do evento em si, por ser rico em cultura e literatura, isso é importante para todo mundo”.*

Os entrevistados citam essa comemoração, do dia 05 de dezembro, da seguinte forma: um fala do “Dia da Cultura”, o outro fala da “Semana da Cultura Bonfinense”; um destaca as comemorações através do projeto “Poesia no Beco”, o outro somente da comemoração dessa data, e o terceiro elenca os números de eventos e os locais de realização que, segundo o quadro 2 das atividades, refere-se ao “Poesia no Beco”, que alguns anos ficou com uma programação mais ampla, Semana da Cultura Bonfinense, mas todos eles descrevem o mesmo evento com configurações diferentes, devido às experiências vivenciadas por cada um.

Pelo contexto dos conteúdos revelados nas três entrevistas, a comemoração com esse evento era de um dia, sendo ampliado para uma semana, como consta também no quadro 3, de atividades educativas. Neste evento, como dito anteriormente pelo Artista Externo 2, a

ACLASB consegue reunir o maior número de artistas da cidade para se apresentar para o povo. São apresentados números circenses; músicas; recitação de poesias; peça teatral; dança; exposição de artes visuais. Perguntado ao Artista Externo 2, sobre os aspectos educativos nesses eventos e ele diz: *“Sim, obviamente, [...], falando da formação da comunidade bonfinense, e essa formação, ela se dá realmente, [...], de modo informal. Porque ela não vai emitir um certificado para cada pessoa que passou ali para assistir uma apresentação, e isso é formativo. Uma apresentação circense, uma apresentação teatral, uma apresentação musical, isso é formativo para o indivíduo, então ela apresenta sim esse aspecto educativo de modo informal, então eu vejo muito dessa forma”*.

O entrevistado afirma que, nestes eventos, há aspectos educativos (formativos), porém, de modo informal, e isso ele se apegua ao fato de ACLASB não emitir certificado para todas as pessoas que irão lá prestigiar. Depois, ele elenca as apresentações e reafirma que o fato de as pessoas prestigiarem e apreciarem a música, a poesia, apresentação circense é formativo. Santiago, falando da educação não escolar e das artes,

[...], a arte se mostra em um processo dialético com a realidade, no momento em que alguém seleciona, compara e interpreta as imagens registradas sobre qualquer suporte, seja o som, a dança, o teatro, a cor, a forma de uma escultura e de tudo o que faz parte da vida. ela transforma o olhar, que deixa de ser passivo e torna-se ativo, seletivo. tátil, contemplativo e criador, articulando-se aos processos da vida cotidiana (Santiago, 2015, p. 69).

Assim sendo, a autora concorda, em parte, com a afirmação do entrevistado acima citado, em que ele diz que, no fato de alguém prestigiar, apreciar (assistir) alguma apresentação artística, existem aspectos formativos (educativos). Para ele, isso é educação informal. Trilla (2006) apud (Park; Fernandez, 2007, p. 127) “[...] entende-se que educação informal é toda a gama de aprendizagens que realizamos (tanto no papel de ensinantes como de aprendizes), e que acontece sem que haja um planejamento específico e muitas vezes sem que nos demos conta”. Já Santiago, quando fala sobre esses aspectos educativos, discorre no seu texto sobre educação não escolar.

Quando perguntados aos entrevistados sobre os conhecimentos que eles e elas adquiriram, ao acessarem as ações da ACLASB e se eles adquiram algum novo conhecimento. O Artista Externo 2 descreve a descoberta de um compositor, o qual apreciava a sua música, mas não sabia quem compunha. *“[...] eu lembro bem de um fato, [...]. E quando eu estava aprendendo a tocar violão, dentro do processo do grupo [...], tinha uma música que era da*

Caipora, que era composição de Zecrinha. [...] E aí a gente ia passando pelo Calçadão. E aí o Guiguel falou, tá vendo aquele cara ali que tá tocando? O cara é monstro, é monstro. Aí eu disse, será que é daqui de Bonfim? Aí ele, é. E aí eu disse, poxa! E era uma música que eu gostava muito. Por causa dos acordes que ele utiliza, da forma que a música é construída e falar desse cenário que é o nosso cenário [...]. Então a ACLASB cumpre um papel também de mostrar assim, tem artistas aqui poderosos, tá entendendo? [...]. Ele que compôs a música. Tem a música da caatinga? É dele. [...]. Esse conhecimento que o ACLASB me trouxe foi de que existem artistas com alto potencial na cidade de Senhor do Bonfim”.

Sobre os conhecimentos adquiridos, quando acessou a ACLASB, a Professora 2 descreveu assim: “[...] primeiro que eu nem sabia que existia a Academia de Letras. Então pra mim já foi uma surpresa saber que existia esse grupo de pessoas que faziam isso. [...]. Conheci alguns poetas, algumas pessoas que faziam parte da Academia”. O desconhecimento de pessoas e fatos históricos relacionado à cidade revelou-se, pela Professora 1, da seguinte forma: “[...] tinham pessoas da comunidade, da nossa cidade que eu não sabia da importância que teve em tempos atrás e eu fiquei surpreendida em saber fatos históricos que só através da Academia de Letras eu vim de fato ter conhecimento. Então eu posso dizer que através da academia, com as riquezas [...]. Então, muitos fatos históricos e muitas pesquisas, que eram desconhecidas, eu digo por mim, eu vim saber depois da Academia”.

O Público Geral 1, sobre o seu desconhecimento da existência da grande quantidade de artistas da literatura revelou-se com as seguintes palavras: “[...] merece destaque, é saber que Bonfim tem vários artistas da literatura, vários poetas e escritores e eu não tinha esse conhecimento. Foi importante para também conhecer essa galera. [...], porque era um pouco desconhecido para mim”.

Na perspectiva das entrevistas, torna-se perceptível, nas ações da ACLASB, a presença de processos educativos, formativos das pessoas que tiveram acesso aos seus eventos, fatos esses revelados pelos entrevistados, em consonância com alguns dos muitos eventos apresentados no quadro 2 e 3, respectivamente. O espaço em que se fomenta a cultura e desenvolve as artes nas suas distintas expressões, a aquisição de conhecimentos podem, também, proporcionar ao seu público uma sensibilidade mais aguçada de compreensão do mundo e o seu papel nele.

Santiago (2015, p. 69) diz: “É nesse universo voltado para o sensível, para o reconhecimento cognitivo, que a linguagem da arte, de forma lúdica e criativa, oferece aos

jovens uma oportunidade de ampliação de seu horizonte no campo da cidadania”. Para além da idade, os espaços de arte oferecem a todos oportunidades de reflexão da própria existência no mundo e com mundo que o cerca. A ACLASB apresenta-se como esse espaço, em que os processos educativos estão presentes a exemplos de muitos outros.

Desse modo, centros cívicos, zoológico, bibliotecas, centros culturais e recreativos, museus, praças, parques, shoppings, monumentos, arquitetura, escolas de samba, movimentos populares e de rua ligados à música, à dança, às artes...podem ser espaços ou locais de promoção e geração de educação para públicos de diferentes idades, grupos sociais, etnias etc. (Fernandez, 2007, p. 85).

Então, os processos educativos na ACLASB existem,

[...]a educação não formal é processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania [...], engloba saberes e aprendizados gerados ao longo da vida, de forma individual ou coletiva [...]. a aprendizagem na educação não formal ocorre a partir da produção de saberes gerados pela vivência [...] (Gohn, 2015, p. 16-17).

As características apresentadas pela autora estão presentes na ACLASB. As experiências vivenciadas pelos seus membros; pelas pessoas externas, que acessam os seus programas de eventos; os educadores da educação escolar, quando buscam parcerias, nestes processos, está presente a educação não escolar. E a educação informal permeia todos esses processos vivenciados. Sobre educação informal:

Fazem parte desse rol de aprendizagens e conhecimentos a percepção gestual, moral, comportamentos, provenientes de meios familiares, de amizade, de trabalho, de socialização, midiática, nos espaços públicos em que repertórios são expressos e captados de forma assistemáticas. Tais vivências e experiências acontecem inclusive em espaços institucionalizados, formais e não formais, e a apreensão se dá de forma individualizada, podendo, posteriormente ser socializada (Park; Fernandez, 2007, p.128).

De acordo com a citação, em todas as aprendizagens de educação informal, permeia toda a vida humana. Nos diversos espaços, sem ser, previamente, sistematizados, os espaços de fomento a cultura, as artes e a literatura, como ACLASB, é o espaço propício para ocorrer a educação informal, principalmente onde o sensível se faz presente; o tom da voz, ao recitar; os gestos do corpo que dança; as expressões de quem toca; os diálogos; as perguntas e as respostas, por necessidade do momento, isso tudo é educação informal.

Ampliando a reflexão sobre a ACLASB, no semiárido e o processo de formação das pessoas do seu contexto, faz-se necessário contextualizar a ACLASB com o semiárido, por ela

estar localizada neste espaço, agindo neste e sobre este espaço com todos os aspectos nele existentes, sejam eles, climatológicos, sociais, políticos, econômicos, culturais e educacionais. E umas das definições de contextos é apresentado por Martins:

O contexto é, portanto, uma forma de *habitat*: é um meio e define uma ecologia. Evidentemente em se tratando de mundo humano este meio, este habitat e a ecologia aí implicada, dizem respeito à cultura, à linguagem, às formas de comunicação humanas e ao regime de signos que rege esta comunicação, e não apenas às coisas físicas e palpáveis (Martins, 2006, p. 55).

O agir da ACLASB se dá através de suas ações, como eventos, saraus, lançamentos e produção artístico-literário. Pois, ela (ACLASB) não está isolada, e age no seio de uma sociedade com todas as suas características. Sobre essa perspectiva, na apresentação do livro *Paradigma Cultural - Interfaces e Conexões*, observa-se:

Afirmar os aspectos culturais, os contextos, os sujeitos, e seus saberes na conexão direta e crítica com o mundo mais amplo, é o caminho que traçamos aqui para alimentar novas problematizações e processos de formação descolonizados e reveladores de que outros modos de produção da vida e da existência também existem e precisam ser considerados (Reis; Pinzoh, 2016, p. 9).

Nesta perspectiva, a ACLASB não está fora do contexto, mas, está atenta ao mesmo, tanto a nível local, quanto nível mais amplo, quando vemos registrados em atas, logo nos seus primeiros anos, sugestões de uma programação que atendesse não somente os artistas da cidade, mas também da microrregião.

A título de sugestão o presidente Paulo Batista Machado apresentou as questões a: - personagens bonfinenses a serem homenageados. b – realização de feiras artesanais em praça pública com o objetivo de valorizar os artistas locais e da micro-região e confecção de um boletim mensal para divulgação dos trabalhos da Academia em relação municipal, estadual e federal (Ata nº 3 do dia 16/03/1992, Livro I).

Assim, na citação, ver-se em duas ações sugeridas pelo então presidente, a tentativa de ultrapassar os limites da cidade, contribuindo, assim, com outras cidades da região. Ainda pode-se citar outro registro de ata, em que demonstra a preocupação com a cultura, não somente de Senhor do Bonfim, mas também, da região.

[...] De acordo com as propostas apresentadas por Julieta Araújo Campos na assembleia, foi aceita a vinda da Sr^a. Jurema Penna, coordenadora da Fundação Cultural da Bahia com a finalidade de fazer um levantamento cultural da cidade e

micro-região, centralizando um núcleo na sede de Senhor do Bonfim. A data do evento será estabelecida pela comissão de programação (Ata nº 03 da reunião do dia 16/03/1992, Livro I).

Assim sendo, fica explícita a preocupação da ACLASB com a cultura, as artes, a literatura da microrregião, hoje, denominado Território de Identidade do Piemonte Norte do Itapicuru, que é composta dos seguintes municípios: Andorinha, Antônio Gonçalves, Caldeirão Grande, Campo Formoso, Filadélfia, Jaguarari, Pindobaçu, Ponto Novo, Senhor do Bonfim, todos incluídos no mapeamento do semiárido, destes somente Senhor do Bonfim tem academia de letras e artes, segundo o cadastro da Rede de Cooperativa das Academias de Letras da Bahia – RICA.

A ACLASB - sendo a única academia de letras e artes neste Território, tenta atender as necessidades também dos artistas das outras cidades. Recentemente, dando apoio em lançamentos de livros, como aconteceu com escritores e escritoras de Campo Formoso, Caldeirão Grande e Ponto Novo, presenciado pelo pesquisador.

Neste contexto, a ACLASB demonstra uma dinâmica de atuação ampla e diversificada, no sentido de abranger vários espaços e diversos públicos relatados em seu livro de ata e nos seus relatórios. Mas, por exemplo, na ata número 36 da reunião do dia 18/03/1995, do Livro I, numa Sessão Solene de Comemoração ao Centenário da Sociedade União e Recreio, em que compareceram várias autoridades representativas e o público, em geral, e evidenciaram a participação de jovens. Cita-se as presenças de Simone, em participação com sua mãe; do jovem Manoel Damião Gomes, apresentando música; do jovem músico Alex Sandro Oliveira Maia, com seu órgão eletrônico.

As presenças desses jovens, em um evento como esse, evidenciam-se um caráter formativo, com elementos educativos explicitados, através, não somente da participação desses jovens, mas também, pela interação deles com pessoas de diversas gerações e formações. Neste sentido, Carrano diz:

As práticas sociais ocorrem em circuitos culturais hegemônicos com sujeitos que, em diferentes ocasiões e das mais variadas maneiras, os confirmam ou a eles se opõem. O mundo do trabalho, as relações familiares, a participação em atividades educativas orientadas, o consumo de mercadorias culturais, os programas de televisão, os grupos e espaços de lazer, as práticas religiosas, dentre outras atividades e contextos sociais, compõem uma complexa rede de possibilidades educacionais mais ou menos sistematizadas e experiências informais que estruturam o processo humano de formação (Carrano, 2001, p. 15).

Neste sentido, para o autor, estes espaços de relações familiares, espaços de interações e de atividades diversas inclusive culturais, apresentam possibilidade educacionais de experiências informais, ou mesmo, mais sistematizadas. Vejamos o que o Artista Externo 2 revelou: *“Mas a apreciação, a visualização, ela forma o ser humano, ela forma o indivíduo. Então o indivíduo que tem vontade, com muita arte, possivelmente ela vai ter uma formação outra. Com muita arte, muita cultura, ela vai saber diferenciar e ter um pensamento crítico [...]”*.

Para o Artista Externo 2, “a apreciação, a visualização, ela forma o ser humano”, a arte, a cultura contribuirá para essa formação. Assim sendo, o fato dos jovens ou pessoas de outras idades terem participado dos eventos e interagindo entre si, estão num processo de formação, portanto, educativo. Desta forma, conforme as narrativas dos entrevistados, documentos e teóricos, as ações da ACLASB, enquanto espaço cultural, figura-se como formativos, ultrapassando os limites da cidade, onde ela está instalada, apresentando uma amplitude de ações e atenta aos contextos.

7.2 ACLASB E ESCOLA - INTERAÇÃO COM A EDUCAÇÃO ESCOLAR

Ao se falar da escola, enquanto espaço do processo educativo, é falar de todo um aparato dentro dos ritos daquilo que pauta a educação escolar, se constitui exatamente em sua singularidade. Ela (escola) é o espaço, ainda, privilegiado para aquisição do conhecimento de forma sistematizada. Para além disso, Néri, Silva, Souza e Araújo (2006, p. 119) nos advertem que: “Nas últimas décadas, a escola ressurgiu no cenário mundial como um dos espaços privilegiados de socialização e construção do conhecimento, de formação de importantes competências e habilidades para os cidadãos e cidadãs do novo milênio”.

Os autores deixam explícito que a “escola é um dos espaços privilegiados de socialização” e etc. Sendo assim, a escola é um desses lugares privilegiados, ela está pautada em documentos oficiais, normativas, que definem como ela deve acontecer. Um desses documentos é a Constituição Brasileira de 1998, que no seu Capítulo III – Da Educação, da Cultura e do Desporto, Seção I, Art. 205, diz: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Brasil, 1988, p. 123), além de outros já citados em capítulos anteriores.

Nesta perspectiva, em que a Constituição Brasileira diz que a educação “será promovida com a colaboração da sociedade”, a ACLASB, como instituição sem fins lucrativos, fomentadora da cultura e da literatura busca essa interação com a escola, construindo um elo.

Sendo assim, a ACLASB pronunciou-se sobre a possibilidade deste elo, logo na sua juventude de existência, quando o acadêmico Nivaldo Vieira dos Santos propõe: “[...] referindo-se, ainda, que deveriam ser estendidas as pesquisas em colégio da cidade, estimulação positiva entre a juventude estudantil para conhecerem melhor as personalidades que fizeram o progresso cultural de nossa cidade, [...]”. (Ata nº 11 da reunião do dia 20/12/1993, Livro I). Nesta citação, explicita-se esse desejo desde cedo sobre a contribuição que ela poderia dar aos jovens/estudantes.

Posteriormente, apresenta-se como ação que incentiva os jovens para a participação de concurso de poemas. Com isso, os jovens envolvidos no processo de participação, não somente estariam concorrendo a um prêmio e/ou classificação, mas, estariam se informando e formando-se no processo de construção de suas produções. Sobre o concurso, consta que “[...] em seguida foram aprovados cartaz e ofício do concurso de poesias estudantis, Augusto Sena Gomes, a realizar-se dia 05 de dezembro, dia da Cultura Bonfinense, [...]”, (Ata nº 47 da reunião do dia 02/10/1995, Livro I).

Nesta ata, acima citada, revela o avanço no processo de contribuição da ACLASB com a escola, porém, também parece que ela encontra resistência por parte da escola, como consta na (Ata de nº 48 da reunião do dia 16/09/1995, Livro I). “[...] fazendo o uso da palavra, o acadêmico Zumar Sérgio tecendo várias críticas ao Colégio Estadual, por falta de apoio ao Concurso de Poesias Estudantis denominado Augusto Sena Gomes”. Fica notável que o caminho construído nem sempre foi e é fácil. Sposito apresenta essas dificuldades de abertura e acolhimento de experiências extraescolares (falta de apoio), em sua pesquisa sobre a interação da educação não escolar e escolar.

As escolas praticamente desconhecem, rejeitam ou não desejam se abrir para iniciativas de educação fora de seus muros. Mas esses programas também mantêm uma forte distância do mundo escolar. As dificuldades de interação com a escola não são pequenas, algumas iniciativas esboçam tentativas muitas vezes infrutíferas, outras sequer colocam essa questão no seu horizonte (Sposito, 2008, p. 90).

Nesta perspectiva, se em tempos já recentes, na pesquisa da autora, ainda revelou essa falta de abertura de conhecimento sobre essas experiências de educação não escolar, na década

de 1990, quando o fato relatado acima aconteceu, não seria diferente. No contexto da ACLASB, mesmo com essa falta de apoio acima referida na época, o concurso realizou-se, como consta na (Ata nº 50 da reunião do dia 20/11/1995, Livro I): *"O Confrade Zumar Sérgio, idealizador I Concurso de Poesias Estudantil Augusto Sena Gomes, com 15 poemas inscritos, as escolas participantes são Colégio Estadual, Júlio César, Teixeira de Freitas, Rômulo Galvão e Uneb"*.

Assim sendo, a Academia demonstra a construção dessa interação com a educação escolar, contribuindo com processos de formação desses adolescentes e jovens. Houve outros momentos em que a escola convidou e abriu as portas aos membros da ACLASB, como consta no depoimento do Acadêmico 1, sobre um trabalho numa escola pública com seu amigo: *"Fomos fazer algumas apresentações em escolas, eu lembro que foi na Escola Rômulo Galvão. Eu fiz uma apresentação lá com ele, ele tocava uma flauta, que era uma flauta doce que ele tocava. Eu fiz a apresentação com a minha música com um violão, ele com a flauta. [...]. Eles recebem e recebem muito bem a mensagem da gente. É um momento que algum... nesse mesmo que eu fui para o Rômulo Galvão, teve um momento que a gente parou de apresentar porque os alunos começaram a fazer perguntas sobre cada um de nós, queriam conhecer a nossa arte e cada um, como a gente vivia, o que que a gente fazia e por que a gente criava aquela arte. Porque que a gente compunha, porque que a gente escrevia poesia. Então a gente teve esses momentos assim de interação dos alunos e que a gente percebeu que era importante a academia... e naquela época não era nenhum projeto da academia. A gente foi para essa escola a convite de uma professora, que se deu lá um espaço através de Glória da Paz, [...]"*.

No depoimento acima, o Acadêmico 1, fala de sua experiência com seu amigo, ambos membros da ACLASB numa escola a convite de professora por intermédio de outra professora, além da acolhida das professoras e dos estudantes, depois das respectivas apresentações houve uma sessão de perguntas por parte dos estudantes.

No quadro de eventos apresentado anteriormente com base no relatório da gestão da ACLASB de 2014/2023 aparece o seguinte: *"11/09/2015 ACLASB como parceira e emissora de certificado no I Encontro de Grupos Afros, Escolas e Comunidades Quilombolas, com o Tema: Heranças Culturais e Religiosas dos Afrodescendentes em Nossa Região. Projeto idealizado pela TUPOIAO, com o Afoxé Expressão Ogundelê dentro do Programa Mais Cultura do Governo Federal na Escola Municipal de Umburana[...]. Estudantes, professores, coordenadores, oficinairos, escolas quilombolas convidadas e outros"*.

Nesta informação, acima citada, fica explícito que a ACLASB tem um elo com a escola através de convites e parcerias, no exemplo do caso citado através de um projeto idealizado por grupo de expressão afrodescendente. Sobre a importância de a ACLASB ter esse elo e colaborar com a escola, revela-se no depoimento do Acadêmico 1: *“E hoje a academia já tem esse papel, ela traz essa importância de que a gente deve estar dentro das escolas, porque de alguma forma a gente leva a nossa arte e a gente percebe que a gente traz assim, uma certa vontade e desejo daqueles alunos de também escrever ou de tocar o instrumento ou de compor. A gente teve um exemplo agora muito presente que foi a Escola Municipal de Passagem Velha, onde teve o lançamento de uma coletânea que os alunos foi quem escreveram essa coletânea, a participação de 30 alunos, então olha o quanto isso é importante! [...]”*.

Nesta perspectiva, a presença da Academia adentrando às escolas através de projetos, a convite ou em parcerias, evidencia-se, também, no depoimento do Acadêmico 2, que destaca o “Projeto Academia Vai à Escola”: *“Posso destacar, entre outros, o Projeto Academia Vai à Escola e Vice-versa. Neste projeto os acadêmicos visitam uma determinada escola, apresentam números artísticos, junto com a comunidade escolar e falam sobre a importância da ACLASB, enquanto incentivadora da literatura, da cultura e da arte, na vida das pessoas e da comunidade”*.

Continuando, ainda, sobre essa importância da interação entre ACLASB e a escola com Projeto Academia Vai à Escola, evidenciam-se os objetivos planejados pela ACLASB, de acordo com o declarado pelo Acadêmico 2: *“[...] esse projeto Academia Vai à Escola e vice-versa, tem como finalidade despertar o interesse da população geral dos estudantes, professores e a comunidade escolar para as artes e a literatura. Então, nós tivemos agora, recentemente, na escola de Passagem Velha, o lançamento de uma coletânea feita por alunos, naturalmente orientados por professores e coordenadores, mas uma coletânea belíssima de produção, produções de poesias. E tivemos também na Escola Cândido Felix, da mesma forma, uma coletânea lançada por uma turma. Orientada também pelos professores e que, naturalmente, tiveram influência da Academia de Letras, porque são pessoas que têm um contato com a gente, professores e alunos. [...]”*.

Nos depoimentos dos entrevistados, também nos relatórios, os trechos aqui citados e outros documentos, bem como, os quadros de atividades já apresentados neste trabalho, evidencia que ACLASB adentra às escolas a partir de convites, projetos e parcerias, respeitando, assim, o espaço da educação escolar. Ela não avança, ela respeita. A educação não

escolar, para Sposito (2008, p.88). “Ela não é imposta e nem se constitui como obrigatoriedade, diferentemente da educação escolar. É importante considerar, também, que essa margem de escolha está relacionada ao momento do ciclo de vida”.

Para Gohn (2009; p. 41). “A educação não-formal tem seu próprio espaço, forma cidadãos, em qualquer idade, classe socioeconômica, etnia, sexo, nacionalidade, religião etc., para o mundo da vida! Ela tem condições de unir cultura e política [...]”. Então, a ACLASB tem seu (s) próprio (s) espaço (s), sua sede, as praças, as ruas, os calçadões para atuar, porém os depoentes demonstraram essa necessidade desse elo entre ACLASB e escola, como possibilidade de aprendizagem, contribuindo, assim, com a educação, seja ela escolar, não escolar ou informal. O Público Geral 1 nos chama atenção para a necessidade de reforçar essa questão da participação, da educação com a cultura, porque isso marca, de fato. *“Tenho grandes memórias de infância, de participação, da gente ter que fazer paródias. E isso, de alguma forma, me educou em várias situações, porque me trouxe aprendizado, não apenas na questão artística, mas em diversas coisas”*.

Neste sentido, de acordo com o Público Geral 1, é necessário esse elo, essa interação entre a Academia e a escola, para potencializar o processo de aprendizagens em suas distintas formas e particularidades. E ele diz que, a partir de sua experiência com a arte, ele admite que adquiriu aprendizado, não somente em relação ao aspecto artístico, mas, para além.

7.3 ACLASB E O SEU ACERVO

Diante do que se revelou nas entrevistas narrativas, surge este subcapítulo que evidencia o acervo da ACLASB, como elemento educativo. Na perspectiva da ACLASB, os entrevistados fizeram referência ao acervo que ela guarda. O Público Geral 2 falou o seguinte, sobre esse acervo: *“[...] quando a gente vê ali muitos eventos em abertos e adentra ali, naquele espaço e vê aquelas obras, a gente fica assim, surpreso, porque a gente vê muitas obras, muitos escritores [...], que fizeram história não só aqui em Bonfim, como também em outros, no Brasil e até fora do país, e a gente chega até a ficar vislumbrado com tamanho do potencial dos artistas. E que isso poderia chegar mais no conhecimento da sociedade, acho que temos grandes artistas, acho que temos uma grande história”*.

O Público Geral 2 se deleita com o que encontrou de acervo na ACLASB, principalmente, ao que se refere à literatura e, ao mesmo tempo, expressa que tudo aquilo

deveria ser mais acessível à sociedade. E, de fato, um acervo educa, mas é importante ressaltar que não é por falta de querer, isso requer responsabilidade, como nos adverte Santo (2020, p. 283), sobre preservar o patrimônio: “A responsabilidade em preservar e expor o patrimônio também carrega a função de educar e comunicar, [...]. Contudo, comunicar possui uma função para além da divulgação e garantia do acesso ao espaço, comunicar é também fazer o indivíduo se sentir pertencente a uma dada história, seja ela regional, nacional ou mundial”.

Essa responsabilidade vai muito mais além do que dar acessibilidade, mas “preservar e expor; educar e comunicar”, segundo a autora. Isso requer investimento e apoio para a preservação desse acervo. Para tanto, faz-se necessário a elaboração e execução de projetos que visem a preservação, divulgação e comunicabilidade do acervo. Sobre essa falta de apoio, o Público Geral 2 falou: “*Principalmente a uma casa que está precisando de tanta ajuda, que está precisando de ser divulgada, uma casa muito importante para a nossa cidade. Entendeu? Que ainda vai desenvolver e contribuir para a parte da cidadania das pessoas. E quando a gente fala cidadania, a gente vem com todo aspecto educacional, seja ele qual for*”.

O entrevistado demonstra uma preocupação com a ACLASB, e, conseqüentemente, com o seu acervo e aponta a necessidade de preservação e cuidado, chamando atenção para os aspectos educativos, “seja ele qual for”. O Público Geral 2 revela uma consciência da importância, tanto da instituição, quanto do que ela guarda como possibilidades de práticas educativas, sejam elas não escolar ou informal, como processo de formação para a cidadania. Sposito não descarta essa dimensão da cidadania.

Não se nega a importância de uma das dimensões da cidadania presente nos processos de socialização de crianças e jovens – o aprendizado de uma vida cidadã –, mas sem minimizar os aspectos relativos aos direitos de usufruir, efetivamente, das condições de vida da polis (Sposito, 2008, p. 94).

Nesta perspectiva, o acervo da ACLASB; a história das pessoas que passaram por lá; os vultos históricos, que estão presentes naquele ambiente, através de suas obras, sejam elas livros, pinturas, fotografias, placas de homenagens, revistas, jornais, registros de atas são de relevância para a formação de quem, ali, busca conhecimento, informações etc. Para além, o encontro com os artistas, o bate-papo, a contemplação de algum quadro, o ouvir recitar de uma poesia, gera conhecimento, por isso, aspecto educativo. Como nos aponta o Acadêmico 1: “*[...] a cultura nesse espaço educativo, ela tem uma forte colaboração, porque ela não está só restritamente ligada à nossa arte, ela está ligada aos costumes de um povo, a educação dela*

própria das pessoas em estar ali assistindo o artista, aplaudindo, então isso também é cultura, isso também é desenvolvimento cultural, isso é educação também. [...], é um espaço de educação mesmo, é um espaço educativo, porque a arte proporciona tudo isso, a arte tem essa força muito grande de ser tanto educativa, como ser autocura também, a arte tem esse poder também de trazer momentos alegres para as pessoas, [...]. Então a arte e a educação estão muito próximas, eu acho que uma é muito ligada à outra, [...]”.

Neste sentido, o entrevistado aponta a cultura nesse espaço educativo, o qual ele se refere, implicitamente, ao espaço da ACLASB, evidenciando como um espaço de colaboração e ressaltando a cultura enquanto aspecto educativo através da arte que também pode ser autocura. Foi evidenciado pelos entrevistados sobre a importância do espaço da ACLASB e seu acervo, como um relicário com diversas relíquias que ela guarda em seu acervo, um conjunto de elementos culturais, dos quais são elencados na Constituição Brasileira de 1988, no seu Capítulo III, Seção II - Da Cultura, Artigo 216, que diz:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: (EC no 42/2003) I—as formas de expressão; II—os modos de criar, fazer e viver; III—as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV—as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; (Constituição Brasileira, 1988, p. 126).

Assim sendo, são encontradas obras dos diversos autores, com destaque para os bonfinenses, de diversos assuntos/conteúdos e de diferentes épocas, bem como, quadros, desenhos, placas de homenagens e a memória da cidade, do povo, da cultura. Já em relação aos aspectos educativos, do que foi revelado, a ACLASB desenvolve também um papel importante na formação das pessoas, cumprindo, de certa forma, o que se encontra na LDB 9.394/96, Título I - Da Educação, Artigo 1º: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (p. 7).

Então, a ACLASB, com seus eventos, sua produção artístico-literário, com seu acervo e a interação com a escola, tenta contribuir com a formação da população bonfinense, com as pessoas dentro de processos que se configuram em educação não escolar e informal, enquanto instituição de fomento da cultura e das artes, Gohn, (2009; 2016; 2023), Sposito (2007): Ferreira (2020).

As constatações de aspectos educativos evidenciadas pelos entrevistados apontam a existência deles como processo de educação não escolar e informal, mas também, apontam dificuldades externas e internas, merecendo algumas críticas reveladas pelos entrevistados, bem como, desafios a serem superados pela ACLASB, tema de que trata o próximo subcapítulo.

7.4 “CAMINHO”: CRÍTICAS E DESAFIOS

Este subcapítulo faz referência a um poema com mesmo título, que fala sobre a necessidade de refazer o caminho, (Cajuhy, 2022). Metaforicamente, com esse poema, se tecem as críticas e desafios feitos à ACLASB, não como uma discursividade negativa, mas, que ela, através do que está sendo explícito, possa vislumbrar novos horizontes. E, pensando na importância da crítica, enquanto prática de reflexão, Freire (1996, p. 39) diz. “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Nesta perspectiva de reflexão, diante das críticas que se revelaram nas entrevistas, servir-se-ão como possibilidades de mudanças ou avanços significativos nos afazeres da ACLASB. Esta sensibilidade de analisar as críticas mostra o amadurecimento do ser humano e a consciência de que todos são seres inacabados.

Aqui chegamos ao ponto de que talvez devêssemos ter partido. O do inacabamento do ser humano. Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há o inacabamento. Mas, só entre mulheres e homens o inacabamento tornou-se consciente (Freire, 1996, p. 50).

Segue, a partir daqui, com o que foi revelado pelos entrevistados como crítica e ao mesmo tempo desafios para ACLASB, como o caminho que ela fez até aqui e agora refazê-lo, ajustando à sua realidade. O Público Geral 2 relata sua visão sobre ACLASB, mas faz uma crítica aos membros mais antigos: “[...] acredito que a academia é que nem ainda enxergo, está ainda com a chama ainda pouco apagada, mesmo diante dos membros, principalmente, os membros mais velhos, é uma crítica que eu não posso deixar de expor, minha crítica. Mas, eu vejo um querer muito grande da diretoria, mas eu vejo assim, a falta, essa inércia dos artistas mais velhos, muitas vezes pesa para a diretoria. [...], como se fosse assim, uma coisa querendo andar e os outros querendo [...]. A gente vê eventos que a gente não vê nem a cara deles. E seria muito importante essa união. [...], e outra, de reforçar ainda mais. Se não quer mais se

fazer presente, peça exoneração. Não fique só ocupando espaço para dizer que se faz presente não”.

Neste mesmo sentido, relacionado à ACLASB e aos membros, neste caso de forma geral, o Artista Externo 2 fala de como é formada a Academia, das organizações dos eventos e etc.: “[...]. *Eu noto que tem muitas pessoas dentro da ACLASB, institucionalmente marcadas, mas a gente não vai ver todas essas pessoas diretamente nos eventos, que é o que eu noto como uma falha. A gente vê as mesmas cabeças pensando e tentando organizar o evento, mas as tantas outras que também estão com o nome ali dentro da instituição, não estão desenvolvendo. Isso é uma crítica que eu faço sobre uma ótica. Então acho que é muito importante participar, ser chamado e tal. Mas o processo, ele se dá na colaboração. Então se você está com o seu nome inserido no processo, você também tem que dar alguma coisa nesse sentido. Então é muito importante que enquanto artista membro da ACLASB, você possa colaborar de uma forma e que isso seja visível para a população bonfinense. Isso tem que ser visível. Então quando a gente vê um evento que só as mesmas cabeças estão pensando, tem alguma coisa errada. A meu ver, tem alguma coisa errada”.*

Ainda sobre a ausência dos acadêmicos que têm mais tempo como membro da Academia, insiste o Público Geral 2: “*E pude ver que existe um querer, existe uma busca por uma renovação naquela academia, desde a diretoria. [...], eu fiquei com a impressão de que os membros antigos não dão o devido valor, não se fazem presentes”.* Já sobre os eventos da ACLASB, o Artista Externo 2 aponta como deveria se proceder, sugerindo, inclusive, a criação de grupo e/ou comissões para captação de recursos através de editais e organização dos eventos, ou seja, distribuição de responsabilidades: “*Já sobre os eventos, eu penso que a ACLASB, enquanto instituição, deve se organizar para buscar mais editais, os editais que podem ela competir, participar, fazer um estudo, [...], como tem muitos artistas, montar um grupo de pessoas que capte recursos. Como? Por meio de edital. Um grupo de pessoas que cria ideias de eventos. Então acho que tem formas de distribuir para que os eventos aconteçam da melhor forma”.*

Esta crítica sugestiva, feita pelo Artista Externo 2, deriva da anterior, deixando explícita uma certa preocupação em não sobrecarregar apenas alguns membros. Já o Público Geral 2, traz uma observação sua mais sensível relacionada com a falta de valorização dos artistas nos eventos da ACLASB: “*E a gente vê, o que tem em comum é a força de vontade, o que tem em comum é aquela busca por um reconhecimento, a busca por uma valorização. Está*

olhando no olhar de cada artista, que eu pude comparecer nos seus eventos, o brilho, por um lado o brilho da sua habilidade como cultura, mas, do outro a necessidade por uma ajuda, por uma valorização, [...]. Enxerguei um olhar dividido, em cada artista, em cada olhar”.

Esta crítica da falta de valorização, de apoio financeiro para a realização dos eventos, para execução de novos projetos que pudessem atender aos artistas, as pessoas, principalmente, aquelas que não tem acesso a todos os bens culturais produzidos na cidade, ou mesmo aos jovens e estudantes, que também foram mencionados pelo Artista Externo 2: *“Eu descrevo a ACLASB [...] como um órgão indispensável para a cidade de Senhor do Bonfim. É um órgão que fortalece a nossa cultura e os nossos movimentos artísticos. A ACLASB tem um papel importantíssimo, embora a gente note de fora que há um enfraquecimento desses órgãos. Porque assim, a gente consegue notar que todos os grupos, todos os movimentos que lidam com a arte e a cultura, de um certo ponto de vista, o poder público sempre tenta enfraquecer de alguma forma. Enfraquecer como? Não dando o apoio necessário que se necessita. Não se aposta muito, se fala muito que a cultura é massa, que a arte é bonita, que não sei o quê. Mas na hora do vamos ver. Na hora de dizer vamos botar X valor pra coisa acontecer. A gente não vê isso na real. Então há um enfraquecimento disso, porque falar que é bonito, é, todo mundo sabe que é bonito, mas bonito mesmo é a gente botar a mão na massa e fazer acontecer. Então eu não vejo isso e considero a ACLASB como um órgão indispensável para a cultura de Senhor do Bonfim, que vem lutando, fazendo um trabalho assim, brando por não ter esse apoio do poder público, que precisa desse apoio, na verdade, para poder avançar em alguns sentidos”.*

O Artista Externo 2 descreve a ACLASB como um órgão indispensável para o fortalecimento dos movimentos culturais, um órgão estratégico para o desenvolvimento da cultura de Senhor do Bonfim, mas que está lutando para realizar seus trabalhos, “aos troncos e barrancos”, no dito popular, pela falta de apoio, que ele revela ser proposital por parte do poder público, como uma forma de enfraquecimento desses grupos e movimentos culturais.

O Público Geral 2 fala dessa falta de valorização, referindo-se à ACLASB como casa literária e que ela merece ser valorizada, tanto pelos membros como pelos agentes externos, políticos, empresários, principalmente, com investimentos financeiros. O Público Geral 1 traz uma crítica tímida, mas relacionado a necessidade de se avançar mais na interação entre a ACLASB e a escola: *“Essa relação também com a educação, [...], é muito importante porque a ACLASB também já tem ações importantes dentro das escolas, [...], acho que pode avançar, mas, que também faz de forma indireta com os professores, porque vocês membros da ACLASB*

que têm também essa vivência na sala de aula, conseguem de alguma forma levar o nome da academia e levar arte para as escolas, que já tem essa mescla, é importante”.

Mesmo falando da necessidade de estreitar essa interação ACLASB e escola, o Público Geral 1 adverte que também essa interação acontece indiretamente, já que muitos dos membros da ACLASB são professores e já fazem essa ponte, essa interação entre as instituições, escola e academia. As críticas aqui feitas à ACLASB, seus projetos, seus membros e a sua relação com a escola, bem como, o seu funcionamento e a necessidade de tencionar o poder público, servem para serem refletidos, porque a ACLASB é formada por gente, homens e mulheres, que fazem a história com possibilidades possíveis de acertos, mas também, de equívocos (Freire, 1996). E, com isso, mirar para o horizonte e vislumbrar um futuro mais promissor com a cultura, as artes e os artistas.

Essa é a dinâmica. Nada no ser humano está acabado; nada é determinista. O processo de construção de ser gente e dos seus processos de formação se dá, se constrói uns com os outros, porque somos seres inacabados (Freire, 1996).

E nesta consciência do inacabamento do ser humano, que a ACLASB que é formada por gente, “homens e mulheres de letras, artes e ciências”, vislumbre esse futuro sempre refazendo o caminho, como sugere o poeta que deu título a esse subcapítulo: “Re-faço meu caminho. / Caminhando! / Devagarinho! / Aligeirado! / Ou de mansinho! / Sentindo as pedras, / as texturas da terra, / os aromas, as flores, / os espinhos. / Re-faço o meu caminho. Caminhando!” (Cajuhy, 2022; p. 53).

Diante das críticas apresentadas acima, a pesquisa aponta os possíveis caminhos como processo de melhoramento para o funcionamento e desenvolvimento da ACLASB para ser trilhado rumo ao futuro: Um trabalho junto aos membros que têm mais tempo de existência na Academia de valorização da produção e da própria Academia; fortalecer a interação da Academia com as escolas, universidades públicas e privadas, bem como, com outras instituições através de parceria; tencionar mais o poder público, com propostas de projetos e parcerias com intuito de desenvolver os processos artístico-cultural; criar comissões de trabalhos para não sobrecarregar somente a diretoria com destaque para uma comissão para elaboração de projetos que possam concorrer a editais e, assim conseguir recursos financeiros buscando sua autonomia. Acessibilizar o seu acervo à população em geral, mas, principalmente, à população estudantil e desenvolver um projeto de *marketing* da Academia bem como,

impulsionar as vendas dos produtos culturais dos seus membros como valorização e incentivo aos mesmos.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como início de conversa das considerações finais, fez-se necessário, antes mesmo de falar dos resultados da pesquisa e seu impacto nas pessoas que terão o contato com a mesma, falar dos impactos que esta pesquisa teve no pesquisador que se propôs a esta empreitada, enquanto desafio pessoal e profissional, bem como, o de oferecer aos membros da ACLASB, artistas e à população em geral de Senhor do Bonfim e todos os lugares onde esta humilde dissertação chegará. Assim sendo, é razoável fazer uma reflexão, enquanto exercício crítico do que foi a prática dessa pesquisa, a qual ousou usar as palavras de Freire (1996, p.14). “É neste sentido, por exemplo, que me aproximo de novo da questão da inconclusão do ser humano, de sua inserção num permanente movimento de procura, que rediscuto a curiosidade ingênua e crítica, virando epistemológica”.

É com este sentimento e consciência do inacabamento do ser humano, mas, fazendo esse movimento de inserção e busca, que trago esses impactos da pesquisa, no pesquisador, bem como, a reflexão dos resultados que esta pesquisa apresenta.

Pesquisar uma instituição da qual faço parte e fui presidente durante seis anos, tornou-se tarefa difícil, pois, tendo como base epistemológica, a fenomenologia, foi necessário realizar o *epoché*, colocando em suspensão todo e qualquer pré-conceito e suposições que tinha sobre o objeto de pesquisa. Foi necessário, também, como recomenda a fenomenologia, colocar tudo entre parênteses e questionar a realidade que se apresentava à minha consciência, num jogo de reconhecimento da objetividade e subjetividade eidética enquanto essência fundamental da experiência ou fenômeno, Husserl (1989).

Dito isto, a presente pesquisa contribuiu e contribui com a minha formação, primeiramente humana, nas relações sociais, enquanto ser social, profissionalmente, compreendendo os processos formativos/educativos, com um novo olhar e melhor compreensão dos contextos que constituem o semiárido brasileiro e sua diversidade de produção de conhecimentos artístico-cultural, técnico-científico. Também, provocando-me a sair de onde estou ou cheguei para um outro lugar, devido a excedência de conhecimentos produzidos (PINZOH, 2012) por essa pesquisa. Assim sendo, não sou mais o mesmo de quando iniciei essa empreitada na compreensão do mundo, do outro e de mim mesmo, enquanto ser inquieto e inconcluso, Freire (1996).

A presente pesquisa teve como objetivo geral investigar como se constitui a dimensão educativa nas ações culturais da ACLASB, compreendendo o processo de fundação e atuação da instituição, enquanto instituição de fomento à cultura, e identificando as contribuições da mesma no processo educativo para a comunidade bonfinense, a partir de uma análise da sua produção, enquanto espaço cultural, através de documentos, relatórios e narrativas orais. Todos os objetivos foram alcançados nos seus respectivos capítulos, mas, que não deixaram de permear toda a pesquisa, respondendo à questão problema, sobre como se constitui a dimensão educativa no conjunto das ações culturais desta Academia.

Foi vista, então, a trajetória do ser humano, enquanto criadores de artes, desde os tempos mais remotos da humanidade como necessidade de registrar a sua existência e suas criações, deixando-as para posteridade. Posteriormente, com o surgimento da Academia de Platão, na Grécia, onde discutiam o conhecimento das diversas áreas do saber. Esta ideia de Platão expandiu-se através do tempo e dos espaços.

As academias foram se proliferando pela Europa, principalmente pelo Período Renascentista, no Brasil, foram fundadas algumas academias no Período da Colonização, sendo que a fundação da Academia Brasileira de Letras – ABL, deu-se somente em 1896. Daí, começaram a surgir academias por todo o Brasil a nível de Estado e, depois, nas cidades interioranas e do semiárido brasileiro, como foi o caso da ACLASB (1991).

Academia de Letras de Senhor do Bonfim – ACLASB, verossímil às demais academias, traz a ideia de imortalidade, a partir do lema do seu escudo *Ad Immortalitatem* e, alguns dos seus imortais escritores expressaram essa ideia, a exemplo da confreira Eurídice de Carvalho Melo Pita, que a denomina “casa de imortais” (2018; p.94).

A Academia se apresentou, desde o início, como uma Academia com diversas faces, no sentido de desempenhar vários papéis de cunho político, social, artístico, literário e educacional. Os quadros de atividade I e II apresentados revelaram uma Academia ativa, com inúmeras de atividades, evidenciando elementos educativos, identificados como educação não escolar e informal.

No capítulo “O Semiárido e suas características”, com seus subcapítulos, foi possível ver a ACLASB no contexto do semiárido com a cultura e, a sua literatura a partir de seus escritores/poetas membros, através de dois poemas, um que ainda trazem bem marcantes os aspectos negativos e estigmatizantes do semiárido (nordeste) e outro que apresenta a feira como

metáfora da diversidade, do colorido e das possibilidades do semiárido, sem negar os seus problemas, mas, não os tendo como fator determinante.

Foi possível, no capítulo sobre educação, vislumbrar um conceito amplo sobre as diversas possibilidades de educação, desde tempos remotos. Seguindo com a educação no Brasil, afunilando para o conceito de educação contextualizada e para a convivência com o semiárido, a partir de obras literárias e técnico-científica, produzida por membros da ACLASB, enquanto potencializadora para uma educação contextualizada, depois a discussão dos conceitos educação escolar, educação não escolar e educação informal.

A análise e tratamento dos dados, através da triangulação deles, explicitaram a ACLASB um espaço cultural e de educação não escolar, em suas ações permeia também a educação informal. Constatou-se a interação da Academia com a escola, que guarda um acervo rico, sendo uma instituição importante e estratégica para os movimentos culturais. Houve as críticas, com indicação de caminhos a serem refeitos. Foi apontado, também, o potencial da academia, enquanto instituição de grande aceitação e respeitabilidade na sociedade.

Ainda assim, vale ressaltar, que a conclusão dessa pesquisa não se fecha, em si, possibilitando a outros pesquisadores a se debruçarem sobre o mesmo objeto, buscando outro viés para explicá-lo, ou ainda, a partir deste trabalho, levantar questionamentos que, porventura, esta pesquisa não deu conta de responder. Neste sentido, esta pesquisa é apenas uma gota d'água, num imenso oceano de possibilidades e conhecimento.

REFERÊNCIAS

ACLASB – Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim. **Estatuto Social. 05 de dezembro de 1991.**

ACLASB – Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim. **Relatório da Gestão 2014/2015, 2016/2017, 20118/2019.** Senhor do Bonfim, Bahia, Brasil.

ACLASB – Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim - **Relatório da Gestão 2020/2021, 2022/2023.** Senhor do Bonfim, Bahia, Brasil.

ACLASB – Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim. **Poesia é Vida.** 1ª Coletânea Poética. Senhor do Bonfim: ACLASB Editora, 1997.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **A invenção do nordeste e outras artes.** 5.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BARBOSA, Rui. **Obras completas.** Vol. XLVI 1919, Tomo III, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988, pp.67-94 - texto completo.

BECHARA, E. (org.). **Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras: Língua Portuguesa.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

BRAGA, O. R. Educação e Convivência com o Semi-árido (Uma introdução aos fundamentos do trabalho político-educativo no Semi-árido Brasileiro). *In:* KUSTER, A.; MATTOS, B. H. O. M. (org.). **Educação no contexto do semi-árido brasileiro.** Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2004. cap. 1, p. 25-44.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação.** Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL. [Constituição (1988)] **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal, 2016. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em 24 jan. 2024.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Senado Federal, Secretaria Especial de Editoração e Publicações Subsecretaria de Edições Técnicas, 2005. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>. Acesso em 24 jan. 2024.

CAJUHY, E. F. **Tempo...Crônicas e Contos.** Moreno: Editora Ser Poeta, 2019.

CAJUHY, E. F. **Eclipse LuneSolar.** Moreno: Editora Ser Poeta, 2022.

CALABRE, O. A arte e a cultura em tempos de pandemia: os vários vírus que nos assolam. **Extraprensa**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 7-21, jan./jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/extraprensa2020.170903>. Acesso em: 26 fev. 2024

CARRANO, P. C. R. Jovens na Cidade. **Rio de Janeiro: Trabalho e Sociedade**, ano 1, n. 1, p. 15-22. 2001. Disponível em: http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/Os_jovens_e_a_cidade.pdf. Acesso em: 29 ago. 2022.

CARVALHO, J. A. B. Pesquisa em Educação e a Pesquisa Documental: um exercício teórico metodológico. *In: Seminário Internacional: Fronteiras Étnico-Culturais e Fronteiras da Exclusão, 7./Seminário Nacional do OBEDUC: Relações étnico-raciais, gênero e desigualdade social no ensino fundamental do 6º ao 9º ano em escolas públicas estaduais de Campo Grande/MS, 2. 2016, Campo Grande. Anais do VII Seminário Internacional: Fronteiras Étnico-Culturais e Fronteiras da Exclusão.* Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco, 2016. Disponível em: <https://repositorio.pgsskroton.com/bitstream/123456789/13753/1/Pesquisa%20em%20Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2022.

CARVALHO, L. D. A Formação Histórico-geográfica do Semiárido Brasileiro. *In: REIS, E. S. et al. (org.). Educação e Convivência com o Semiárido Brasileiro: Reflexões por dentro da UNEB.* 2 ed. Juazeiro: UNEB/Departamento de Ciências Humanas - Campus III/UNEB/NEPEC-SAB/MCT/CNPQ/INSA/ Selo Editorial RESAB, 2013.

CECON, K. Sobre a origem das academias científicas. **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 8-21, jan./jun. 2021.

COUTO, L. D. S. **Rastros da elegia de Propércio na lírica de Francesco Petrarca.** 2022. 97 p. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2022.

ELIAS, S. S. R.; MARTINS, D. R. O papel das Academias para o nascimento da elite intelectual na América Portuguesa. **Revista da FLUP**, Porto, IV Série, vol. 7, n. 2. 2017. 49-69 DOI: 10.21747/0871164X/hist7_2a4. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/16034.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2023.

ESPÍRITO SANTO, S. M.; CARONI, S. L. Instituições na Projeção do Passado: O Uso da Imagem de Acervo na Educação não Formal. **ÁGORA: Arquivologia em debate**, Florianópolis, v. 30, n. 60, p. 275-287, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/844>. Acesso em: 23 jan. 2024.
FARTHING, S. (ed.). **501 grandes artistas.** Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

FERNANDEZ, R. S. Cidades Educativas. *In: PARK, M. B.; FERNANDEZ, R. S.; CARNICEL, A. (org.). Palavras-chave em educação não formal.* Holambra: Editora Setembro; Campinas, SP: UNICAMP/CMU, 2007, p.294.

FERREIRA, A.V.; SIRINO, M. B.; MOTA, P. F. Educações: uma Introdução em Construção. **Interfaces Científicas**, Aracaju, v.8, n.3, p. 584-596, publicação contínua. 2020.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio Júnior: dicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2006.

FREITAS, H. C. **Uns textos Mambembes (Quase todos sobre coisas e gente da velha aldeia)**. Salvador: Ponto e Vírgula Publicações, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. – São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. Cultura: um conceito reacionário? *In*: GUATTARI, F.; ROLNIK, S. (org.). **Micropolítica - Cartografias do Desejo**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1996. cap. 1, p. 15-24. Disponível em: https://lasalvia.prof.ufabc.edu.br/wp-content/uploads/2020/06/GUATTARI-F%C3%A9lix_-ROLNIK-Suely.-Micropol%C3%ADtica-Cartografias-do-Desejo.pdf. Acesso em: 29 set. 2022.

GODOY, A. S. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29, mai./jun. 1995. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 ago. 2022.

GOHN, M. G. Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social. **Meta: Avaliação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 28-43, jan./abr. 2009. Disponível em: [file:///C:/Users/Host/Downloads/1-52-3-PB%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/Host/Downloads/1-52-3-PB%20(4).pdf) Acesso em: 19 jan. 2024.

GOHN, M. G. Introdução - Cenário Geral: Educação não Formal - O que é e como se localiza no campo da cultura. *In*: GOHN, M. G. (org.). **Educação não formal no campo das artes**. São Paulo: Cortez Editora, 2015.

GOHN, M. G. Educação não formal nas instituições sociais. **Revista Pedagógica, Chapecó**, v. 18, n. 39, p. 59-75, set./dez. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v18i39.3615>. Disponível em: <file:///C:/Users/Host/Desktop/disserta%C3%A7%C3%A3o%20textos/5840270%20Maria%20GI%C3%B3ria.pdf>. Acesso em: 30 set. 2022.

GOMES, A. M. **Imaginário social da seca, suas implicações para a mudança social**. Recife: FUNDAI, Editora Masangana, 1998.

GROTOWSKI, J. **Em busca de um teatro pobre**. RJ: Civilização Brasileira, 1992.

HOLANDA, S. B. 1902-1982. Raízes do Brasil. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUSSERL, Edmund. – **A Ideia da Fenomenologia**. Edições 70 (Brasil), Ltda. Tradução de Artur Morão. Rio de Janeiro – RJ, 1989.

LARAIA, R. B. **Cultura: uni conceito antropológico**. 14.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. – São Paulo: Cortez Editora, 2006.

MACHADO, C. M. L. Senhor do Bonfim, Minha Rua, Minha História. *In*: MACHADO P. B. (org.). **Blog do Paulo Machado**. Senhor do Bonfim, 05 set. 2010. Disponível em: <https://blogpaulomachado.wordpress.com/2010/09/05/senhor-do-bonfim-minha-rua-minha-historia/>. Acesso em: 20 jul. 2023.

MACHADO, P. **Páginas Bonfinenses**. Senhor do Bonfim, 2010.

MACHADO, P. **Três Longas Poesias e Alguns Curtos Poemas**. Senhor do Bonfim: Edições Sertão, 2008.

MALVEZZI, R. **Semi-árido uma visão holística**. Brasília: Confea, 2007.

MARTINI, R. S. A fenomenologia e a epochê. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, n. 21/22, p. 43-51, 1998/1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/GR4xVs5xgNRKPFwG4S37jXx/?lang=pt#top>. Acesso em: 30 ago.2022.

MARTINS, J. S. **Os Sentidos da Educação Escolar na Metáfora do Desenvolvimento Sustentável do Sertão Semi-Árido: O Caso do Povoado do São Bento**. 2002. 190 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – L’Université du Québec à Chicoutimi, Universidade do estado da Bahia, 2002.

MARTINS, J. S. **Anotações em torno do conceito de Educação para a Convivência com o Semi-Árido**. *In*: OLIVEIRA, A. C. N. **Educação para a convivência com o semi-árido: reflexões teórico-práticas**. 2. ed. Juazeiro: Secretária Executiva da RESAB. 2006, p. 35-36.

PINZOH, Josemar Martins. - **Pesquisa-criação: uma experiência com escrita docente autobiográfica**. Salvador: EDUNEB, 2012.

MENEZES, Ana Célia Silva; REIS, Edmerson dos Santos. **O currículo contextualizado na educação do/no campo: algumas reflexões a partir da experiência pedagógica do município de Uauá – BA**. *in*. O Paradigma Cultural: interfaces e conexões / organização Edmerson dos Santos Reis, Josemar Martins Pinzoh. – 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2016.

MUYLAERT, C. J.; SARUBBI JR, V.; GALLO, P. R.; NETO, M. L. R.; REIS, A. O. A. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 48, n. 2, p.:193-199, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reusp/a/NyXVhmXbg96xZNPWt9vQYct/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 jun. 2022.

NASCIMENTO, J. G. **A ACLASB e a origem das academias**. Discurso proferido em comemoração ao dia da Cultura Bonfinense e Aniversário da ACLASB. Senhor do Bonfim, 07 dez. 2011. Disponível no arquivo pessoal do autor e no arquivo da ACLASB).

NASCIMENTO, J. G. **Crônicas da Terra do Sol**. São Paulo: Lura Editorial, 2018.

NÉRI, Â. C.; SILVA, E. R.; SOUZA, I. P. F. Reflexões sobre a Formação continuada de Professores na Perspectiva para a Convivência com o Semi-árido. *In*: OLIVEIRA, A. C. N. **Educação para a convivência com o semi-árido: reflexões teórico-práticas**. 2. ed. Juazeiro: Secretária Executiva da RESAB. 2006.

NETO, J. M. O. **Cinzas dos Mortais, Chamas da Imortalidade: um Estudo sobre Trajetórias e Sucessões na Academia Paraibana de Letras**. 2013. 176 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2013. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/1732>. Acesso em: 22 mar. 2023.

OLIVEIRA, C. K. Breve Introdução ao Giro Decolonial: Poder, Saber e Ser. *In*. SEMINÁRIO CIENTÍFICO DA FACIG, 2./JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA FACIG, 1., Manhaçu. **Anais do II Seminário Científico da FACIG/I Jornada de Iniciação Científica da FACIG**. Manhaçu: Faculdade de Ciências Gerenciais de Manhuaçu, 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/Host/Desktop/Teoria%20decolonial%20I.pdf>. Acesso em: 25 out. 2023.

PARK, M. B.; FERNANDEZ, R. S. Educação informal. *In*: PARK, M. B.; FERNANDEZ, R. S.; CARNICEL, A. (org.). **Palavras-chave em educação não formal**. Holambra: Editora Setembro; Campinas: UNICAMP, 2007. p. 294.

PEREIRA, V. A. **O lugar da arte no espaço cotidiano da convivência com o Semi-Árido**. *In*: OLIVEIRA, A. C. N. **Educação para a convivência com o semi-árido: reflexões teórico-práticas**. 2. ed. Juazeiro: Secretária Executiva da RESAB. 2006, p. 35-36.

PITA, E. C. M. **Lua Nua: Trovas, Contos e Poesias**. 1. ed. Senhor do Bonfim, 2018.

REIS, E. S.; PINZOH, J. M. (orgs.) - **O Paradigma Cultural: interfaces e conexões**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2016.

RIBEIRO, A. **Cordel Novo - Bom Início e Fim de Feira**. 2010. (Publicação própria).

RIBEIRO, A. **A História da Educação (cordel)**. 2010. (Publicação própria).

RIBEIRO, A. Mini biografia. *In*: CIARLINI, C. *et al.* (orgs.). **Oxente! poemas nordestinos: antologia do Piauí Poético**. Teresina: Área de Criação, 2023.

RIOS, P. P. S. Estágio docente em espaços não escolares: narrativas de formação no curso de Pedagogia. **Debates em Educação**, Maceió, v. 12, p. 213-231, dez. 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/10213>. Acesso em: 14 set. 2021.

ROCHA, R. Uma Introdução à Teoria Musical na Antiguidade Clássica. **Via Litterae, Anápolis**, v. 1, n. 1, p. 138-164, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/vialitterae/article/view/4565pdf>. Acesso em: 17 out. 2023.

RODRIGUES, P. E. L. **Falar da ACLASB**. Relato escrito oferecido pelo autor (membro da ACLASB). 2023. (Arquivo Pessoal).

SANTIAGO, M. C. A. C. B. Educação pela arte: O papel social desempenhado na formação do jovem. *In*: GOHN, M. G. (org.). **Educação não formal no campo das artes**. São Paulo, 2015, p. 67-82.

SANTOS, E. C. **Consonâncias e Discrepâncias: (memórias e memoráveis)**. São Paulo: Scortecci, 2014.

SILVA, J. M. O.; LOPES, R. L. M.; DINIZ, N. M. F. Fenomenologia. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 61, n. 2, p. 254-257, mar./abr. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/7y7W8mcJns5c4TY4hgGBqWg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 fev. 2024.

SILVA, J. R. M. **Ao Som da Lira (1956-1985)**. Salvador: EGBA, 1997.

SILVA, R. M. **Luzes do Alvorecer. 1945-1954**. Salvador, 1954.

SILVA, R. M. **Lírio no Campo**. Paulo Afonso: Editora Fonte Viva, 1998.

SILVA, R. C. **Dionísio pelos trilhos do trem: Circo e teatro no sertão do Brasil**. Curitiba: CRV, 2018.

SPAZZIANI, M. L.; SARDINHA, P. S. Educação ambiental. *In*: PARK, M. B.; FERNANDEZ, R. S.; CARNICEL, A. (org.). **Palavras-chave em educação não formal**. Holambra: Editora Setembro; Campinas: UNICAMP, 2007. p. 123-142.

SPOSITO, M. P. Juventude e Educação: interações entre a educação escolar e a educação não-formal. **E&R – Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.33, n. 2, p. 83-98, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/7065/4381>. Acesso em: 18 jan. 2024.

TOURINHO, C. D. C. A radicalização da epoché fenomenológica: inversão do transcendente e oscilação do objeto intencional em Husserl. **Revista Ética e Filosofia Política**, Juiz de Fora, v. 2, n. 14, p. 22-36, dez. 2013. Disponível em: www.ufjf.br/eticaefilosofia. Acesso em: 03 fev. 2024.

VASCONCELOS, C. P. A Construção da Imagem do Nordeste/Sertanejo na Constituição da Identidade Nacional. *In*: ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2., 2006, Salvador. **Anais do II Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. Salvador: Faculdade de Comunicação – Universidade Federal da Bahia. Disponível em: https://www.cult.ufba.br/enecul2006/claudia_pereira_vasconcelos.pdf. Acesso em: 30 set. 2022.